



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARQUITETURA E URBANISMO**

**Bembé do Mercado
a cidade de Santo Amaro como
lugar de resistência**

Marcus Vinicius dos Santos Dias



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E
URBANISMO

MARCUS VINICIUS DOS SANTOS DIAS

BEMBÉ DO MERCADO:
A CIDADE DE SANTO AMARO/BA
COMO LUGAR DE RESISTÊNCIA

Salvador
2025

MARCUS VINICIUS DOS SANTOS DIAS

**BEMBÉ DO MERCADO:
A CIDADE DE SANTO AMARO/BA
COMO LUGAR DE RESISTÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Conservação e Restauro.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ariadne Moraes Silva
Coorientador: Prof.^o Dr.^o Fábio Macêdo Velame

Salvador
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FA)

D541

Dias, Marcus Vinicius dos Santos.

Bembé do Mercado [recurso eletrônico]: a cidade de Santo Amaro/Ba como lugar de resistência / Marcus Vinicius dos Santos Dias. – Salvador, 2025.

177 p. : il.

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Ariadne Moraes Silva

Coorientador: Prof. Dr. Fábio Macêdo Velame

1. Bembé do Mercado. 2. Patrimônio cultural afrobrasileiro. 3. Conservação - Restauro. 4. Candomblé. I. Silva, Ariadne Moraes. II. Velame, Fábio Macêdo. III. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. IV. Título.

CDU: 2-562(813.8)

Responsável técnico: Jeã Carlo Madureira - CRB/5-1531



Universidade Federal da Bahia
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
(PPG-AU)**

ATA Nº 2

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (PPG-AU), realizada em 28/07/2025 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO no. <numAta/>, área de concentração Conservação e Restauro, do(a) candidato(a) MARCUS VINICIUS DOS SANTOS DIAS, de matrícula 2022100937, intitulada Bembé do Mercado: a cidade de Santo Amaro/BA como lugar de resistência.. Às 14:00 do citado dia, Mastada da FAUFBA, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Profª. Dra. ARIADNE MORAES SILVA que apresentou os outros membros da banca: Prof. Dr. FABIO MACEDO VELAME, Profª. Dra. MAYARA MYCHELLA SENA ARAUJO e Profª. Dra. Thais Fernanda Salves de Brito. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora APROVADO COM DISTINÇÃO o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Documento assinado digitalmente
gov.br THAIS FERNANDA SALVES DE BRITO
Data: 29/07/2025 09:07:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Thais Fernanda Salves de Brito, UFRB

Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente
gov.br FABIO MACEDO VELAME
Data: 03/08/2025 13:02:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. FABIO MACEDO VELAME, UFBA

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
gov.br MAYARA MYCHELLA SENA ARAUJO
Data: 29/07/2025 10:33:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. MAYARA MYCHELLA SENA ARAUJO, UFBA

Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
gov.br ARIADNE MORAES SILVA
Data: 04/08/2025 22:21:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. ARIADNE MORAES SILVA, UFBA

Presidente

Documento assinado digitalmente
gov.br MARCUS VINICIUS DOS SANTOS DIAS
Data: 04/08/2025 09:58:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

MARCUS VINICIUS DOS SANTOS DIAS

Mestrando(a)

Dedico este trabalho aos meus pais, Adauto Ramos Dias (*in
memoriam*) e Crenice Maria dos Santos Dias.

AGRADECIMENTOS

Aos Orixás, pelos caminhos abertos e também por aqueles que me foram fechados, os quais me direcionaram até aqui e mais além.

Aos meus orientadores, a Prof.^a Dr.^a Ariadne Moraes Silva e o Prof. Dr. Fábio Macedo Velame, este o grande griô do Grupo Etnicidades, amigo de longa data, fonte de inspiração e de saber, pelo acolhimento, confiança, paciência e entrega na orientação valiosa desta dissertação.

Às Professoras Doutoras Mayara Mychella Sena Araújo e Thais Fernanda Salves de Brito, pelas contribuições sinceras e potentes nos processos de avaliação deste trabalho.

A meu Pai Iba de Oxóssi, por me adentrar na senda do sagrado e aos meus irmãos e irmãs do *Ilê Axé Iá Odé Lailá*, pelo acolhimento, convivência e ensinamentos.

A Pai Pote, pela inspiração e pela condução da Festa do Bembé do Mercado. Agradecimento extensivo aos irmãos do Terreiro *Ilê Axé Oju Onirê* e às demais comunidades de terreiros santamarenses, representadas na Associação Beneficente Bembé do Mercado.

Ao Babaquequerê do Terreiro *Ilê Axé Oju Onirê*, Babá Geri, pela inspiração das suas palavras, que me influenciaram na construção desta dissertação.

À Prof.^a Dr.^a Ana Rita de Machado, Ekedi do *Oju Onirê* e *Ya Egbé* do Bembé do Mercado, pelas conversas inspiradoras e constante incentivo.

Aos meus colegas do Grupo de Pesquisas Etnicidades.

Ao amigo e fundador do Centro Referencial de Documentação de Santo Amaro, Raimundo Arthur, pelas conversas e informações cedidas.

Aos meus colegas de trabalho da Seinfra, Prefeitura Municipal de Santo Amaro, que passaram pela gestão 2020/2024, Chico, Daniela, Taíse, Lavínia, Same, Givaldo e Andrea.

A Cláudia Jorge e à minha sobrinha Eduarda, pela revisão do texto.

Aos funcionários do Arquivo Público Municipal de Santo Amaro.

Aos meus amigos e familiares, meus sinceros agradecimentos pelas orações e energias positivas emanadas.

Gratidão a todos vocês, *adupé!* Axé!

RESUMO

A presente dissertação versa sobre a Festa do Bembé do Mercado, celebração religiosa, cívica e cultural das comunidades tradicionais de terreiros da cidade de Santo Amaro que comemora o 13 de maio desde o ano de 1889. O Bembé do Mercado, como tradicionalmente ficou conhecido, é registrado como Patrimônio Cultural Imaterial Nacional no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e no Instituto do Patrimônio Cultural Imaterial Nacional (IPAC). O objetivo da pesquisa é examinar, a partir de uma perspectiva bibliográfica afrocentrada, como a Festa do Bembé do Mercado através das suas dinâmicas e rituais, apropria-se, sacraliza e ressignifica os espaços públicos urbanos, as suas arquiteturas e paisagens naturais da cidade de Santo Amaro. Para tanto, buscou-se descrever aspectos da sua formação histórica, cartografar as celebrações ritualísticas do Bembé, a partir de diferentes escalas de abordagem do território e relatar a participação na elaboração e implantação de projeto arquitetônico e urbanístico de requalificação do Largo do Bembé do Mercado, onde acontece a festa. As fontes documentais utilizadas foram dossiês de instrução dos órgãos do patrimônio (IPAC e IPHAN), periódicos de época, entrevistas com detentores e participantes da festa, livros de memorialistas e tradição oral da comunidade candomblecista da cidade de Santo Amaro. O trabalho de pesquisa permitiu reforçar a ideia da celebração do Bembé do Mercado para além das dimensões religiosa e estética, valorizando e ressaltando a sua importância enquanto projeto político de reconstrução epistêmica e de reterritorialização simbólica da cultura de matriz africana.

Palavras-chave: Bembé do Mercado; Patrimônio Cultural Afro-brasileiro; Conservação e Restauro; Candomblé; Território.

ABSTRACT

This dissertation discusses the Bembé do Mercado Festival, a religious, civic, and cultural celebration of the traditional terreiro communities of the city of Santo Amaro, commemorating May 13th since 1889. The Bembé do Mercado, as it has traditionally been known, is registered as a National Intangible Cultural Heritage site with the National Institute of Historical and Artistic Heritage (IPHAN) and the National Institute of Intangible Cultural Heritage (IPAC). The objective of this research is to examine, from an Afrocentric bibliographic perspective, how the Bembé do Mercado Festival, through its dynamics and rituals, appropriates, sanctifies, and resignifies the urban public spaces, architecture, and natural landscapes of the city of Santo Amaro. To this end, we sought to describe aspects of its historical formation, map the Bembé ritualistic celebrations from different scales of territorial approach, and report on participation in the development and implementation of an architectural and urban redevelopment project for Largo do Bembé do Mercado, where the festival takes place. The documentary sources used were instruction dossiers from heritage agencies (IPAC and IPHAN), periodicals, interviews with festival keepers and participants, books by memorialists, and the oral tradition of the Candomblé community in the city of Santo Amaro. The research reinforced the idea of the Bembé do Mercado celebration beyond its religious and aesthetic dimensions, valuing and highlighting its importance as a political project of epistemic reconstruction and symbolic reterritorialization of African-based culture.

Key-words: Bembé do Mercado; Afro-Brazilian Cultural Heritage; Conservation and Restoration; Candomblé; Territory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES/FOTOGRAFIAS

Capa: Presentes do Bembé do Mercado (Arquivo do Autor, 2025)

Imagen 01 – Confirmação para Ogã de Oxóssi, Terreiro Ilê Axé Iá Odé Lailá.

Imagen 02 – Confirmação para Ogã de Oxóssi, Terreiro Ilê Axé Iá Odé Lailá.

Imagen 03 – Vista do Rio Subaé com a ponte do Xaréu, no centro.

Imagen 04 – Casa de Câmara e Cadeia de Santo Amaro.

Imagen 05 – Mercado Cerqueira Mendes. Vista da Fachada Frontal.

Imagen 06 – Mercado Cerqueira Mendes. Vista da Fachada Posterior.

Imagen 07 – Vista Panorâmica do Centro Histórico de Santo Amaro, década de 1880.

Imagen 08 – Vista Panorâmica do Centro Histórico de Santo Amaro, década de 1940/1950.

Imagen 09 – Vista da Avenida Presidente Vargas, Feira Livre, durante o dia.

Imagen 10 – Vista do Largo do Mercado num final de tarde.

Imagen 11 – Vista geral da Avenida Presidente Vargas durante a noite.

Imagen 12 – Imagem que retrata o resultado da explosão do dia 23 de junho de 1958.

Imagen 13 – Anúncio da Festa do Bembé, Jornal Ofício do Município de Santo Amaro, nº 2096, edição de 8 de Maio de 1976.

Imagen 14 – Nota a respeito da Festa do Bembé, comemoração do Centenário da Abolição.

Imagen 15 – Pai Pote entrega Moção de aplausos terreiro Ilê Axé Iá Odé Lailá.

Imagen 16 – Largo do Mercado, com toldos armados para a Festa do Bembé.

Imagen 17 – Vista do Largo do Mercado, com a cobertura implantada no ano de 2006.

Imagen 18 – *Folder* da Festa do Bembé do ano de 2014 – frente.

Imagen 19 – *Folder* da Festa do Bembé do ano de 2014 – fundo.

Imagen 20 – *Folder* da Festa do Bembé do ano de 2023 – capa.

Imagen 21 – *Folder* da Festa do Bembé do ano de 2024 – capa.

Imagen 22 – Farofa, água e folhas.

Imagen 23 – *Xirê* no Barracão do Mercado, ano de 2024.

Imagen 24 – *Xirê* no Barracão do Mercado, ano de 2024.

Imagen 25 – *Xirê* no Barracão do Mercado, toque dos Ogãs.

Imagen 26 – Programação da Oficina - Plano de Salvaguarda do Bembé do Mercado.

Imagen 27 – Oficina para elaboração do Plano de Salvaguarda do Bembé do Mercado.

Imagen 28 – Ebô de Oxálá.

Imagen 29 – Comidas votivas de Oxóssi, feijão fradinho torrado, milho e axoxô.

Imagen 30 – Caminhada pela reforma da Casa do Bembé do Mercado.

Imagen 31 – Ato público pela reforma do futura Casa do Bembé do Mercado.

Imagen 32 – Futura Casa do Bembé do Mercado.

Imagen 33 – Entrega da escritura do imóvel onde será instalada a Casa do Bembé.

Imagen 34 – Convite – Palestra: Guardiões da Tradição: Diálogo para a construção do Centro de Referência Bembé do Mercado.

Imagen 35 – Missão Patrimônio Cultural Afro-brasileiro na UNESCO.

Imagen 36 – Babá Geri, e suas peças de artesanato.

Imagen 37 – Cerimônia na Câmara de Vereadores de Santo Amaro.

Imagen 38 – Exposição MIMÓ – Revelando o Sagrado.

Imagen 39 – Ritual de erguimento do mastro do 13 de Maio, no Bembé do Mercado.

Imagen 39a – Casa de Iemanjá.

Imagen 39b – Roda de Capoeira.

Imagen 39c – Apresentação de grupo do Maculelê.

Imagen 39d – Nego Fugido de Acupe.

Imagen 39e – Nego Fugido de Acupe.

Imagen 39f – Samba de Roda – Samba Lailá.

Imagen 40 – Impacto da montagem das barracas na Feira Livre.

Imagen 41 – Impacto da montagem das barracas na Feira Livre.

Imagen 42 – Ritual de consagração do Barracão do Mercado.

Imagen 43 – Ritual de consagração do Barracão do Mercado.

Imagen 44 – Ritual de despacho, a Exu.

Imagen 45 – Ritual de despacho, a Exu.

Imagen 46 – Ritual de despacho, a Exu.

Imagen 47 – Busto de João de Obá.

Imagen 48 – Ciclo de Palestra – Largo do Bembé do Mercado.

Imagen 49 – Faixa - Feira de Artesanato.

Imagen 50 – Feira de Artesanato.

Imagen 51 – Largo do Mercado, noite do Bembé.

Imagen 52 – Vista do palco, apresentação artística após o xirê.

Imagen 53 – Ritual do amalá, de Xangô.

Imagen 54 – Amalá, de Xangô.

Imagen 55 – Chegada do presente no Largo do Mercado, sábado à noite.

Imagen 56 – As pessoas aguardando os presentes adentrarem no Barracão do Bembé.

Imagen 57 – Presente de Iemanjá sendo carregado em direção ao Barracão do Bembé.

- Imagen 58 – Presente de Oxum sendo carregado em direção ao Barracão do Bembé.
- Imagen 58^a – Ajeun, refeição coletiva no Largo do Bembé.
- Imagen 59 – Vista de um trecho da Orla da Praia de Itapema.
- Imagen 59a – Estacionamento de veículos – vilarejo de Itapema.
- Imagen 59b – Estacionamento de veículos – Rodovia BA 878.
- Imagen 60 – Orla da Praia de Itapema.
- Imagen 61 – Chegada dos presentes na Praia de Itapema.
- Imagen 62 – Embarque dos presentes.
- Imagen 63 – Entrega do presente - vista geral da Orla da Praia de Itapema, a partir do mar.
- Imagen 64 – Embarque dos presentes.
- Imagen 65 – Ritual de agradecimento às águas – Praia de Itapema.
- Imagen 66 – Fotografia do interior do Mercado Municipal, estrutura de cobertura antiga.
- Imagen 66.a – Avenida Presidente Vargas, meados do século XX.
- Imagen 66.b – Avenida Presidente Vargas, dias atuais.
- Imagen 67 – Convite de Audiência Pública, para apresentação do projeto de restauro do Mercado Municipal de Santo Amaro, contratado pelo IPHAN.
- Imagen 68 – Trecho da Planta geral de Consolidação do Projeto de Requalificação da Feira Livre e Bembé do Mercado, contratado pelo IPHAN.
- Imagen 69 – Largo do Bembé, anterior à reforma de 2022/23.
- Imagen 70 – Vista de topo do Largo do Bembé – layout de paginação de piso.
- Imagen 71 – Abdias do Nascimento, Padê de Exu. Acrílico sobre tela, 100 x 150 cm.
- Imagen 72 – Vista em detalhe do Largo do Bembé – espaço do Barracão.
- Imagen 73 – Vista aérea do Largo do Bembé.
- Imagen 74 – Vista aérea do Largo do Bembé com a cobertura projetada.
- Imagen 75 – Vista em detalhe do Largo do Bembé, com o pilar e a peça de Xangô.
- Imagen 76 – Convite - Audiência Pública.
- Imagen 77 – Registro de Audiência Pública para apresentação do Projeto de Requalificação do Largo do Bembé do Mercado.
- Imagen 78 – Inauguração do busto de João de Obá.
- Imagen 79 – Início da obra do Largo do Mercado.
- Imagen 80 – Montagem da estrutura do telhado.
- Imagen 81 – Construção do piso, Oxé de Xangô.
- Imagen 82 – Montagem do pilar de sustentação da cumeeira.
- Imagen 83 – Instalação do pilar que sustenta a cumeeira e da ferramenta de Xangô.

Imagen 84 – Vista interna do Largo do Mercado, após obra de requalificação.

Imagen 85 – Vista geral do Largo do Mercado, após obra de requalificação.

SIGLAS

ABBM – Associação Beneficente Bembé do Mercado

BCEB – Biblioteca Central do Estado da Bahia (Biblioteca dos Barris)

CECULT – Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas

CONDER – Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia

CTR – Consórcio do Território do Recôncavo

EMBASA – Empresa Baiana de Água e Saneamento

IGHB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

INOCOOP – Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais da Bahia e Sergipe

IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

SEINFRA – Secretaria Municipal de Infraestrutura e Desenvolvimento Urbano

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

CUMOA – Centro de Umbanda Mística Oxum Apará.

LISTA DE MAPAS

MAPA 01. Cartografia Infanto-juvenil.

MAPA 02. A cidade de Santo Amaro situada no Recôncavo Baiano.

MAPA 03. Mapa do Centro Histórico de Santo Amaro.

MAPA 04. Configuração Urbana, início do século XX – Cidade de Santo Amaro.

MAPA 05. Dimensões da ocupação do território pelos rituais da Festa do Bembé.

MAPA 06. Terreiros da ABBM - Sede do município de Santo Amaro.

MAPA 07. Dimensão macro, o Bembé e a cidade de Santo Amaro.

MAPA 08. Terreiro *Ilê Axé Oju Onirê*, Planta de Situação esquemática.

MAPA 09. Estruturação da Festa do Bembé no Largo do Mercado.

MAPA 10. Esquema de fluxo dos rituais no Largo do Mercado.

MAPA 11. Esquema de estruturação do Barracão do Bembé.

MAPA 12. Percurso dos presentes para Iemanjá e Oxum.

MAPA 13. Percurso, chegada dos presentes – Praia de Itapema.

QUADROS

Quadro 1. Relação dos Terreiros que fizeram parte da fundação da Associação Beneficente Bembé do Mercado

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO - UM CONVITE DE EXU PARA BRINCAR NO MERCADO	14
2.	APRESENTAÇÃO	22
3.	UM LEGADO DE RESISTÊNCIA ANCESTRAL	34
	3.1 Uma cidade, duas celebrações	
	3.2 O novo Mercado Municipal e a formação do Largo	
	3.3 A consolidação do Bembé no Largo do Mercado	
	3.4 Afirmação da Festa do Bembé do Mercado	
	3.5 Patrimonialização da festa do Bembé do Mercado	
4.	A CIDADE COMO FORMA DE RESISTÊNCIA:	88
	Dimensões distintas da ocupação do território pela Festa do Bembé do Mercado	
	4.1 O Bembé e a cidade de Santo Amaro	
	4.2 O Bembé e o Largo do Mercado	
	4.3 O Bembé e o Barracão	
	4.4 O Bembé e a Praia de Itapema	
5.	INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO:	143
	Requalificação Urbana do Largo do Bembé do Mercado	
	5.1 Cenário e conjuntura institucional	
	5.2 Participação popular e elaboração projetual	
	5.3 Execução da obra do Largo do Bembé	
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	171
	GLOSSÁRIO	175

1. INTRODUÇÃO - UM CONVITE DE EXU PARA BRINCAR NO MERCADO

“Èsù Ònà,
 Èsù Ònà mo tire lode, Elégbára
 Bara ni ìye, Èsù ònà oke wa o!”¹

Exu dos caminhos,
 Exu conhece o seu caminho lá fora, ele é poderoso
 Bara é a vida, é o caminho que nos leva para o topo.

Laroyê, Exu! Mojubá.

As lembranças que trago na memória da Feira Livre de Santo Amaro e do seu Mercado Municipal – edifício que tem um largo à sua frente, antes ocupado pelos feirantes e onde acontece a Festa do Bembé do Mercado – remontam à minha primeira infância. Meus pais, Adauto e Crenice, especialmente meu pai, eram frequentadores assíduos da feira que acontece em Santo Amaro, a qual se espalhava pela Avenida Getúlio Vargas, às margens do Rio Subaé, e pelas ruas transversais que invadem o Centro Histórico. Meu pai criou uma grande afeição a esta cidade, mesmo não sendo santamarense. Nela, ele se casou com minha mãe e residiu por grande parte da sua vida. Nasceu em São Francisco do Conde, cidade vizinha a Santo Amaro. Meu avô paterno era pescador, Seu Totonho, também franciscano. A família de minha avó paterna, Dona Luiza, é da Ilha de Maria Guarda, antiga área remanescente de quilombo, pertencente ao município de Madre de Deus. Meu pai não foi pescador, mas herdou do meu avô o conhecimento a respeito dos peixes e dos frutos do mar encontrados na Baía de Todos os Santos. Eu aprendi um pouco disso com ele. Minha mãe é santamarense, assim como eu. Sua família é numerosa, pois meus avôs maternos, Seu Luís Vieira e Dona Zinha, tiveram quatorze filhos. Alguns dos meus tios e primos tiveram, e ainda têm, histórico de comerciante no Centro da cidade e na região da Feira Livre.

Até quando gozou de boa saúde, lá estava meu pai, sempre aos sábados, nos primeiros horários da manhã, fazendo as compras de casa na Feira Livre e no Mercado. Eu e minha irmã, Polyana, acompanhava-os algumas vezes. Ademais, mesmo criança, duas coisas me interessavam naquele passeio matinal: comer o pastel da feira, como nos referimos a uma específica iguaria, vendida no mesmo ponto e pela mesma pessoa há quase quatro décadas, e ver os carrinhos de lata que eram vendidos ali mesmo, no chão do Largo do Mercado.

¹ Trecho de canção destinada ao Orixá Exu, em candomblés de origem Ketu.

Eu era fascinado por carrinhos de lata. A “chaparia” era recortada a partir de latas metálicas de óleo de cozinha, fixadas com pregos em peças de madeira serrada, que serviam como estrutura para a montagem dos carrinhos. Havia modelos distintos: caminhões, ônibus, caminhonetes. Estas eram as menores e mais acessíveis. Tinham cerca de treze centímetros de largura, por uns trinta de comprimento, mais uns doze de altura, dimensões que guardam alguma proporcionalidade às de um carro de verdade. Os pneus eram feitos a partir dos solados de sandálias da marca Havaianas que, naquela época, era um produto de custo mais acessível do que hoje em dia. O eixo das rodas dianteiras tinha um prego fixado no centro que funcionava como um pivô, travando uma espécie de “suspensão”, no qual (no eixo), nós, crianças, amarrávamos um cordão em cada lado, formando uma alça que era regulada de acordo com a nossa altura, que nos permitia andar puxando o carrinho de lata, manobrando-o a partir do cordão de forma semelhante à que se manipula uma marionete. Se esticássemos o cordão levemente do lado direito, fazendo o eixo girar para a frente, o carrinho manobrava para o lado oposto e vice-versa. As latas metálicas eram coloridas, pois os layouts dos fabricantes (de óleo de cozinha, tintas, etc.) eram pintados diretamente sobre o metal, dando à exposição dos veículos um ar de movimento e de grande beleza, integrando-os à variedade de formas e cores das mercadorias vendidas na Feira Livre.

Meus pais não me davam um carro de lata a cada sábado, mas era certo comer pastel a cada ida na feira. E quando eu não ia, eles compravam e levavam para casa. Ainda hoje, quase quarenta anos depois, existe o mesmo vendedor de pastel, Messias, o “Pastel do Japão” (ele tem nada de japonês...). Ele não é santamarense e, pelo que sei, reside na cidade de Feira de Santana, mas se tornou uma referência da feira, estando nela presente todos os dias de sábado e segunda. Antigamente vendia-se pastéis de carne e de frango, hoje há outros sabores. Na verdade, o “de carne” trata-se de um recheio de soja cozida com um tempero que lhe dá um sabor especial, a mesma massa e recheio de quatro décadas atrás.

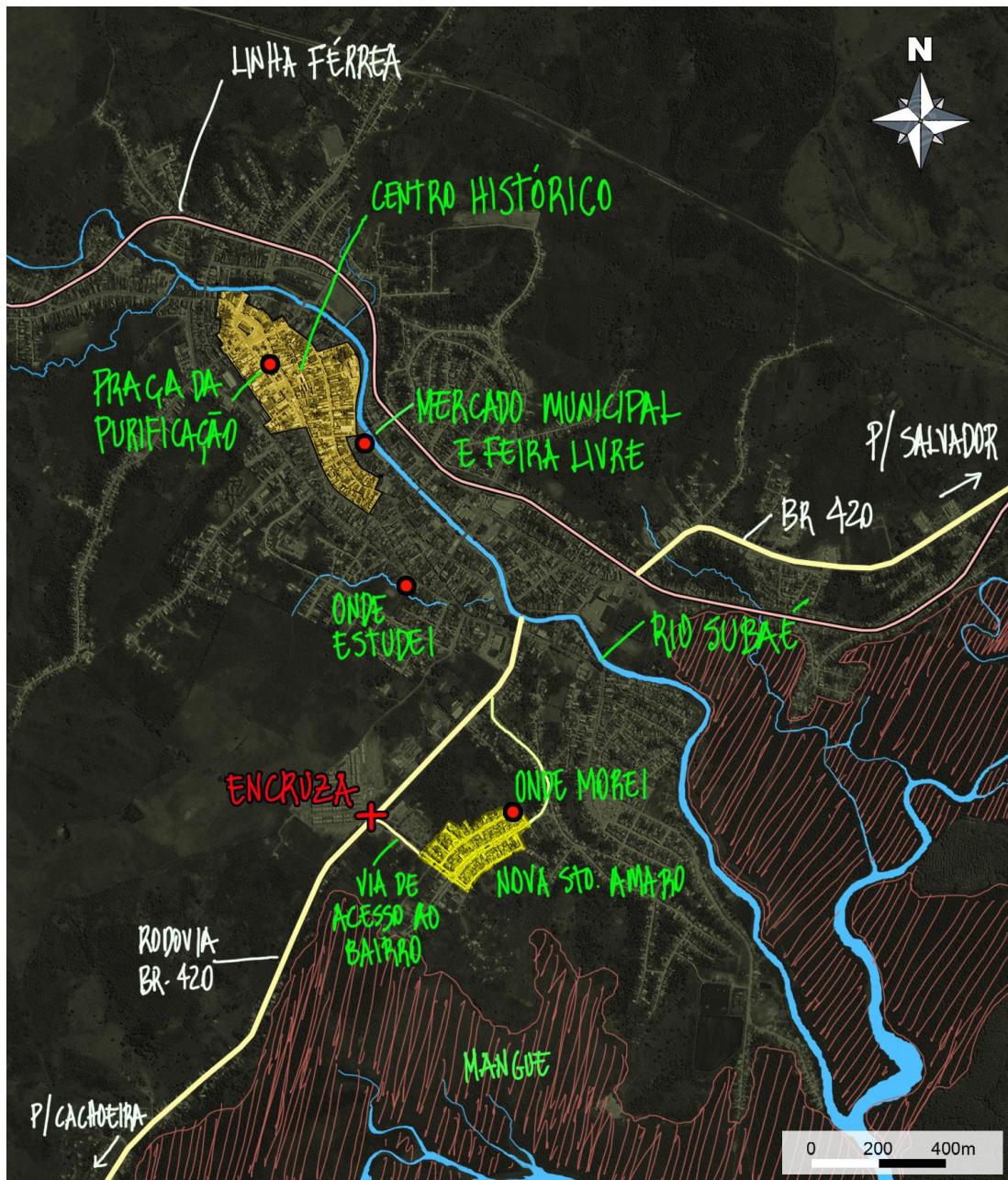
Os carrinhos de lata marcaram e ficaram nas memórias da infância, como um importante vetor de criatividade, de apreensão e domínio da espacialidade, de como trilhar e moldar os territórios das brincadeiras. Ainda hoje, vez ou outra saboreio o mesmo pastel, mas o que ficou impregnado de tudo isso, que carreguei ao longo dos anos, nos diferentes estágios da minha vida, foi o gosto pela ambição da Feira Livre, das trocas a que somos submetidos no mercado: caminhar, pechinchar, comprar, rever pessoas e conversar com elas, puxar assunto com um vendedor qualquer. É o maior espaço de sociabilidade da cidade de Santo Amaro, onde diversas comunidades e representações culturais do Recôncavo Baiano, preto, se encontram, e se misturam, cotidianamente.

Quando criança, esse afeto era limitado e, ao mesmo tempo, potencializado pela distância, pela impossibilidade de estar presente na feira a qualquer momento, visto que residíamos num bairro periférico chamado Nova Santo Amaro, situado distante do Centro, ou da feira. Trata-se de um conjunto habitacional construído no final da década de 1970 pelo INOCOOP, uma antiga cooperativa habitacional. Nele, cheguei com apenas 4 anos de idade, em dezembro de 1980. A Nova Santo Amaro foi um empreendimento estritamente residencial, onde não houve ocupação dos lotes destinados às atividades comerciais, de serviços ou institucionais. Construído na periferia, sem qualquer ligação com a malha urbana da cidade histórica, deslocado dela, tanto que a entrada para o conjunto foi feita através da rodovia BR-420, que dá acesso à sede municipal e liga os municípios de Santo Amaro e Cachoeira, inclusive conectando diretamente as BRs 324 e 101. Portanto, uma rodovia de importante fluxo de veículos, perigosa para o trânsito de pedestres, que necessitavam se deslocar entre o conjunto e os demais bairros da cidade (ver o Mapa 01).

Tal separação da malha urbana impôs, a nós, quando crianças, e aos adultos também, muitas limitações. Havia o perigo do deslocamento, a falta de iluminação na rodovia movimentada que dava acesso ao bairro, a inexistência de transporte público urbano, o medo dos pais em permitir que os filhos se afastassem da própria casa ou do bairro. Uma coisa era se deslocar do Centro da cidade, onde se encontra a Feira Livre, para bairros vizinhos, caminhando pelas ruas, passando por praças, calçadas ocupadas por outras pessoas ou moradores sentados na porta de casa, um sentido pleno de urbanidade.² Outra, era sair do Centro para a Nova Santo Amaro, ou vice e versa, percorrendo um hiato entre a malha urbana antiga e o nosso bairro, muitas vezes correndo perigo de ser assaltado ou agredido.

O sentido de estarmos ilhados, para nós, crianças, era verdadeiro. E então, com o passar da infância, fomos construindo a nossa cidade dentro do nosso bairro, com brincadeiras de rua, as casas de vizinhos e amigos como importantes referências, vasculhando as fazendas e roças ao redor – no limite da sede urbana do município – adentrando o mangue próximo para catar araçá-mirim ou goiaba e colocar armadilhas para pegar guaiamum e passarinhos. Uma ideia fantástica de liberdade e espacialidade, visto que não estávamos dentro da cidade, mas em sua borda. Víamos a cidade de fora para dentro, nós comíamos a cidade pelas beiradas. Isto não significa que não a usufruímos de outras maneiras. Íamos à escola todos os dias, casas de parentes e amigos, consultas médicas, Mercado e Feira Livre, festas, mas o nosso dia a dia foi construído ali, meio que ilhados, no bairro da Nova Santo Amaro.

² Holanda, 2018.



Mapa 01. Cartografia infanto-juvenil. Fonte: Próprio Autor.

Julgo importante fazer esta breve caracterização porque foi assim, na relação vivida entre bairro e cidade, que passei a construir percepções do que é o bairro, a cidade, o território, o lugar habitado, ocupado e explorado, os limites e hiatos dos espaços urbanos, as formas de apropriação dos espaços públicos, não do ponto de vista científico, mas daquilo que vivenciei na minha infância e início da adolescência (fui morar em Salvador aos 14 anos de idade). Tais sentimentos, eu carrego como um patrimônio valioso e me servem de esteio para estudar e analisar os aspectos citadinos.

Naquelas idas e vindas, no andar pelas bordas da cidade, descendo e subindo³, passávamos por algumas encruzilhadas e víamos ebós arriados num mato verde ou no acostamento de asfalto. Alguidares, garrafas de cachaça, farofa, charutos, cigarros, galinha ou galo sacrificados. Certa vez, um amigo viu algumas moedas e cédulas de dinheiro, ele quis pegar, mas desistiu. Tínhamos a crença de que se pisássemos no ebó ou se pegássemos algo dele, seria de mau agouro. Crescemos com a ideia colonialista e epistemicida de que macumba era coisa do diabo, o inimigo cabal do cristianismo. Mas aquele contato era diário, porque íamos caminhando para a escola, então passávamos sempre por ebós e já não nos incomodávamos, pois aquilo era da paisagem. O território estava ocupado por Exu. Há tempos.

Destarte, ainda criança, fui apresentado às religiões de matrizes africanas. Ou melhor, deparei-me com elementos dos seus rituais, num viés que misturava medo, jocosidade e racismo religioso, de maneira que não tive qualquer relação de convivência, ou espiritual, com tais religiões até a minha fase adulta.

O santamarense é festeiro. Isto inclui, claro, suas crianças e seus adolescentes. A cidade possui uma festa que é das mais populares no Recôncavo Baiano: a Festa da Purificação, um novenário em devoção a Nossa Senhora da Purificação, padroeira católica do município, cuja comemoração se dá no dia 2 de fevereiro. O primeiro registro que se tem da devoção à santa católica nesta região, data de 1591, quando já havia uma capela no engenho de cana-de-açúcar Real do Seregipe, este construído por Mem de Sá em 1557, na margem do Rio Seregipe, no estuário do Rio Subaé. A ruína de tal capela e o crescimento daquela praça enquanto nucleação urbana e entreposto comercial, motivou, no final do século XVII, o deslocamento da ocupação para um local situado Rio Subaé acima, a cerca de quatro quilômetros de onde estava o primitivo engenho (Pedreira, 1977, p. 11). A inauguração da nova Igreja Matriz data do ano de 1700. Portanto, trata-se de uma festa com mais de três séculos de existência, composta por uma celebração religiosa seguida de um festejo profano com grande apelo popular, que tem o seu ápice na Lavagem do adro da Igreja da Purificação, uma celebração do candomblé em homenagem aos orixás Oxum e, ou, Iemanjá, que acontece sempre no último domingo do mês de janeiro.

A festa profana era o que pululava nas nossas mentes adolescentes o ano inteiro. Vivíamos (e continuamos vivendo) à espera das festas de fevereiro, da Lavagem, trios elétricos e charangas percorrendo as ruas, dos artistas que iriam cantar, das farras, dos

³ Usamos tal referência porque o bairro da Nova Santo Amaro situa-se num platô, cerca de vinte metros acima da cota média do Centro Histórico.

namoros, curtição, rever parentes e amigos que moravam fora de Santo Amaro, conhecer novas pessoas. A cantora Maria Bethânia, santamarense, eternizou tal experiência nos versos da cantiga de domínio público, “trabalhei o ano inteiro na estiva de São Paulo, só pra passar fevereiro em Santo Amaro”.⁴

Eu me lembro que nos reuníamos na Nova Santo Amaro todas as noites, para irmos à Festa da Purificação, muitas vezes caminhando por aquele percurso perigoso entre o bairro e a cidade. Voltávamos de madrugada para casa geralmente andando também, às vezes conseguíamos carona. Entretanto, nunca nos reunimos para ir à Festa do Bembé do Mercado, uma outra celebração tradicional santamarense e de grande importância para as comunidades e povos de terreiro de matrizes africanas. Durante minha adolescência e início da juventude, isto nunca aconteceu, o fato de ir à festa, porque era uma celebração que não estava no nosso horizonte, seja por falta de interesse, racismo ou por desinformação. Isto valeu para o meu círculo de amizades mais próximas, assim como para os meus pais. Não lembro de meu pai falar sobre o Bembé. Recentemente, um tio paterno me contou que, quando muito jovem, saía de São Francisco do Conde para frequentar a festa do Bembé, lá pelos anos de 1960. Mas hoje ele é evangélico e não trata tais lembranças com alguma simpatia. Minha mãe, octogenária, mesmo morando a vida inteira em Santo Amaro, nunca esteve no Bembé.

A Festa do Bembé do Mercado é uma celebração civil e religiosa das comunidades tradicionais de terreiros de religiões de matrizes africanas santamarenses (Candomblé, Umbanda, Gira de Caboclo), que comemora, desde 1889, o fim do período de privação da liberdade da população negra no Brasil. Acontece na semana do mês de maio que abarca o dia 13, finalizando no domingo, quando são entregues na Praia de Itapema (município de Santo Amaro), os presentes às orixás Iemanjá e Oxum, divindades homenageadas. Desde a década de 1940, a festa acontece no Largo Manoel Querino, popularmente chamado de Largo do Bembé do Mercado, espaço público situado em frente ao Mercado Municipal. É um largo que, há muitas décadas, vem sendo ocupado diariamente pelas barracas da Feira Livre e que, por conta dessa atividade e da Festa do Bembé, também passou por diversas transformações.

A primeira vez que estive na Festa do Bembé do Mercado foi por acaso, com alguns amigos. Havíamos saído do sepultamento de um querido e saudoso companheiro, Ramon, já anoitecendo, e fomos à festa “beber o morto”, como se diz no popular, uma homenagem ao defunto que havia sido um grande farrista e, ele próprio, frequentador daquela celebração religiosa. O cemitério municipal fica próximo do Largo do Bembé. Isso foi em 1998. Esse batismo contou pela farra, bebedeira, curtição e o resultado é que eu não lembro do *xirê*

⁴ Letra de cantiga popular, de domínio público. Autor desconhecido.

naquela noite. Após isso, fiquei vários anos sem ir à festa, mas numa das vezes que retornei, encostei na estrutura de madeira e pindoba⁵ que circunda o barracão, próximo dos ogãs, e fiquei admirando a dança dos filhos e filhas de santo e o toque dos atabaques. Num determinado momento, aquela energia desprendida pela pancada no couro dos instrumentos, pela dança, pela saliva dos que cantavam, me arrebatou e eu achei que fosse incorporar alguma entidade ali mesmo. Recuei, saí assustado e só retornei no ano seguinte.

Entre os anos de 2018 e 2019, em meio a um curso de pós-graduação no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), eu me vi contribuindo no trabalho de pesquisa que originou o Dossiê de Instrução do Registro da Festa do Bembé do Mercado como um Patrimônio Imaterial Nacional, pelo IPHAN (IPHAN, 2019). Nessa época, por intermédio de minha irmã, frequentei algumas vezes um terreiro de Umbanda na cidade de Salvador, o CUMOA (Centro de Umbanda Mística Oxum Apará). Entretanto, devido ao fato de morar em Santo Amaro e ao deslocamento necessário para estar presente em Salvador, não dei continuidade.

Em Santo Amaro, a pedido de uma amiga, hoje minha Mãe Pequena, Carla de Nanã, prestei um serviço de arquitetura ao Terreiro *Ilê Axé Ia Odé Lailá*,⁶ do qual ela é filha. Foi então, por seu intermédio, que conheci Babá Iba de Oxóssi e passei a frequentar o seu terreiro de Candomblé. Passado algum tempo, ele suspendeu-me como ogã da sua casa, de maneira que em 27 de novembro de 2022, fui confirmado Ogã de Oxóssi no *Ilê Axé Ia Odé Lailá*. Este interstício, entre a suspensão e confirmação, durou cerca de dez meses, tempo em que continuei frequentando o terreiro como abiã, participando de festas e do dia a dia da casa, acompanhando aquilo que me fora permitido ver, afastando-me quando era necessário.

Ainda no ano de 2022, iniciei os estudos no Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do PPGAU, mas já vinha desde o ano anterior participando do grupo de pesquisas Etnicidades, o qual tem como objetivo o estudo étnico-racial nas áreas da arquitetura e do urbanismo. Entre os anos de 2022 e 2024, enquanto arquiteto e servidor público da Prefeitura Municipal de Santo Amaro/BA, participei da equipe técnica que projetou e acompanhou a execução das obras civis de requalificação do Largo do Bembé do Mercado e da Orla da Praia de Itapema, ambas intervenções que se inserem no objeto de estudo desta dissertação.

⁵ Pindoba é uma espécie de palmeira típica da região Nordeste. A tradição oral conta que o barracão montado na primeira festa do Bembé foi feito com talas daquela árvore, fato que se manteve ao longo dos tempos e continua nos dias atuais.

⁶ O *Ilê Axé Ia Odé Lailá* é um terreiro da Nação Ketu, fundado em 20 de julho de 2012. Situa-se na Rua H, bairro da Candalândia, na cidade de Santo Amaro. Tem como sacerdote e fundador, Wiliams Vinicius dos Santos Aleixo (Babá Iba de Oxóssi).

Os carrinhos de lata, ali mesmo, no chão da feira da minha infância, foi o convite de Exu para que eu fosse brincar no Mercado. E cá estou.



Imagen 01. Confirmação – Ogã de Oxóssi do Terreiro *Ilê Axé Iá Odé Lailá*, junto com a Ekedi Nena (centro) e o Ogã Luan (criança, à direita). Ambos fizeram parte do barco em que fui confirmado. Fotografia: OCLICKDEOURO. Novembro de 2022.



Imagen 02. Confirmação – Ogã de Oxóssi do Terreiro *Ilê Axé Iá Odé Lailá*. A partir da esquerda: eu, Ekedi Nena, nosso Babalorixá, Iba de Oxóssi e Ogã Luan. Fotografia: OCLICKDEOURO. Novembro de 2022.

2. APRESENTAÇÃO

Candomblé é resistência. E é também sangue, erva, ritmo, dança e som. Tudo isso em mistura, transfigura-se em corpo e ação. Matéria e espírito transfigurados em corpo, ser humano genuíno, encarnação da criação divina, força vital, axé. Ou no plural, matérias e espíritos transfigurados não apenas em corpos, mas em nações inteiras, a força do axé que faz assentamento (*igbá*) e se enraíza, faz morada, mas que, pela ancestralidade, pede transmissão àqueles que ainda estão por vir, reinvenção, cuidados, movimento. Ou como a água, elemento sagrado que transborda de um vaso em movimento: parece perdida, porém, se intencionada, torna-se um vetor de reterritorialização, alimento das ruas, a apropriação do espaço como forma de resistência.

Desde 1889, ocorre no Largo do Mercado Municipal da cidade de Santo Amaro, no Centro Histórico, a Festa do Bembé do Mercado, uma celebração religiosa, cívica e cultural das comunidades tradicionais de terreiros santamarenses, em louvor aos Orixás Iemanjá e Oxum, que também comemora o 13 de Maio, quando se deu a assinatura da Lei Áurea. Trata-se, no Brasil, do único candomblé tocado e dançado em espaço público, mas sem a incorporação dos Orixás, a comemorar esta data, somando-se devoção religiosa, exercício de cidadania, lutas políticas e afirmação da identidade da população negra. Além das celebrações religiosas ligadas ao Candomblé, uma série de manifestações culturais da população negra santamarense integram, historicamente, a Festa do Bembé, como a Capoeira, o Maculelê, o Samba de Roda e o Nego Fugido. Sua relevância e tradição, rendeu-lhe recentemente os registros de Patrimônio Imaterial da Bahia (IPAC, 2012) e do Brasil (IPHAN, 2019), de maneira que, entre os anos de 2023 e 2024, consultas foram feitas à UNESCO no intuito de torná-lo um patrimônio da humanidade.

Conforme Machado (*In Bahia*, 2011, citando Castro, 2001), bembé, etimologicamente, é um termo *Yoruba/Fon*, que significa tambor. Em Cuba, o termo bembé está relacionado ao conjunto de tambores, cantos e danças em homenagem aos orixás em festividades oficiais ou quando lhe são ofertados alimentos (Bahia, 2011, citando Tudela, 2008, p. 201). Em Santo Amaro, o termo bembé, além de nominar a festa, está relacionado ao ato do *xirê*⁷ nos dias em que ele é ritualizado no Largo do Mercado, onde acontece a festa. Assim, “bater” o Bembé quer dizer tocar e dançar o *xirê*, a dança sagrada dos Orixás, é algo específico dentro da celebração, que comporta outras manifestações culturais, citadas anteriormente, e rituais do

⁷ *Xirê* é uma palavra em iorubá que significa “roda”. Refere-se à dança sagrada dos Orixás, quando se toca e dança, sempre começando para o Orixá Exu e finalizando para o Orixá Oxalá.

Candomblé (Padê, entrega do presente às Orixás, *orôs* e *ebós*). Ainda popularmente, diz-se “ir ao Bembé”, como o ato de ir à celebração religiosa. Há também quem considere o termo como uma corruptela de candomblé.

A festa exprime alacridade e diversão, diferentes tipos de sensações, um momento em que a sociedade tece redes de solidariedade, mas também reforça distanciamentos, disputas entre grupos ou formas de preconceitos. Nas festas religiosas, através de cultos e ritos, o homem se aproxima das suas divindades, renovando suas forças e reatualizando saberes e compromissos ancestrais. Para Eliade (2018), o tempo sagrado das festas está inscrito no tempo profano, ou tempo ordinário, “espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos” (Eliade, 2018, p. 64). Ao ocupar os espaços das ruas, as festas do Candomblé sacralizam com seu tempo mítico no espaço profano. Segundo Sodré (2019, p. 125), “o apelo aos deuses implica a sacralização do espaço e do tempo. Do espaço, através de templos ou de espaços especiais para o culto; do tempo, através de datas votivas ou festivas. A festa [...] é a marcação temporal do sagrado.”

O tema desta dissertação são as festividades afrobrasileiras, na forma como elas se apropriam dos espaços públicos urbanos, das suas arquiteturas e paisagens naturais. Daí, questiona-se como a Festa do Bembé (assim é conhecida popularmente pelos santamarenses), a partir de uma perspectiva afrocentrada, nos seus processos de disputas por narrativas, territórios, espaços públicos, arquiteturas e políticos engendrados por seus detentores e atores, relaciona-se com a cidade de Santo Amaro?

A Festa do Bembé, através das suas dinâmicas e rituais, apropria-se, sacraliza e ressignifica espaços públicos, arquiteturas e elementos das paisagens naturais da cidade de Santo Amaro, de maneira que este trabalho de pesquisa teve como objetivo examinar como se confirma tal hipótese. Para tanto, como objetivos específicos, busquei descrever aspectos da formação histórica de tal evento; descrevi as relações da festa com a cidade a partir de diferentes escalas de abordagem do território urbano e municipal, cartografando suas diversas etapas e rituais; relatei minha experiência na participação de equipe técnica da Prefeitura Municipal de Santo Amaro, que elaborou os projetos arquitetônicos e urbanísticos da requalificação do Largo do Mercado (onde acontece a celebração religiosa e os festejos abertos ao público). Inclusive, acompanhei a execução das obras civis deste espaço público essencial para a realização da festa do Bembé.

Justifica-se a realização deste trabalho por ser o Bembé do Mercado uma celebração urbana singular, única no Brasil, um Patrimônio Cultural Imaterial registrado pelo IPHAN em 2019, que extrapola os limites dos terreiros de candomblé santamarenses. Através das práticas

litúrgicas afrobrasileiras centradas no candomblé, o Bembé dinamiza o meio urbano da cidade de Santo Amaro, envolvendo terreiros do Recôncavo, de Salvador e até de fora da Bahia, numa imbricação do sagrado com o território citadino. Isso nos permitiu analisar tais relações a partir da cultura da população negra, trazendo à tona aspectos religiosos, civis, históricos e culturais afro diaspóricos, conforme descrito ao longo desta dissertação. Ressalto que há escassez, no cenário brasileiro, de estudos etnoraciais nas áreas da arquitetura e do urbanismo, em cidades de pequeno e médio porte, a exemplo de Santo Amaro.

Estas cidades menores (em termos do contingente populacional), fazem parte de redes urbanas regionais, como Santo Amaro está para o Recôncavo Baiano, que formam espessos e valiosos caldos culturais que inundam as grandes metrópoles. Portanto, é necessário, sim, voltar os olhos para os fenômenos sociais, festas populares e particularidades destas cidades, visto que, nelas, residem muitas das origens das sociedades brasileiras. E Santo Amaro já deu provas várias, de que é um berço da cultura nacional. Cultura preta. Destarte, este trabalho busca dar uma mínima contribuição no trato destas questões, que são de grande importância e estão na ordem dos nossos dias, tendo em vista as pautas que abordam as questões do racismo, da intolerância religiosa e da desigualdade social, que tanto afetam a população negra no Brasil.

A cidade de Santo Amaro situa-se no Recôncavo Baiano e tem origem em meados do século XVI, quando, naquelas terras, em 1557, foi implantado um engenho de cana-de-açúcar nas margens do Rio Traripe, um afluente do Rio Subaé. O seu surgimento seguiu normas que balizaram as primeiras levas de portugueses que ocuparam o litoral brasileiro (Reis, 2000): usurpação do território indígena e o genocídio da sua população; implantação de engenhos e de pequenos núcleos urbanos nas margens de rios, que facilitavam a circulação e o escoamento da produção agrícola para um centro urbano ou porto de referência (no caso do Recôncavo Baiano, Salvador); a chegada das ordens religiosas católicas; o uso em larga escala, tanto no sistema das *plantations*, quanto nos serviços urbanos, da mão de obra de milhões de africanos sequestrados e escravizados em África.

Santo Amaro está numa encruzilhada. Física, geográfica e epistemológica, que também se revela no território. O próprio Mercado, a Feira Livre, enquanto lugares sociais, de todo tipo de trocas, é uma grande encruzilhada, território de Exu.⁸ Através do Mapa 02, observa-se que o

⁸ Exu, princípio dinâmico de comunicação e de existência individualizada no sistema Nagô. Mesmo numerosos, tendendo ao infinito, sua natureza e origem são únicas. Segundo Juana Elbein dos Santos, “Ésù é o princípio da existência diferenciada em consequência de sua função dinâmica que o leva a propulsorar, a desenvolver, a mobilizar, a crescer, a transformar, a comunicar” (Santos, 2012, p. 141). É um elemento constitutivo de

município é cortado pela linha férrea e por três rodovias, tendo quatro entradas/saídas: para a capital Salvador (via BR-420); para a cidade de Cachoeira (BR-420); para a cidade de Feira de Santana, via BA-084 (esta é uma rodovia que também liga a Sede municipal de Santo Amaro à zona rural, passando por diversas localidades e pelo importante Distrito de Oliveira dos Campinhos); e para as praias e localidades situadas na Baía de Todos os Santos, via BA-878 (Distrito de Acupe e Praia de Itapema, em Santo Amaro; as praias de Cabuçu e Bom Jesus dos Pobres, na cidade de Saubara).



Mapa 02. A cidade de Santo Amaro situada no Recôncavo Baiano. Fonte: Próprio Autor.

No Recôncavo Baiano, chegaram milhares de negros vindos de diversas localidades de África, carregando suas matrizes de saberes, segredos da natureza e do mundo espiritual, tecnologias construtivas e de manejo da terra e de animais, conhecimentos de navegação e mecânica, suas línguas, formas de grafismos e a tradição da oralidade, todo um cabedal que tem como fundo mais de 6 mil anos de civilizações africanas (Cunha Junior, 2020 - B). Não à toa, o Recôncavo Baiano é uma referência cultural e epistemológica para a população negra brasileira.

São diversas, as etnias africanas – ou “nações”, como aqui se chamou – que se enraizaram no Brasil, pela diáspora, com bases filosóficas e cosmogônicas que se diferenciam e se aproximam em aspectos diversos. Dentre elas, podemos citar a nação *Bantu*, originária do

tudo o que existe, não só dos ancestrais (Orixás) e de todos os seres vivos, mas também de tudo o que compõe o universo.

Congo, Sudão e Angola; a nação Iorubá (ou *Nàgô*), originária da costa ocidental africana (Nigéria, Benim); a nação *Jeje*, provenientes do antigo Reino do Daomé (atual Benim); e a nação *Hauçá*, originária do norte da Nigéria e Sul do Níger. É amplamente divulgado que os Iorubás foi a última etnia a ser transportada em grande escala, enquanto pessoas escravizadas, para o Brasil, a partir do final do século XVIII, entrando pelo século XIX. A Bahia, em especial o Recôncavo Baiano, foi um dos seus principais destinos.

Em Santo Amaro, predomina hoje o candomblé da nação Ketu, de origem Iorubá. O Bembé do Mercado, possivelmente, está ligado a um culto de origem Iorubá, mas sua originalidade inclui práticas dos terreiros santamarenses, a exemplo da Umbanda e do Candomblé Angola, ambas com influências da cultura Bantu e dos povos originários indígenas. Contudo, o recorte da dissertação se concentrará na influência da cultura Iorubá, visto que esta é a matriz que tem orientado a realização da festa do Bembé do Mercado ao longo dos anos. Para mim, tal escolha facilitou os estudos e o trabalho de pesquisa porque fui confirmado Ogã⁹ numa casa da Nação Ketu, portanto tenho maior familiaridade. Ainda assim, devo admitir que é uma questão polêmica, que carece de maior atenção, mas que não se tratou de objetivo específico da nossa pesquisa.

Rêgo (2006), sugere que a proeminência de determinadas lideranças dos candomblés Ketu nas décadas de 1930 e 40, e o destaque que lhes era conferido por pesquisadores e estudiosos, deu maior visibilidade às casas da Nação Ketu. Outro fator citado pela autora que reforça tal destaque, foi a expansão urbana que a cidade de Salvador experimentou a partir da segunda metade do século XX. Os terreiros da Nação Ketu teriam se adaptado às condições de falta de espaço natural, em detrimento dos terreiros das nações Jeje e Angola, que necessitam de áreas de mata, cursos d'água ou a existência de árvores sacralizadas para realizarem seus cultos e fundamentos religiosos.

De antemão, ressalto o fato de que Santo Amaro é uma cidade de população negra e afrodescendente,¹⁰ de maneira que especificidades das culturas e filosofias africanas pautaram esta dissertação. Destarte, este trabalho tem como referencial teórico fundamental a corrente filosófica do Afrocentrismo. Seu principal teórico, o filósofo norte americano Molefi Kete Asante, considera que os africanos, estando eles situados em África ou em diáspora, devem

⁹ Ogã, é um cargo masculino do candomblé. Não entra em transe, portanto não incorpora os orixás, e justamente por isso, está apto a realizar uma série de funções essências na liturgia do candomblé e no funcionamento das casas de culto, o Ilê Axé (o terreiro). Cabe ao Ogã tocar os instrumentos e puxar os cânticos durante o xirê, cuidar e executar os rituais de sacrifício dos animais votivos, colher as folhas e ervas na mata, zelar pela organização do Ilê Axé, ajudar o/a sacerdote na manutenção da ordem, entre outras funções.

¹⁰ Segundo o censo do IBGE de 2022, a população de Santo Amaro era de 56.012 habitantes, dos quais cerca de 94% declarou-se como negra (51,0%) ou parda (43,0%).

colocar-se e serem percebidos, “como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (Asante, 2009, p. 93). Seguindo essa linha, Mazama (2009, p. 117), conceitua afrocentricidade como “o papel crucial atribuído à experiência social e cultural africana como referência final”. Karenga, por sua vez, identifica como centrais as seguintes características e valores culturais africanos, as quais podemos encontrar nas relações sociais inerentes às comunidades tradicionais de terreiros afrobrasileiros: “centralidade da comunidade; respeito à tradição; alto nível de espiritualidade e envolvimento ético; harmonia com a natureza; natureza social da identidade individual; veneração dos ancestrais; unidade do ser” (Karenga, 2003; citado por Mazama, 2009, p.117).

Sobre a cosmovisão e o sistema religioso das comunidades tradicionais de terreiros da etnia Iorubá em terras brasileiras (também conhecida como Nagô), a descrição de suas formas institucionais, a liturgia dos seus rituais – muitos dos quais preparam a festa do Bembé no interior do terreiro, outros que se revelam nos espaços públicos – tivemos como referência a tese valiosa de Juana Elbein dos Santos (2012),¹¹ e estudos de Muniz Sodré (2017) a respeito daquele sistema filosófico. Esse pensar afrocentrado, dialoga com uma cidade fundada sob as égides da colonialidade europeia, mas também com a minha formação de arquiteto e urbanista, igualmente eurocentrada. Não tive a intenção de explorar a fundo as contradições dessa temática, mas tentei tratar da dimensão do território para a população negra com referenciais teóricos que me aproximasse dessa realidade.

Na ciência da Geografia, o território é uma categoria de análise que assume diferentes conceitos ao longo do tempo, em consonância com as especificidades das sociedades em mutação. Como exemplo, cito a análise feita por Vasconcelos (2024), onde ele traz excertos de obras de diversos intelectuais que abordam o tema desde o século XIX. Citamos como exemplo da maleabilidade do conceito de território, a extensa obra intelectual do geógrafo brasileiro, homem negro, Milton Santos (1926-2001). Se na década de 1970, Santos via o território como um símbolo do Estado, “imutável em seus limites, uma linha traçada de comum acordo ou pela força” (Santos, 1978, p. 189), na década de 1990, Santos introduz a noção de território utilizado, como sinônimo de espaço humano e espaço habitado. Mais adiante, continua Vasconcelos, o termo “aparece como território utilizado, que deveria levar em conta a “materialidade, que inclui a natureza e o seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política (Santos, 2001, p.247)”. Por fim, em entrevista publicada no ano de

¹¹ A edição citada foi publicada no ano de 2012, mas o livro foi originalmente publicado em 1976. Deriva de uma tese de doutorado apresentada pela autora na Universidade de Sorbonne, em 1972.

2000, Milton Santos, citado por Vasconcelos, afirma que renunciou “à busca dessa distinção entre espaço e território [...]. Eu uso um ou o outro, alternativamente, definindo antes o que eu quero dizer com cada um deles” (Vasconcelos, 2024, p. 238-239).

O geógrafo francês Joel Bonnemaison (1940-1997), atem-se à relação de grupos étnicos e culturais da Oceania, com o que ele conceitua como o espaço território. Para ele, “toda cultura se encarna, para além de um discurso, em uma forma de territorialidade. Não existe etnia ou grupo cultural que, de uma maneira ou de outra, não tenha se investido física e culturalmente num território” (Bonnemaison, 1981, p. 97). Para o autor, tomando por base a experiência de comunidades insulares da Oceania, “antes de ser uma fronteira, o território é sobretudo um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários” (p. 99). Destarte, a respeito da etnia, a desterritorialização seria “a melhor maneira de vê-la desaparecer” (p. 107), numa quebra de vínculo do grupo com o território.

Em sentido semelhante, Sodré (2019) vincula a questão do território à identidade de um grupo ou de um povo. Para ele, o território é “o lugar marcado de um jogo, que se estende em sentido amplo como a protoforma de toda e qualquer cultura: sistema de regras de movimentação humana de um grupo, horizonte de relacionamento com o real” (2019, p. 25). Trata-se de um tema relevante, visto que, o negro, em diáspora, é desprovido do seu território de origem (sua comunidade, ou nação, no continente africano). Nos processos de reterritorialização, longe do continente africano, o próprio corpo passa a agir e funcionar como invólucro, receptor e transmissor das suas matrizes culturais e cosmogônicas africanas ou, ainda, o corpo-território como uma representação da identidade ou da posição social, política ou econômica, do próprio ser (Deleuze e Guattari, 1997).

Da minha formação, tenho como referência a obra do arquiteto Aldo Rossi (1995), para quem as cidades trazem sua arquitetura ou lugares que atuam como uma "cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de fatos novos e antigos" (Rossi, 1995, p. 3). Outra referência importante sobre os estudos urbanos é o urbanista Kevin Linch (1960), a partir do qual estruturamos imagens da cidade construída no espaço, das suas particularidades, com seus caminhos, marcos, limites e hiatos, suas partes conformes e dissonantes que dão unidade ao todo. No Primeiro Capítulo deste trabalho, minhas reminiscências trazem com clareza essa visão da cidade como um conjunto em construção no espaço, no tempo e também nos meus sentimentos, enquanto criança, adolescente, cidadão.

Os lugares da cidade, singulares e únicos, como prédios, ruas, bairros, monumentos ou praças, é o que Rossi chama de fatos urbanos, aí estando carregado todo o caldo cultural das

individualidades e coletividades urbanas que vivenciam ou vivenciaram o lugar ao longo dos tempos. Ou seja, a cidade é coisa humana, obra produzida pelas mãos dos seus cidadãos e testemunho da memória coletiva de gerações, onde valores e interesses estão envolvidos num complexo jogo, sobrepondo-se uns aos outros. O Largo do Mercado, onde acontece a festa do Bembé, é um lugar de forte identidade para a cidade de Santo Amaro. Aquele largo sofreu transformações ao longo do tempo, justamente em função das atividades humanas ali exercidas. Neste palimpsesto de alegrias e tragédias, de momentos de pujança e de carestia, de muitas cores e movimento, está inscrita a Festa do Bembé do Mercado.

Uma cidade carrega consigo as marcas e identidades de um povo e de sua cultura, sentidos de coletividade que tomam forma e força com diferentes intensidades. É de se notar que em meio a tudo isso, como suporte da memória, tem-se a força do lugar, dos seus fatos urbanos que persistem ao longo do tempo e que permanecem como referência para gerações distintas. A respeito da memória coletiva, Halbwachs (2006) anota que,

Quando um grupo é inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, mas, ao mesmo tempo, dobra-se e adapta-se a coisas materiais que resistem a ele. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que este mantém com aquele passa para o primeiro plano da idéia que o meio faz de si mesmo. (Halbwachs, 2006, p. 132).

O povo africano, em diáspora, foi desterritorializado, perdendo suas referências locais (em África), de espaço, da sua cultura, das suas cidades e lugares sagrados, elementos e paisagens da natureza. Em território brasileiro, foi necessário reconectar-se a tais elementos, criando-se novos vínculos. A memória, então, esteve (e está) conectada à expressão e às performances corporais, aos saberes decodificados e ressignificados nestas terras, aos cultos e rituais dedicados aos seus ancestrais. Como uma aproximação ao ato de criar espaço e reterritorializar-se, Deleuze e Guattari (1997) elaboraram plasticamente o movimento da repetição (ritornelo), situando-se em meio ao caos, criando um território a partir do ato de estar ou de afirmar-se como tal (como a criança que dança no escuro, ou o africano preso que aqui chegou sem chão). A partir deste território criado, é possível desterritorializar-se em novas ações simultâneas e semelhantes (ou não). Um processo de desconstrução e construção onde não apenas o ato de afirmação é vital. Ele é parte, eixo, mas dele exprimem-se atos, marcas, códigos, rotinas, formas de dominação ou de interação.

Da repetição, da insistência teimosa e desafiadora, manchada de muito sangue e dor, através do sagrado, nasce uma realidade fragmentada, expressa nos terreiros das religiões de matrizes africanas no Brasil. Segundo Muniz Sodré (2019), o “terreiro implicava a autofundação de um grupo em diáspora. Era grupo *construído*, reelaborado com novos

ancestrais: as mães (*Iya*) fundadoras dos terreiros” (Sodré, 2019, p. 15). Para ele, a territorialização define-se como “força de apropriação exclusiva do espaço (resultante de um ordenamento simbólico), capaz de engendrar regimes de relacionamento, relações de proximidade e distância” (Sodré, 2019, p. 72). Nesta nova ordem territorializada, permitiu-se a reconstrução de laços familiares, de acolhimento, a constituição de comunidades, o culto ou a refundação de mitos e a devoção ao sagrado. Ou seja, permitiu-se a transferência para o Brasil de uma gama extensa do patrimônio cultural negro/africano.

Daí vem uma definição bastante certeira sobre o terreiro de candomblé, no trato que se dá à dimensão do território para a população negra, o qual (o terreiro) “afigura-se como a forma social negro-brasileira por excelência, porque, além da diversidade existencial e cultural que engendra, é um lugar ordinário de força ou potência social para uma etnia que experimentava a cidadania em condições desiguais.” (Sodré, 2019, p. 21). Estes são importantes referenciais teóricos para tratar a relação da festa com os espaços públicos urbanos.

A Festa do Bembé é marcada pela disputa do território citadino, pelo direito de levar à rua as práticas culturais e religiosas das comunidades tradicionais de terreiro. Contudo, a ocupação do território não é só uma demonstração estética ou uma performance do corpo negro no Xirê dos Orixás, no Maculelê ou na Capoeira. Ocupa-se o território, mas também lhe é dado de comer, alimenta-se as energias da natureza e presta-se uma reverência aos antepassados que criaram e fizeram com que tais legados chegassem até nós. Por mais que tais manifestações tenham se tornado tradicionais, tenham sido patrimonializadas pelos três níveis de governo, o Bembé ainda sofre preconceito e ameaças por parte de populares e, ou, de lideranças de agremiações religiosas do catolicismo ou neopentecostais.

A dissertação foi estruturada em três momentos, além da Apresentação (tópico atual), das Considerações Finais e de um tópico distinto, que abre este trabalho. Neste, faço um relato pessoal de como se construiu a minha relação com a Feira Livre, o Mercado, a Festa do Bembé do Mercado e a religião do Candomblé. Resgato lembranças de momentos distintos da minha vida, desde tenra infância, tendo como pano de fundo a cidade de Santo Amaro e suas particularidades.

Num primeiro momento, trato da história do Bembé do Mercado. Eu poderia tê-la apresentada a partir de um recorte temporal, concentrando-me nos últimos anos ou nas últimas décadas, por exemplo, quando há uma quantidade maior de informações a respeito da festa. Mas acho que tal recorte relegaria a segundo plano fatores importantes da forma como a festa se relacionou com a cidade, constituindo-se como parte dela através dos seus atores e

dos bairros onde estão situados os terreiros que fazem a festa, dos espaços públicos, arquiteturas, territórios e paisagens naturais ocupadas. Decidi então, abordar o Bembé a partir de três períodos distintos:

1. Origem da festa e primeira metade do século XX, até junho de 1958, quando acontece uma grande tragédia, a explosão de uma barraca de fogos de artifícios ao lado do prédio do Mercado Municipal, fato este que foi um divisor de águas para a Festa do Bembé do Mercado e que será detalhado mais adiante;
2. Consolidação do Bembé, entre o ano de 1958 e o início dos anos 2000, período em que a festa se torna perene, sem interrupções, e passa a ter o apoio institucional da Prefeitura Municipal de Santo Amaro e de órgãos da administração pública, de diferentes esferas de poder (IPAC, IPHAN, Fundação Palmares, universidades, em especial a UFRB e a UNEB);¹²
3. Patrimonialização da festa e exposição para além do Recôncavo Baiano, a partir dos anos 2000 até os dias atuais.

A dissertação apoiou-se nos registros de periódicos raros das cidades de Santo Amaro, Cachoeira e Salvador, do final do século XIX e início do século XX, encontrados em arquivos públicos e bibliotecas; um trabalho importante, inclusive pelo contato direto com a autora, foi a dissertação de mestrado da Professora Ana Rita de Machado (Machado, 2009), na qual ela faz um resgate da memória do Bembé do Mercado através de entrevistas com detentores antigos daquela celebração; e nos dossiês de instrução da festa do Bembé do Mercado, elaborados para o registro da festa como Patrimônio Imaterial Cultural da Bahia (IPAC, 2012 – elaborado a partir do trabalho de dissertação da Professora Ana Rita de Machado), e para o registro de Patrimônio Imaterial Cultural do Brasil (IPHAN, 2019).

Num segundo momento, faço a etnografia e a cartografia da festa. Em alguns momentos, posso afirmar que fiz uma autoetnografia, pois não só acompanhei a festa como um pesquisador, mas também como participante direto, já que sou adepto à religião do Candomblé e iniciado num dos terreiros que compõem o Bembé do Mercado. Além disso, o fato de ter atuado na elaboração dos projetos de arquitetura e urbanismo da requalificação do Largo do Bembé e da Orla da Praia de Itapema, também me posicionou de forma privilegiada no acompanhamento da festa naqueles anos em que tais obras foram executadas. Considero

¹² Este, inclusive, é um período em que as instituições voltadas para a proteção do patrimônio construído e imaterial no país passam a atentarem-se para as comunidades tradicionais de terreiros. Tome-se como exemplo o tombamento do Terreiro de Candomblé da Casa Branca, situado na cidade de Salvador, em 1984 – primeiro do tipo e que gerou grandes debate contra e a favor da patrimonialização daquele bem (Velho, 2006). Retomarei este tema no quinto capítulo.

que, nos seus rituais, nas formas de ocupação dos espaços públicos, territórios e arquiteturas e, pela evocação da cosmovisão Iorubá (Santos, 2012; Sodré, 1988), a festa se relaciona com a cidade de Santo Amaro a partir de quatro escalas distintas, a partir das quais, descrevo tais relações:

- a) Uma escala macro, que abrange o território citadino, expressos através das encruzilhadas que lhe servem de acessos e dos terreiros da cidade;
- b) Uma escala local, que envolve o Largo do Mercado Municipal, onde acontece a festa do Bembé;
- c) Uma escala micro, que também é macro, representada pelo barracão onde é celebrada publicamente a festa do Bembé e na forma como o mesmo se insere no espaço;
- d) Uma quarta escala, que envolve a celebração da entrega do presente dos Orixás na Praia de Itapema.

O terceiro momento trata da intervenção de requalificação urbana feita pela Prefeitura Municipal no Largo do Mercado, espaço público onde acontece a festa (Largo do Bembé do Mercado), da qual, enquanto arquiteto e servidor público municipal, participei da equipe que elaborou o projeto arquitetônico e acompanhou a execução da obra civil. Exponho aspectos estéticos do projeto, o processo da sua elaboração, levando em conta a participação de diversos atores que fazem a festa do Bembé, além das etapas de execução das duas intervenções.

Nas Considerações Finais, avalio aspectos resultantes da construção da pesquisa de dissertação. Nisto, destaco o processo de cartografia da festa, tanto do ponto de vista territorial, quanto espiritual, e reafirmo as contribuições do Manifesto Afrocêntrico na forma como a Festa do Bembé exprime as características de tal ideal, ressaltando o compromisso dos seus detentores em construir um projeto epistêmico e político ao longo do tempo, comprometido com a profusão de saberes e práticas das religiões e culturas de matrizes africanas.

3. UM LEGADO DE RESISTÊNCIA ANCESTRAL

“Nós estamos em guerra. Eu não sei por que você está me olhando com essa cara tão simpática. Nós estamos em guerra, o seu mundo e o meu mundo estão em guerra, os nossos mundos estão todos em guerra. A falsificação ideológica que sugere que nós temos paz, é pra gente continuar mantendo a coisa funcionando. Não tem paz em lugar nenhum, é guerra em todos os lugares, o tempo todo.”

(Ailton Krenak)¹³

Registros históricos da comemoração do 13 de Maio no primeiro ano pós Abolição, feitos por periódicos de Salvador, capital da província da Bahia, e de cidades do Recôncavo Baiano, dão conta de que houve organização prévia dos festejos, tanto oficial, por parte dos poderes públicos constituídos, como através de entidades da sociedade civil.¹⁴ Decretou-se feriado nas repartições públicas, tanto na província baiana, quanto na capital do império, Rio de Janeiro, o que motivou a população a tomar parte dos acontecimentos. Em Salvador, comissões compostas por pessoas da sociedade foram criadas para organizar os festejos, estando divididas por bairros e setores (imprensa, instituições de ensino, igreja). As redações dos jornais trataram o evento como a segunda maior data pátria (a primeira seria o 7 de Setembro); saudaram a redenção da nação como terra civilizada e anunciam tempos de ordem e progresso que, ironicamente, tomavam forma nos salões imperiais e na dissimulação da caserna.

Na capital baiana, a celebração foi anunciada com grande entusiasmo.¹⁵ Houve queima de fogos de artifício na alvorada do dia 13, no antigo Campo dos Mártires (atual Campo da Pólvora, bairro de Nazaré) onde, às 10 horas da manhã, rezou-se missa campal de Ação de Graças. As celebrações seguiram durante o dia até a noite. Tropas do exército e procissões cívicas com grande participação popular desfilaram pelas ruas do antigo Centro, seguidas de bandas musicais dos batalhões, saindo do Terreiro de Jesus, no Pelourinho, rumo ao Politeama, passando pelo Campo dos Mártires e pelo antigo Jardim da Piedade (hoje praça). Os principais logradouros e fachadas de prédios estavam enfeitados com bandeirolas; a iluminação noturna das vias foi reforçada. Nos clubes, casas de espetáculos, teatros e

¹³ Trecho do documentário “Guerras do Brasil – Ep. 1: As guerras da conquista”, entre os minutos 15:51 e 16:26. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=1C7eQBl6_pk, acessado em 15 de julho de 2023.

¹⁴ Tomamos por base a cidade de Salvador, por ter sido uma referência ao longo do tempo para as cidades do Recôncavo, em especial Santo Amaro, bem como pela existência de material de pesquisa, periódicos raros encontrados nas bibliotecas do IGHB e da Biblioteca Central do Estado da Bahia, no Arquivo Público de Santo Amaro e na Coleção Digital da Biblioteca Nacional (site da Web – *Word Wild Web*, Rede Mundial de Computadores). As citações seguem fielmente a grafia da época.

¹⁵ Jornal Diário do Povo. Anno VII, Edição nº 8, 14 de maio de 1889, Salvador/BA. p. 1 e 2. Acessado em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765910&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=390>

instituições de ensino, aconteceram festas e, ou, apresentaram-se peças teatrais e palestras. Um telegrama enviado por correspondente da capital do império, cidade do Rio de Janeiro, relatou que o Imperador Dom Pedro II, deslocou-se da cidade de Petrópolis, acompanhado de sua família, “exclusivamente” para participar dos festejos, estando eles presentes em missa aberta ao público na Igreja do Rosário e na revista à tropa em frente ao Paço Imperial, havendo grande agitação popular nas ruas e desfile cívico de pessoas ex-escravizadas.¹⁶

Tal animação e o tom oficial dado às celebrações nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador, estenderam-se às cidades do Recôncavo Baiano. Constatam-se tais fatos, a partir de telegramas enviados por municípios às autoridades da província e noticiados nos jornais que circulava, em Salvador nas próprias cidades do interior. Em Cachoeira – cidade que, no final do século XIX, era, assim como a vizinha Santo Amaro, um importante sítio do Recôncavo – o periódico local da luta abolicionista “O Asteroide”, noticiava da seguinte maneira aquela data no seu primeiro aniversário, em 13 de Maio de 1889:

GRANDE ENTHUSIASMO

Desde hontem [12 de maio – NA], que esta cidade se apresenta com muita animação e alegria, para os grandes festejos que se tem de realizar hoje. A meia noite foi saudado este venturoso dia com uma girandola de 4 dúzias de foguetes de peças, e as 5 horas da manhan foi reproduzida outra salva ainda mais ruidosa. Hoje haverá missa campal ao Caquende, pratica, grande procissão cívica, que percorrerá toda a cidade e adquirirá donativos para as victimas da sêcca de Umburanas. A noite haverá grandes passeatas com luzes cambientes, muzicas, clubs, entre as quais mencionaremos: “Regadas”, “Planeta 13 de Maio”, “Democrata”, “Canna verde” e “Regenerador 13 de Maio”, o qual instala-se hoje.¹⁷

Sobre a cidade de Santo Amaro, não encontramos periódicos locais com edições publicadas naquela data, ou próxima. Contudo, o jornal Diário do Povo, sediado na cidade de Salvador, que circulou no dia 14 de maio de 1889, publicava um telegrama com breve descrição da celebração do dia anterior, enviado pelo Vigário Manuel Alexandrino do Prado, certamente o pároco da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação:

Santo Amaro, 13 de Maio – Reina aqui grande regozijo pelo primeiro anniversario da aurea Lei 13 de Maio. Houve missa solemne com assistência das autoridades e irmandades. O parocho, em nome dos seus parochianos, felicita v. ex. como delegado do gabinete redentor dos captivos e pede faça chegar esta felicitação ao conhecimento do governo geral.¹⁸

¹⁶ Jornal Diário do Povo. 14 de maio de 1889, Anno VII, Edição nº 8, Salvador/BA. p. 1. Acessado em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765910&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=390>

¹⁷ O Asteroide - Orgam D'Instrucción e Defeza do Povo. **Grande Enthusiasmo.** Ano II (1889), Edição nº 100, 13 de Maio de 1889. Cachoeira/BA. p. 4.

Acessado em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=717614&pagfis=396>

¹⁸ Diário do Povo. Anno VII, 14 de maio de 1889, Edição nº 8, Salvador/BA. p. 2. Acessado em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765910&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=390>

O mesmo se repete na edição do dia 15 de maio de 1889, porém, com um telegrama apócrifo, enviado ao presidente da Província da Bahia com os seguintes dizeres:

Santo Amaro, 13 de Maio: Na igreja matriz da Purificação houve missa cantada a que assistiram as autoridades, irmandade e muito povo. Interpretando os sentimentos do município, felicito a v. ex. e peço que leve as nossas congratulações ao conhecimento de Sua Alteza a princesa imperial e do gabinete 10 de março, redentor dos captivos.¹⁹

A cidade emergia como pano de fundo daquelas celebrações. Os relatos referiam-se às ruas e edificações enfeitadas, às igrejas, aos paços municipais, aos coretos e largos históricos como pontos de referências dos acontecimentos. O povo preenchendo e circulando por tais lugares, meio que antecedendo as transformações urbanas que estariam por vir, visto que, com o fim da escravidão no Brasil, as cidades seriam impactadas pela chegada de contingentes populacionais oriundos da zona rural, além da população negra deslocada dos bairros centrais para periferias até então desocupadas, ou reforçando aquelas já existentes.

Mas o fato é que aquele frisson do primeiro aniversário do 13 de Maio, também foi afetado pela realidade que se impunha à população negra no pós abolição. Pesaram os diversos tipos de racismo, o desrespeito à cidadania, a falta de trabalho ou a continuidade da precariedade do mesmo, a dificuldade ou inexistência do acesso à moradia, aos serviços de saúde, saneamento e de educação, o cerceamento da liberdade para os cultos religiosos e práticas culturais das matrizes africanas e ameríndias.

Segundo Fraga Filho (2006), os anos de 1888 e 1889, foram de grandes agitações no Recôncavo Baiano, seja pelas disputas – às vezes sangrentas – e consequentes mudanças das relações trabalhistas entre a população negra e os donos de engenhos de cana de açúcar, seja pelas dificuldades causadas pela seca que assolou a Bahia naquele período, gerando carestia e fome entre a população mais pobre. Pesou ainda, a queda do preço do açúcar no mercado internacional, levando-se em conta que o município de Santo Amaro era um dos maiores produtores da Bahia. Tal seca motivou a migração de contingentes populacionais do interior da província para a capital e cidades do Recôncavo. Sobre isso, o referido autor recupera um relato do delegado de polícia de Santo Amaro que, através de carta enviada no dia 12 de maio de 1889, informava que “as ruas estavam repletas de mendigos, que invadiam as casas para implorar socorro aos moradores” (Fraga Filho, 2006, p. 150).

¹⁹ Diário do Povo. Anno VII, 15 de maio de 1889, Edição nº 9, Salvador/BA. p. 1. Acessado em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765910&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=393>

Já em 1890, noticiava-se em Salvador, sobre o 13 de Maio, que houve um “(...) simulacro de festa, graças aos esforços da imprensa, e à boa vontade com que a esses esforços corresponderam o marechal governador, e o intendente do conselho municipal.”²⁰ Faltara, já naquele segundo ano da Lei Áurea, o entusiasmo da população demonstrado no ano anterior, cabendo ao governo organizar e fazer a festa acontecer, com o desfile praticamente se resumindo a batalhões militares acompanhados por suas bandas musicais e por algumas centenas de cidadãos. No primeiro decênio da Abolição, em 1898, o que poderia ser um grande regozijo, dizia-se que “parece, vai passar despercebida, celebrada simplesmente pela gratidão da alma nacional”.²¹ No distante ano de 1915, a lembrança da data resumia-se a pequenas notas com o anúncio de festas e eventos em círculos restritos, a exemplo da palestra proferida no IGHB (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia) pelo importante engenheiro e geógrafo Theodoro Sampaio, um homem negro, santamarense, vale o registro.²²

Retornando a Santo Amaro, o periódico *A Paz*, que circulou naquela cidade nas primeiras décadas do século XX, registra a celebração do ano de 1928.²³ Durante a tarde, um desfile composto pelo Batalhão de Escoteiros, recrutas do Tiro de Guerra²⁴ e estudantes, percorreu as principais ruas da cidade, finalizando na frente do Paço Municipal, onde oradores usaram da palavra. À noite, a banda musical da Lyra dos Artistas, uma associação cultural santamarense ainda existente, apresentou-se até as 23 horas no antigo coreto situado em frente ao Paço Municipal.²⁵

Tais relatos, todos eles, foram contados a partir de pontos de vistas hegemônicos e colonialistas, registrados pela imprensa escrita da época, periódicos que foram preservados através do tempo em arquivos públicos, bibliotecas ou coleções particulares. Quem nos conta a história é o colunista que escrevia pela redação do jornal (ou o seu proprietário), um delegado de polícia, um correspondente ou o vigário da igreja matriz. Ou ainda, uma liderança política do município que se dirigia humildemente, mas orgulhoso por dar seu relato de súdito, ao presidente da província ou à família imperial. Os relatos trazem o peso da oficialidade (o estado, em suas diversas faces) e da fé cristã, representações de poder que controlavam a sociedade brasileira e referendavam (e referendam) o colonialismo ocidental. Um olhar alheio à realidade das manifestações culturais e religiosas dos povos de matrizes

²⁰ Pequeno Jornal. Anno I, 14 de maio de 1890, n° 85, Salvador/BA. p. 1.

²¹ Cidade do Salvador. Anno II, n° 408, 12 de maio de 1898. Salvador/BA. p. 1.

²² Jornal A Notícia. 12 de maio de 1915, n° 192.

²³ Jornal A Paz. **Festa Cívica**. Ano 21, 19/05/1928, Santo Amaro/BA.

²⁴ Órgão de formação de Reserva do Exército Brasileiro.

²⁵ O local é a atual Praça da Purificação, situada entre o Paço Municipal e a Igreja Matriz da Purificação. Não existe mais o referido coreto. Existe um segundo, que fica em frente à igreja. Eram dois antigamente.

africanas, a seus repertórios artísticos e de linguagens ou às suas visões cosmológicas e filosóficas. Um cabedal de valor inestimável, visto naquela época como práticas que ofendiam a moral e os bons costumes. Estavam relegadas às notas policiais, como eram denunciados em Santo Amaro, em 1925, “os sambas de pandeiro, candomblés (...) dentro da cidade.”²⁶

Percebe-se que, a despeito de ser a razão fundamental do evento, a população negra não foi um sujeito protagonista em quaisquer daqueles relatos. Os fatos não foram narrados a partir das suas perspectivas e raramente elas estão representadas neles. Surgem como “captivos”, lembrança do tempo criminoso da escravidão, ou sujeitos passivos, beneficiados pela magnânima vontade da princesa Isabel, apresentada como uma figura cívica sob as bênçãos da benevolência cristã, e sob os auspícios do gabinete “redentor” de seu pai, o imperador. Muito menos são relatadas as suas práticas culturais e religiosas.

Nos relatos das comemorações do 13 de Maio daqueles primeiros anos, ou décadas pós Abolição, a população negra foi diluída no meio social e urbano, ou seja, como se já estivesse integrada nele com plenos direitos, em igualdade de condições de cidadania, no seio daquela sociedade racista e de fundamentos europeus.

3.1 Uma cidade, duas celebrações

Conta a tradição oral do povo de santo santamarense que, no dia 13 de Maio de 1889, passado um ano da Abolição da Escravatura no Brasil, um negro africano chamado João de Obá, filho de Xangô, estando à frente de filhos e filhas de santo e de pescadores, armou um caramanchão de pindoba na margem do Rio Subaé, à altura da antiga ponte do Xaréu²⁷ (Imagen 03), próxima ao Centro Histórico, local onde tradicionalmente se comercializava mariscos e pescados, fincando naquele pedaço de chão um mastro com uma bandeira branca, simbolizando um terreiro de candomblé. Ali, tocaram, cantaram e dançaram por três dias, cultuando os Orixás. No terceiro dia, embarcados em canoas enfeitadas, desceram o rio, levando um presente para a Orixá Iemanjá até próximo da localidade de São Bento das Lajes, um antigo povoado situado no município de São Francisco do Conde, onde um experiente pescador mergulhou e depositou um presente para a Mãe d’Água. Num ato de coragem e de

²⁶ Jornal A Paz. **Com a polícia**. Ano 18, N° 154, 27/06/1925, Santo Amaro/BA.

²⁷ A ponte do Xaréu é uma ponte de concreto armado sobre o Rio Subaé, que liga atualmente o Centro Histórico aos bairros 2 de Julho e Candolândia. No final do século XIX, era um passadiço de madeira, conforme se vê na Imagem 03. O lugar era um ponto de chegada de canoas e embarcações menores, conforme a cheia da maré (o rio Subaé sofre diariamente influência da maré da Baía de Todos os Santos). Em suas imediações, havia uma estacada com duas rampas, que facilitavam o acesso dos pescadores com suas canoas. Portanto era uma área familiar aos pescadores, onde eles comercializavam mariscos e pescados e interagiam com a população da cidade e arredores.

resistência ancestral, assim começava a Festa do Bembé do Mercado, na cidade de Santo Amaro, Recôncavo da Bahia.

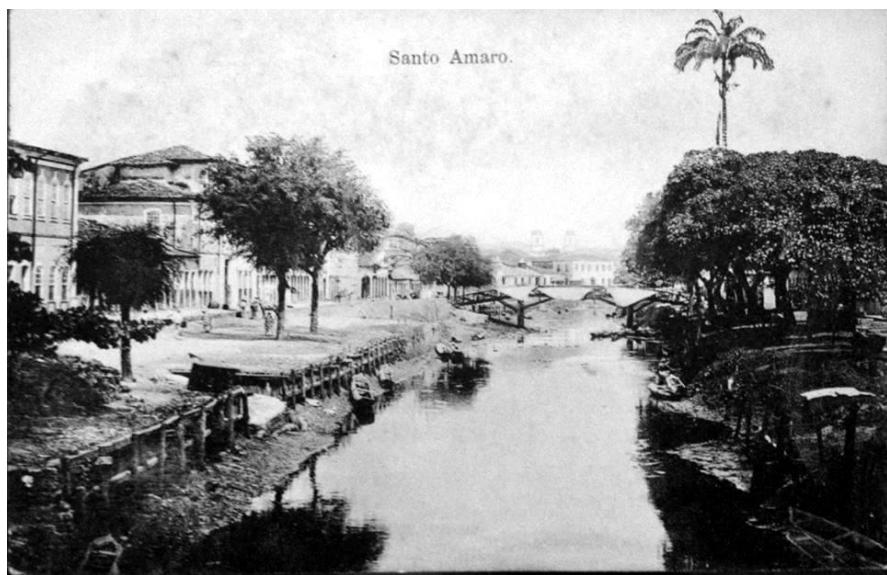


Imagen 03. Vista do Rio Subaé com a ponte do Xaréu, no centro; ao fundo, na linha do horizonte, as duas torres da Igreja Matriz da Purificação e à esquerda (margem direita do rio), os antigos casarões do que hoje é a Avenida Getúlio Vargas. Notar as embarcações atracadas ao longo das duas margens; a estacada de madeira, como forma de contenção; e a abertura que configura uma rampa de acesso para os pescadores e embarcações. Data e Fonte: década de 1880, autor desconhecido.

Com o passar do tempo, o presente passou a ser entregue também a Oxum, abarcando ainda, nos diversos rituais que formatam o Bembé do Mercado, orixás femininos ligados às águas, como a Orixá Nanã. A figura mítica da Mãe d'Água, misteriosa e poderosa, sedutora e fértil, de seios fartos que não deixam faltar acalento e alimento aos seus, está presente nos primórdios do Bembé. É uma entidade vinculada a civilizações, ou etnias, com forte ligação com as navegações, com o mar, lagos ou rios. Por estar presente nas diversas cosmogonias dos dois lados do Atlântico, entre as diversas etnias africanas e os povos originários brasileiros (e mesmo na antiguidade europeia, as sereias míticas), é um elo que, possivelmente, diante das dificuldades e desafios da época, final do século XIX, permitiu unir e resgatar práticas religiosas diáspóricas em torno de um único propósito. Certamente, é um tema que merece estudos mais aprofundados.

O relato oral do Bembé, conforme citado acima, não foi de um registro feito naquela data de 1889, ou no dia seguinte ao 13 de Maio. Convencionou-se como o momento fundante da festa e surgiu a partir das memórias da escritora santamarense Zilda Paim, com base em reminiscências dos negros santamarenses, praticantes do Maculelê, da Capoeira e do Samba de Roda (Paim, 1951). Tais manifestações culturais estão ligadas ao Bembé desde a sua origem, mantendo-se com força nos dias atuais. Se não houve espaço nas páginas dos jornais

ou prateleiras nos arquivos e bibliotecas de “meus senhores”, em que coubessem as formas de representação dos negros africanos em diáspora, restou-lhes os adventos da fala e do corpo como forma de transmissão.

A ensaísta Leda Maria Martins (Martins, 2021), conta a história do Reinado do Rosário do Jatobá, nas cercanias da cidade de Belo Horizonte, nas Minas Gerais, através das memórias dos antigos mestres congadeiros daquela comunidade, grafias fixadas pelas performances das palavras e dos movimentos corporais, ao que ela conceitua como oralitura da memória. Os reisados, assim como as congadas, são folguedos que se originaram a partir de povos bantu, das regiões de Angola e do Congo, em África, na forma como eles recriam o mito católico do aparecimento da imagem de Nossa Senhora do Rosário nas águas do Atlântico, em suas travessias forçadas para o continente americano. O sociólogo Roger Bastide se referiu a tais festas, em território brasileiro, como um “Catolicismo negro”, onde os “valores culturais e religiosos vindos da África se tinham discretamente amalgamado com aqueles trazidos ao Brasil pelos senhores portugueses” (Bastide & Verger, 2002, p. 244).

O reisado resgata as ancestralidades africanas na dança, na referência aos personagens (reis, rainhas, mestres, etc.) e na reconstrução da própria ideia de comunidade, de grupo, não apenas pela criação de um folguedo, dos ensinamentos e da transmissão oral que ali se dá de geração para geração, mas também pela forma como os grupos de reisados rivalizavam entre si na disputa pelo trono do palácio imaginário e as influências nas relações sociais, de trabalho ou mesmo de poder, resultantes disso. Destarte, para Martins, cada relato dos antigos mestres, recria o mito católico de Nossa Senhora do Rosário, possibilitando

(...) um rico tecido textual de variações em torno de um mesmo tema. (...) O texto oralitulado atualiza, assim, em todas as suas versões, o fundamento maior do rito ali realizado, a figuração do negro como agente no enredo da transmissão oral e pelo arranjo semiótico e semântico das veias de conhecimento e de saber ali tecidas (Martins, 2021, p. 59).

Desse conjunto de narrativas, a autora destaca rituais linguísticos que fundam as formas como a oralitura da memória se constitui. Maior destaque se dá ao fato de que os antepassados surgem como elos, vinculam o narrador à coletividade e às ancestralidades do seu povo, ao universo criado pela narrativa. Passado e presente, a mãe África, a terra idealizada ou em disputa, os tambores sagrados, elementos da fé cristã e antigos rituais da cultura africana estão em constante relação, ou refundação. Cita também a repetição e a recorrência a expressões que reforçam e mitificam o fato narrado.

Não é do nosso interesse criar uma disputa de narrativas, mas ao comparar os registros históricos da imprensa escrita com o da tradição oral, tem-se uma cidade com duas festas em

paralelo. Enquanto na cidade tradicional, em suas praças, paços municipais e igrejas coloniais de arquitetura imponente, festejava-se oficialmente a redenção da Princesa Isabel – com a participação dos conselheiros da Câmara Municipal, dos religiosos da igreja católica, praças militares estacionados no município e figuras tradicionais da sociedade – na margem do rio (e na margem da cidade, pois o rio funcionava como um limite natural da área urbana), numa fresta entre estar dentro e fora da cidade ao mesmo tempo, corpos negros, pescadores e candomblecistas, tocavam e dançavam o xirê dos Orixás.

Penso que não se tratava de uma competição, mas de desafiar e inserir-se no contexto da cidade colonial eurocêntrica e hostil para a negritude, sem perder sua essência, sua espiritualidade, suas tradições. Ao contrário, imprimindo na cidade, moldando com todas as suas forças o seu pisar e o toque delicado, e rude, das suas mãos. Uma grande distopia, uma gritante insubordinação que reforça e sustenta a ideia de resistência ancestral, de disputa por território e de inserção social das comunidades de terreiros na Festa do Bembé do Mercado.

Assim como os reisados, outras celebrações festivas da população negra eram comuns nas cidades brasileiras do século XIX. Estes espaços e tempos de acontecimentos eram negociados com os senhores da sociedade, os políticos, os religiosos da Igreja Católica. Houve momentos de permissividades, assim como de perseguições, a exemplo daqueles que sucediam as revoltas, ou distúrbios que envolvessem as comunidades negras. O Dossiê de Instrução do IPHAN (Barata; Brito, 2019, p. 37), citando Reis (1996), traz a conversa entre um capitão de milícia da Vila de Santo Amaro com o seu capitão-mor, a respeito de um fato ocorrido na festa do Natal do ano de 1808 naquela vila, envolvendo um padre e negros das etnias nagô e “uçás”. Segundo o capitão de milícia José Roiz de Gomes, escravizados dos engenhos da região haviam descido para celebrar o Natal naquela vila, os quais eram

(...) vários escravos de todas as nações, e unindo-se em três corporações com muitos, desta vila, segundo a sua nação, formaram ranchos de atabaques, e fizeram os seus costumados brinquedos, ou danças, a saber, os gege, no sítio do Sergimirm, os Angolas, por detrás da capela do Rosário e os nagôs e uçás na rua de detrás junto ao alambique que tem de renda Thomé Correa de Mattos, sendo este rancho o mais luzido, vestidos em meio corpo, com um grande atabaque, e alguns adereçados com algumas peças de couro, e continuavam com suas danças não só de dia mas ainda grande parte da noite, banquetearam-se em uma casa vizinha (...) que se achava vazia na mesma rua de trás aí houve muito que beber, à custa dos mesmos pretos (...) e foram expectadores muito povo de toda a qualidade, e sexo, e sem que final houvesse tumulto ou desordem se retiraram cada um ao seu domicílio, a tempo que os dois preditos ranchos, ou adjuntos de gege, e Angolas se tinham retirado com noite, e se não sabe que estes se baqueteassem ou fizesse coisa notável. (Reis, 1996, p. 7)

Mais adiante, o capitão de milícia informava que um padre tentou conter a festa dos nagôs e uçás, mas foi repelido pelos negros que argumentaram que aquele era o seu único dia

de diversão, enquanto os seus senhores tinham todos os demais dias para se divertirem. O oficial reforçou a queixa ao seu superior, com o fato de que a maioria dos senhores de engenho permitia ajuntamentos festivos como aqueles nos engenhos, fazendas e na vila de Santo Amaro. O capitão-mor, então, pediu orientação de como proceder ao governador da Província da Bahia, o Conde da Ponte, que respondeu de forma ríspida: “as reuniões escravas deveriam ser evitadas, os senhores advertidos sobre isso; os escravos deveriam ser mantidos dentro dos limites das propriedades e presos os reincidentes” (Reis, 1996, p. 8).

Este breve relato, que aconteceu 80 anos antes da primeira festa do Bembé, traz uma série de lições sobre o período da escravidão, o que é relatado pelo autor (J.J. Reis) e comentado no Dossiê do IPHAN. Destacamos a apresentação da cartografia da cidade e a disposição dos grupos festivos de acordo com as suas etnias; a forma como parte da população branca reagiu à festa, participando, pessoas “de toda qualidade”; a capacidade de mobilização e organização daqueles grupos de negros (inclusive financeira); a circulação dos negros entre diferentes engenhos e destes para a vila, a reação desmedida do governador em proibir tais permissividades.

Acrescento que, a reivindicação dos nagôs e dos “ucás” pelo direito ao único dia de festa (em oposição aos senhores de engenho, que podiam se divertir a semana inteira), remetem-nos a disputas políticas, classistas, tensões como estas que resultariam nas revoltas das primeiras décadas do século XIX, a dos Malês em especial. Uma outra observação, é sobre a cartografia da cidade e a disposição dos negros por nações e suas irmandades. Sabe-se que os negros da etnia Angola estiveram ligados à irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Certamente por isso, naquele relato, eles festejavam atrás da capela do Rosário, que está situada no que seria uma das margens do antigo Centro Histórico. Já os nagôs e “ucás”, atores principais do nosso relato, festejavam num rancho situado “na rua de detrás junto ao alambique”. Ora, a rua que concentrava os alambiques, no século XIX, era a margem do Rio Subaé, atual Avenida Getúlio Vargas, antiga Rua da Aurora, justamente o logradouro onde se comemorou (e comemora-se), a festa do Bembé. A referência “detrás”, também corrobora a tese, já que a margem do rio está situada numa posição atrás do antigo Centro Histórico.

Este era um jogo de disputas, de construções sociais, onde a comunidade negra conquistava o acesso a determinados degraus, frestas abertas nas camadas de poder e de privilégios, mas em seguida lhe era limitado o desfrute dos mesmos. Ao reconstituir a história

de vida de Marcelina da Silva,²⁸ e de sua filha biológica Magdalena da Silva, Parés (2007) descreve como aquela família de negras libertas conquistou posição econômica privilegiada ao longo do século XIX, mas que experimentou progressivo declínio no fim daquele século. Ele sugere que isto pode ter sido uma tendência à qual foi sujeita uma próspera elite de crioulos e africanos libertos, em Salvador, no período pós abolição e de mudanças da República, já que “numa sociedade cada vez mais racializada, perderam os poucos espaços e privilégios que tinham laboriosamente conquistado em décadas anteriores” (Parés (2007, p. 147-148).

Para Allan da Rosa (Rosa, 2021), citando a socióloga Ângela Alonso, esta possibilidade da fresta, dos movimentos negros estarem em disputa à margem dos espaços de poder, de mobilidade social e das temporalidades sagradas das festas, é “uma lógica que é coluna dorsal da Branquitude brasileira” (Rosa, 2021, p. 64). Assim, tais possibilidades são mantidas, seja por determinações de naturezas econômicas, ou por posições ideológicas, desde que os portões de acesso aos extratos superiores da elite estejam controlados e as ameaças às engrenagens que estruturam as relações raciais brasileiras estejam contidas pelos aparatos legais e pelos poderes de polícia, que estão, desde sempre, majoritariamente a serviço das elites brancas. Na visão liberal destas elites, as portas da mobilidade social e das relações raciais estão abertas para oportunidades individuais. Entretanto, essas frestas não comportam uma movimentação coletiva de grande monta, profundamente estruturante, de maneira que a elite liberal joga com a mobilidade social, apresentando-a como algo possível e meritocrático a ser alcançado, mas em paralelo opera para manter o *status quo*.

Contudo, não se trata apenas da possibilidade da fresta, mas, inclusive, da necessidade e do poder de criá-las pela ancestralidade negra e seus descendentes, disputando nelas, buscando alargá-las, forçando as barreiras de acesso aos espaços e territórios de poder da sociedade brasileira. Ainda assim, segundo Rosa, “o alargar das gretas não acompanha o encorpado preto real, uma considerada maioria demográfica e seus variados conjuntos de ideais” (Rosa, 2021, p. 64). A política de cotas implantada no país – a contragosto para muitos setores, que as criticam e judicializam – vem a ser uma tentativa de romper o dique da suposta meritocracia. Voltando à realidade santamarense, onde, segundo o Censo do IBGE de 2022, a população que se declara como negra ou parda corresponde a 94% do total de habitantes (e não deveria ser muito diferente há 130 anos), isso é surreal. É preciso explodir as frestas,

²⁸ Marcelina da Silva, era filha de santo e sucessora de Iyá Nassô, Ialorixá e fundadora do *Ilê Iyá Nassô Oká* (mais conhecido como a Casa Branca do Engenho Velho), situado orginalmente na antiga Ladeira do Berquó, próximo à Igreja da Barroquinha, no Centro Histórico de Salvador.

derrubar barreiras, construir estratégias que superem tais condições de desigualdade. Uma das formas de controlar a pressão sobre a muralha que situa a branquitude, e apaziguar o rebanho, tornando-o ordeiro, é apagar, ou escamotear os traços da ancestralidade afrobrasileira. À população negra transmite-se a “palavra”, toma-lhe a fé e apaga-se os traços ancestrais.

Tal estado de tensão, que permanece nos dias atuais, percorreu todo o século XX. Nas primeiras décadas, o advento da república e suas novas legislações e relações de poder endureceram a repressão e perseguição às práticas culturais e religiosas de matrizes africanas, como os folguedos, os sambas, batuques, candomblés, capoeira, maculelê. É assim que, no ano de 1917, o Jornal Oficial do Município – um órgão da imprensa sob responsabilidade da Intendência Municipal – publica extratos do Código de Posturas de Santo Amaro, a Lei N° 04 de 19 de janeiro de 1904, dos quais destacamos a postura N° 100, que reza o seguinte: “São proibidas as casas de sambas, batuques e estes nas ruas da cidade; os infractores serão sujeitos a multa de 20\$ ou dias de prisão e o dobro nas reincidências”.²⁹ Naqueles momentos de perseguições e de proibições declaradas por parte da polícia e da municipalidade, de constante ridicularização por parte da sociedade dominante, intui-se que a celebração do Bembé no 13 de Maio certamente as transgrediu, mas também, quando necessário, buscou outras festas, espaços ou contextos para acontecer e se perpetuar ao longo do tempo.

Numa pesquisa que fiz no IGHB (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia), encontrei um poema publicado no periódico santamarense A Paz, do ano de 1928, e assinado por um tal Zé Bocão, certamente um pseudônimo, que traz o termo “benbé” em um de seus versos (na época, grafado com a letra “n”). De todos os registros conhecidos da imprensa escrita relativos aos festejos santamarenses, este certamente é o mais antigo que traz o termo “bembé”. Tal poema constou da publicação do Dossiê de Instrução IPHAN, para o registro da festa do Bembé como patrimônio imaterial nacional (IPHAN, 2019, p. 47-48). No poema, é descrita a programação de um evento festivo e religioso, com local, data, horários, atividades a exemplo de brincadeiras, sambas e celebrações religiosas de diferentes matizes (católica, devoções de matrizes africanas). Destarte, é possível especular a respeito da espacialização daquele momento. Abaixo, transcrevo-o na íntegra:

Cadê us preto daqui?
 Canbada xega pra cá:
 Ameian é noço dia
 Picizamo festeja.
 Nen fosse u 13 de maio,

²⁹ O Município – Orgam Oficial do Município. **Código de Posturas, Títulos IX, X e XI.** Santo Amaro, Ano 2, N° 59, 07/07/1917, p. 3 e 4.

Eça data liberá,
Nós inda tava na péia
Di meu Sinhô mai Sinhá!

Prutanto a data é dus preto
Qé xexé home ou muié,
Us qui tive hoje rico
Nu posto di Coroné,
Dexe as grandezas di banda
Ranqe as butina di du pé,
Non mi venha di gruvata
Nem cuns dedo dia né.

Ameian u dia é noço
Nós deve fazê bunito,
Pruqê a festa é dos preto
Feto a di Son Binidito,
Só farta tê procissão
Mai di noite tem bendito,
Arrispitivo us programa
E' ece – já tá inscrito:
Batucada hoje di noite
Nu injenho di Son juão,
Ben nus rumo da portera
Duas fuguera nu xão,
Dimeian Miça nu campo
Trimiada cun seimão!
Acabano a dita cuja
Nós vai entrá nu fejão.

Dispoe dus comes i bébe
Dus viva dus faladô
As muié junta cá fora
Mode cantá lindo amô
Todas cun chapéu de paia
Infetado de fulô
Porta bandera adiente
Nêga retinta na cô.

As 4 hora da tarde
Nós enta na brincadeira
Cavaiada pau di sebo
Lelão nu pé da jaqera.
A negrada si prifila
Junta tudo as infiera,
A viola toca u côco
Pa nós brinca capuera.

Neça ora u Pai di Santo
Bate nu qué-réqué-xé
Cun poca nós tudo vê
S'ajuntá todas mulé
Lá na casa de farinha
Pa vadiá seu benbé
Da dispaxo a mês noite
Na vazante da maré.

A festa acaba é cun samba
Inté nu raiá du dia,
Us tocado di pandero

É forte: dô garantia,
Eu na boca da viola
Faço us boi dansá quadria,
Agora veja a cantiga
Que perparê pa fulia:

Liberdade só xegô
Pus preto di bôa sina,
Hoje certo na gruvata
Cuns pé dentro da butina,
Na roda dus home branco
Mitido ni ropas fina,
Coroné qui nu sabe
Munto má seu nome acina.

Qen tá veno u cativeiro
Dus Preto di pé nu xão,
Qi labuta dia i noite
Nu inverno i nu verão,
Mode ganha ninharia
Qi nen xega pu pirão,
Ca famia matratada
Seus dio nú sem timão,
Veno u suó di seu rosto
Na Jibera dus patrão,
Noço Sinhô lá du Céo
Tenha deles cunpaxão
Pulo dia da meian
Firiado da nação,
Mande outra liberdade
Cá di hoje é só pu cão,
Qé mode eces branco rico
Qi só paga di reção
Sabê cá furtuna deles
Sáe daqui di noças mão,
U pretoo inriba du branco
Vale tudo na questão,
Non sunegue ece pidido
Du vivente – **Zé Bocão.**³⁰

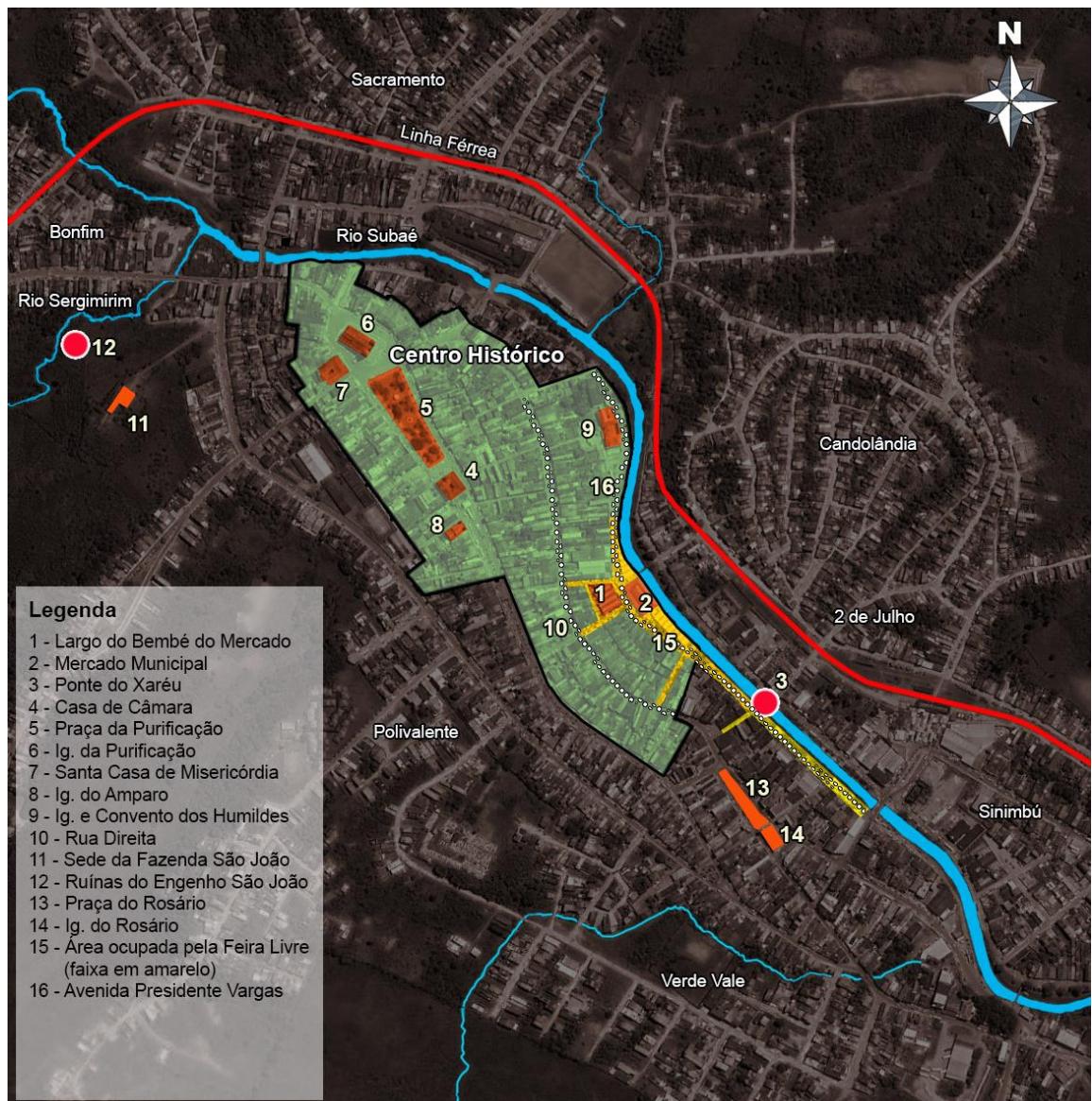
Não posso cravar que se tratou da nossa celebração. Pode ter sido um mero poema em forma de trova, com uma provocação política à comunidade negra santamarense. Mas os elementos e referências utilizados, a forma da escrita, o período de perseguições às manifestações das culturas e religiosas de matrizes africanas, permite-nos analisar o poema na forma de um subterfúgio, um convite, ou mesmo o relato de um acontecimento excepcional.

Menciona-se um lugar, o engenho de São João. Em conversa com o senhor Raimundo Arthur,³¹ memorialista santamarense, fui informado da existência de um antigo engenho na Fazenda São João, que fica a cavaleiro do Centro Histórico (ver o **Mapa 03**). Chamava-se Engenho São João das Vitórias e, como era de praxe, estava situado nas margens de um curso

³⁰ Jornal A Paz. **U diabo du diero só cuida du cativeiro.** Santo Amaro/BA, Ano 21, 19/05/1928, p. 3.

³¹ Raimundo Arthur é o fundador e coordenador do Centro Referencial de Documentação de Santo Amaro, com relevantes serviços prestados ao registro da memória e história santamarense.

d'água, o Rio Sergimirim, um afluente do Rio Subaé que corta o bairro do Bonfim. Como a grande maioria dos engenhos do Recôncavo, deixou de produzir açúcar após a Abolição, mas em 1928 (ano em que foi publicado o poema) sua estrutura ainda estava mantida de pé, visto que o próprio Raimundo Arthur, quando jovem, anos mais tarde, pôde vê-la. Hoje restam ruínas da fundação no meio do mato.



Mapa 03. Mapa do Centro Histórico de Santo Amaro. Fonte: Próprio autor.

As fogueiras dispostas na porteira do engenho nos remetem a Xangô, Orixá de cabeça de João de Obá, patrono da festa do Bembé. Na festa houve missa, batuque, samba, Lindro Amor³² e, além da menção à dança do “benbé”, ressalte-se também os versos que falam do despacho à meia noite, o ápice da festa, claramente um ritual religioso do candomblé. Tem-se

³² Manifestação afrodescendente que lembra a folia de Reis, em louvou ao culto de São Cosme e Damião. Em Santo Amaro, também esteve ligada às festas de Nossa Senhora da Purificação.

aí a presença dos pescadores, pois era um local próximo de um braço de rio e que sofria influência direta dos movimentos da maré, conforme indica o último verso da sétima estrofe, “Na vazante da maré”. Portanto, o poema reúne de forma estruturada os elementos balizadores da Festa do Bembé: pescadores, manifestações culturais, paisagens da natureza. Para completar, era um 13 de maio. Arrisco dizer que a pessoa que escreveu aquele poema esteve na festa do Bembé, onde quer que ela tenha ocorrido.

A historiadora Ana Rita de Araújo Machado³³ (Machado, 2009) foi a primeira pesquisadora a se debruçar sobre as memórias sociais do 13 de maio de Santo Amaro, consolidando-as numa dissertação de mestrado, defendida no ano de 2009. Numa série de entrevistas, a autora conseguiu resgatar e registrar a memória de detentores da celebração da Festa do Bembé, membros dos terreiros de candomblé santamarense, bem como de figuras da sociedade, muitas daquelas pessoas em idade avançada na época e que, hoje, já não estão entre nós. Ialorixás e babalorixás, pescadores, capoeiristas, ogãs, agentes culturais e das religiões de matrizes africanas que receberam dos seus antepassados as informações e segredos dos rituais que regem a celebração do Bembé, de maneira que puderam preservar e transmitir tais saberes, dando continuidade à celebração.

Em conversas que tivemos a respeito do seu trabalho de pesquisa e sobre a celebração do Bembé, Machado reconhece, e se diz abençoada, pelo fato de ter recolhido informações daquelas pessoas em vida, sistematizando-as e contribuindo para que se tornasse possível ações de salvaguarda por parte dos poderes públicos em relação à festa. Seu trabalho serviu de esteio, ou incentivo, para algumas ações que tomaram forma nos anos seguintes e que culminaram numa maior popularização da festa a partir dos anos 2010, como o reconhecimento do Bembé do Mercado enquanto Patrimônio Histórico Cultural Imaterial do município de Santo Amaro (Lei 1774/2009) e Patrimônio Imaterial do Estado da Bahia, através do IPAC. Neste caso, ela própria organizou a pesquisa e a adaptação do texto do dossiê de instrução (Bahia, IPAC, 2011).

Segundo Machado, nas recordações desses autores, “as ruas da cidade serviam como palco de alegria dos ex-escravos e descendentes, que através das folias, dos sambas e batuques promovidos demonstravam através das linguagens dos rituais a importância de relembrar as lutas pela liberdade” (Machado, 2009, p. 36). A autora complementa, “buscavam também a construção das novas formas de relações sociais, como maneiras próprias de

³³ Ana Rita de Araújo Machado é uma mulher preta santamarense, *Ya Egbé* do Bembé do Mercado, historiadora e professora da Universidade Estadual da Bahia (UNEBA). *Ya egbé* é um cargo do Candomblé da nação Ketu, de grande responsabilidade e autoridade, que corresponde à mãe da comunidade. Tem como obrigações, manter a ordem, a hierarquia e aconselhar a comunidade terreiro.

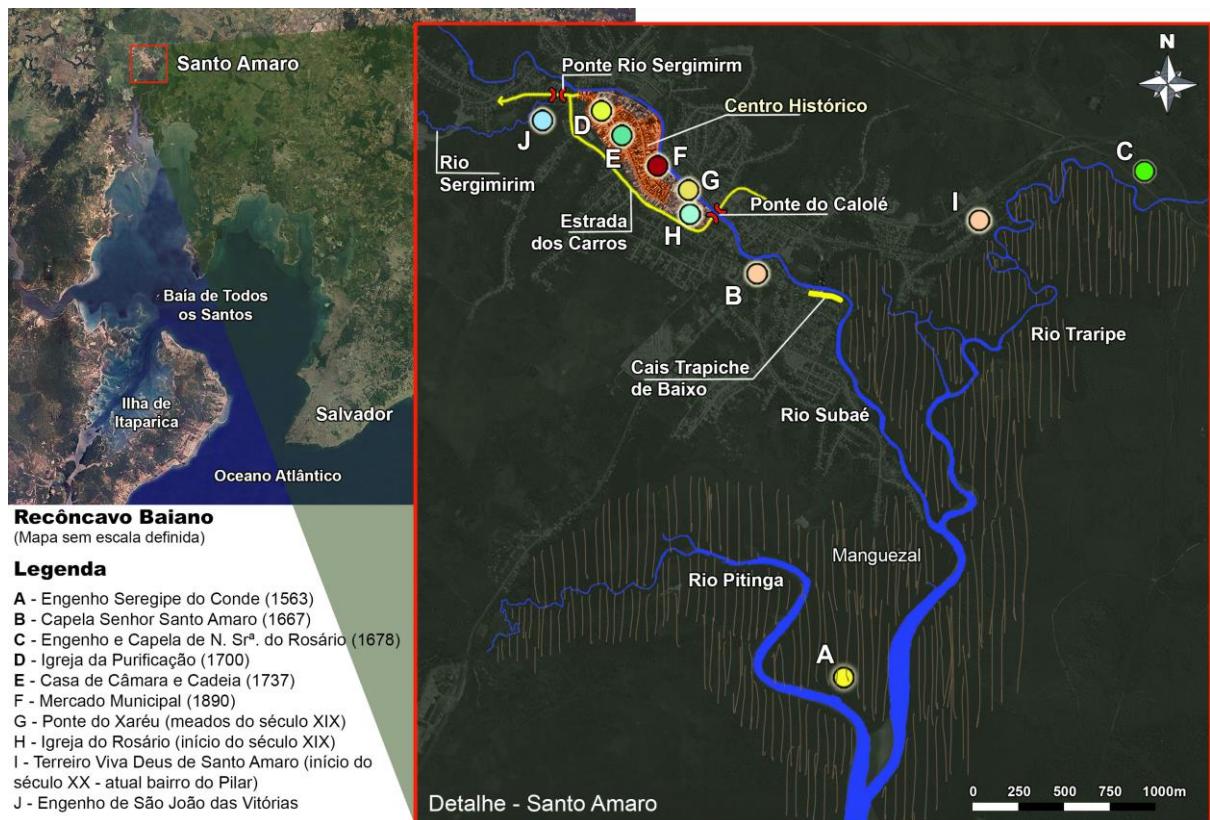
ocupações das ruas partir de suas próprias perspectivas culturais”. Claramente rompem com aquela ideia de festa oficial tocada pelas instituições dominantes da sociedade, ou ainda, davam de ombros para os conceitos positivistas de progresso e avanço civilizatório prometido pelas páginas de jornais que propagavam a lei da Abolição. Para aqueles negros e negras, o que estava em jogo mesmo, na celebração do Bembé, na manifestação da capoeira e do maculelê, era o acesso irrestrito às ruas da cidade, o direito à liberdade das performances corporais e de poderem celebrar seus rituais religiosos ancestrais.

A autora situa detentores da festa, adeptos do candomblé, pescadores, capoeiristas e praticantes do Maculelê, como residentes das localidades do Pilar, Ilha do Dendê, Avenida Caboclo e Trapiche de Baixo, todos da periferia urbana. As três primeiras são ocupações ribeirinhas, oriundas de aterros de áreas de manguezais que, nas primeiras décadas do século XX, estavam descolados do antigo Centro Histórico, portanto, fora da cidade, ocupados em sua origem por pescadores e marisqueiras. A Avenida Caboclo (situada entre os bairros do Derba e a Ilha do Dendê) é uma rua que margeia a linha férrea, tendo início em frente a uma antiga siderúrgica,³⁴ hoje em ruínas. O Trapiche de Baixo, como o nome sugere, foi uma antiga área portuária, com um grande cais de pedra numa das margens do Rio Subaé, hoje todo ocupado e servindo de fundação para construções residenciais. Os bairros da Ilha do Dendê e do Pilar, além da relação com o mangue e cursos d’água que desembocam no delta do Rio Subaé, têm com particularidade serem cortados pela linha férrea.

Tais locais, hoje estão consolidados como bairros populosos e envolvidos pela malha urbana da cidade, carregando as características daquilo que Cunha Junior (2020-A) conceitua como “bairros negros”, “lugares à margem do pensamento e da prática de urbanização, portanto fora do desenho urbano e sem investimentos proporcionais à densidade da população”, carentes de infraestrutura urbana e serviços públicos de qualidade, com graves problemas de cunho social. Nesta mesma região, estão situados dois terreiros de grande importância para o candomblé santamarense e para o Bembé do Mercado: o Terreiro *Ilê Axé Omim J’Jarum*, situado no bairro do Pilar, conhecido popularmente como Viva Deus de Santo Amaro, o mais antigo do município, tendo como sacerdote Pai Duda; e o Terreiro *Ilê Axé Oju Onirê*, situado no bairro do Derba, do sacerdote José Raimundo Lima Chaves (Pai Pote), atualmente a principal liderança da Festa do Bembé. Na configuração espacial urbana da cidade de Santo Amaro do início do século XX (Mapa 04), o Mercado Municipal e sua Feira Livre, situados na margem do rio, em área de porto, funcionavam como elo e porta de entrada

³⁴ Antiga Siderúrgica Tarzan. Recentemente o imóvel foi objeto de doação da Prefeitura Municipal de Santo Amaro à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde será construído o seu campus.

para as comunidades que se formavam nos arredores e aquelas existentes na zona rural do município, inclusive de cidades vizinhas, como Cachoeira e São Francisco do Conde.



Mapa 04. Configuração Urbana, início do século XX – Cidade de Santo Amaro. Fonte: Próprio autor.

O Anuário Estatístico do Brasil de 1960, apontava que Santo Amaro era o sétimo município mais populoso do estado da Bahia, com uma população de 100.221 habitantes, das quais cerca de 53,50% residiam na zona rural.³⁵ Entretanto, em 1961 os distritos de Terra Nova, Amélia Rodrigues, Teodoro Sampaio e Conceição do Jacuípe foram emancipados, aos quais somou-se o de Saubara, em 1989, dando ao município de Santo Amaro a configuração atual, reduzindo significativamente a sua área territorial e o seu contingente populacional.

Ainda assim, o Mercado Municipal continuou sendo um ponto de referência para aquela região do Recôncavo. Uma porta de entrada para a população dispersa nas diferentes escalas do território, seja ele urbano, municipal ou regional. Sua importância para a formação da cidade foi tão grande que, por muito tempo, a sua administração esteve ligada de forma umbilical ao controle político da vila colonial e, em seguida, da cidade emancipada (1837). Ainda hoje, é administrado pela Prefeitura Municipal, mas até o ano de 1890, o Mercado e

³⁵ Anuário Estatístico do Brasil – Resultados Preliminares do Recenseamento Geral, 1960. p. 35. Disponível em [chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1961/populacao_m_1961aeb_01a24.pdf](https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1961/populacao_m_1961aeb_01a24.pdf)

feira livre, ou o “Celeiro Público”, como era chamado na época, funcionou no pavimento térreo da Casa de Câmara e Cadeia (Imagem 04), situada na Praça da Purificação, concentrando ali o comércio de grãos e de farinha. Aos conselheiros da Câmara cabia o controle de entradas e saídas de mercadorias, o tabelamento de preços ou a aplicação de multas e penalidades a comerciantes infratores, para as quais eram nomeados fiscais.



Imagem 04. Casa de Câmara e Cadeia de Santo Amaro. Construção iniciada em 1730, finalizada em 1769. Foto do autor.

As atividades comerciais que se desenvolviam nas ruas, geralmente feita por pessoas negras – libertas ou escravizadas, antes de 1888 – dava-se sob a vigilância e, muitas vezes, o maltrato dos fiscais, ao arrepio do Código de Posturas do município, a exemplo dos abusos sofridos por quitandeiras que ocupavam calçadas, conforme relatado a seguir:

A postura municipal n. 12 proíbe a obstrução dos passeios das ruas, pelas quitandeiras, as quais enquanto a câmara não marcar logar onde permaneçam, deverão vagar pelas ruas [...]. Apezar da clareza de tal disposição municipal, o fiscal da câmara entende proceder abusivamente metendo os pés nas gamelas e espalhando os gêneros como ainda hontem praticou na Praça da Purificação.³⁶

O trabalho de pessoas escravizadas de ganhos nas feiras e no “comércio ambulante de frutas, doces e salgados, [...]”, ficando os ganhos para seus senhores e sobretudo senhoras” (Reis, 2000, p. 44), era uma prática comum desde o período colonial. Trabalho que também significava disputa pelo direito de ocupar o espaço público, marcar territórios, tornar-se uma referência do bairro ou da cidade. Num editorial de 23 de abril de 1884 do periódico Echo Sant’amarense, novas críticas são feitas aos fiscais da Câmara, visto que eles pouco

³⁶ Jornal Echo Sant’amarense. **Abusos.** Santo Amaro/BA, Ano 2, nº 156, 03 maio 1882. p. 1.

trabalhavam e "A fiscalisação reduz se ás pobres negras, que n'um momento de bilis dos Srs. fiscaes, por causa de nossas reclamações, veem quebrar-se seus taboleiros e pratos".³⁷

O comércio de peixes e mariscos era feito na rua e nas calçadas da margem do Rio Subaé, à altura da ponte do Xaréu (onde foi tocada a primeira festa do Bembé, em 1889). Era um logradouro com pavimentação precária, que se tornava intransitável em períodos de chuva, com formação de pântanos e charcos, o acúmulo de lixo e de animais mortos.

E não é só o estado de deterioramento que atrahe a atenção do passante, a immundicia ali persiste as vistas públicas, e na porção occupada pelo commercio do peixe, mais digna ainda se torna da atenção de nossos vereadores. Até o presente não cogitou a municipalidade da construcção de um mercado, embora em condicções limitadas, para a venda do peixe, consentindo em ser elle exposto em gamellas sobre o passeio que contorna o alicerce das propriedades ali existentes [...]. A hygienne publica reclama o acceio, em todas as cidades, nos logares destinados ao commércio de peixe, não só pelo grande número de animaes que se desenvolvem, como absolutamente é indispensável a renovação constante do ar atmospherico [...].³⁸

Não havia estrutura construída na margem do rio, como um barracão, que abrigasse os vendedores de pescados (situação completamente distinta do que ocorria sob a custódia da Câmara, no "Celeiro", no seu pavimento terreo). O comércio, à beira do rio, era feito de forma precária, com os produtos expostos em gamelas sobre as calçadas, expondo os pescados aos animais que transitavam nas ruas, tornando-se vetores para doenças. Estacadas em estrutura de madeira seguravam o terreno da rua na margem direita, onde se destacavam sobrados de relevante imponência, que abrigavam casas comerciais e alambiques. Após as chuvas ou cheias do rio, o trânsito era inviável e fazia-se necessário o conserto das estacadas e a recomposição do piso com areia, para permitir a passagem dos carros à tração animal. De forma igualmente precária, eram as rampas para acesso dos pescadores.

A preocupação com a higiene pública se traduz em editoriais que acusam o desleixo da Câmara para com o trato urbano, inclusive citando a falta de capacidade do governo imperial em atuar como poder central neste tema. A edição do dia 31 de maio de 1883 do jornal Echo Sant'amarense, também tratou da questão da insalubridade e do surgimento de doenças como a varíola, febre ou tosse convulsa em crianças, "moléstias que se vão propagando pelo interior, o que é muito natural pelas relações commerciais que nos circulam, e que estão a nós ligados por diferentes circunstancias".³⁹ Vale lembrar que 30 anos antes, entre 1855/56, ocorreu uma epidemia de cólera que se alastrou pelo interior da província da Bahia e que ceifou a vida de aproximadamente 8500 santamarenses (David, 1993, p. 156).

³⁷ Jornal Echo Sant'amarense. **Ainda a Camara Municipal.** Santo Amaro/BA, Ano 3, nº 236, 23 abr. 1884. p. 1.

³⁸ Jornal Echo Sant'amarense. **Necessidades publicas.** Santo Amaro/BA, Ano 2, nº 213, 14 mar. 1882. p. 1.

³⁹ Jornal Echo Sant'amarense. **Salubridade publica.** Santo Amaro/BA, Ano 2, nº 259, 31 de maio 1883. p. 1.

A exposição da população negra e carente às tragédias das doenças e às desventuras de uma realidade urbana precária reforçava uma das funções das religiões de matrizes africanas, e ameríndias, inclusive, no Brasil: o fato das comunidades de terreiros e casas de Axé servirem como hospitais do povo desassistido. Isso fortaleceu ainda mais o apego religioso aos Orixás, Inquices, Voduns e Caboclos. Esses últimos, na verdade os primeiros, os donos da terra. Veremos mais adiante que o temor às tragédias, relacionadas não só à população, mas também ao ente cidade e aos elementos da natureza que a compõem, e os pedidos de proteção às ancestralidades, tornaram-se uma das razões da obrigatoriedade da realização anual dos rituais que realimentam os Axés do Bembé em Santo Amaro.

Observe-se que o Bembé surge como uma festa da comunidade do povo de santo, num lugar familiar aos pescadores, zona portuária e onde se fazia o comércio de pescados e mariscos, um logradouro onde também havia casas comerciais e alambiques. Mas que estava na margem do antigo Centro Histórico, delimitado pelo curso do Rio Subaé e pela presença da ferrovia, inaugurada em 1880, portanto nove anos antes do primeiro Bembé.⁴⁰ Por outro lado, a estrutura do mercado, um lugar de trocas, de chegadas e partidas e referência para a população santamarense, tanto da Sede urbana, quanto da zona rural, estava situada na Casa de Câmara, Praça da Purificação, uma zona residencial e nobre no coração da cidade. Um incômodo para parte da população, que demandava a remoção do mercado daquele lugar.

3.2 O novo Mercado e a formação do Largo do Mercado Municipal

Participei, enquanto voluntário, da equipe multidisciplinar composta por docentes e discentes da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), que fez a pesquisa e elaborou o dossiê para instrução do registro da Festa do Bembé enquanto Patrimônio Imaterial do Brasil, a cargo do IPHAN (Barata; Brito; 2019). Tal equipe foi coordenada pelo professor Dr. Danilo Barata, então diretor do CECULT (Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas), campus da UFRB sediado na cidade de Santo Amaro. Coube à professora Dr.^a Thais Fernandes Salves de Brito a coordenação das pesquisas, que também contaram com a participação dos professores doutores Francesca Bassi e Jorge Vasconcelos.

O dossiê do IPHAN teve um horizonte metodológico que estendeu a sua construção à participação de membros da comunidade candomblecista santamarense, de forma coletiva e contínua, alguns destes membros estudantes da graduação e da pós-graduação do CECULT.

⁴⁰ A Estrada de Ferro Santo Amaro teve seu primeiro trecho inaugurado em 1880, atendendo aos engenhos de cana de açúcar da região. Ligava a localidade de Catuçara (hoje no município de Teodoro Sampaio) a Buranhém (estaçao em ruínas, no município de Simões Filho). Em 1939 foi incorporada pela VFFLB. Esta, por sua vez, foi repassada em 1996 para a Ferrovia Centro Atlântica (FCA), através de concessão federal.

Tal metodologia, inclusive, delineou as diferentes fases da pesquisa, discutindo e aprovando o que era apresentando enquanto produção. Destarte, coube a Mãe Manuela de Ogunjá, yalorixá santamarense, filha de Pai Pote, fazer a supervisão teológica das pesquisas, além de, juntamente com a servidora municipal Lorena Lima, articular uma rede de detentores do Bembé do Mercado para serem entrevistados. As entrevistas com Babá Geri⁴¹, Babaquererê do Terreiro *Oju Onirê*, de Pai Pote, possibilitaram diferentes escutas sobre os modos de sentir e viver o Bembé. A mim, foi incumbida uma pesquisa sobre o histórico do Mercado Municipal e do seu papel enquanto lugar político e simbólico da cidade. Conseguimos verificar, através de registros em periódicos de época, as datas e os contextos históricos das construções e obras de reformas do Mercado, autoridades envolvidas nos empreendimentos e as necessidades que motivaram tais intervenções (Barata; Brito; 2019, p. 19-35).

Em 1890, foi inaugurado o prédio do Mercado Municipal, tendo uma de suas fachadas assentada sobre o cais de contenção que margeia o rio Subaé (Imagens 05 e 06). Tal edifício, ficou conhecido popularmente como “Mercado Cerqueira Mendes”, homônimo do primeiro intendente⁴² de Santo Amaro, responsável pela construção do imóvel. Situava-se próximo à ponte do Xaréu, local de referência para os pescadores e de atracamento para pequenas embarcações. O terreno era cercado por um gradeado afastado do corpo principal, sendo que em cada um dos seus quatro vértices havia um quiosque de planta quadrada, com arcadas nas faces e cobertura metálica em forma de chapéu piramidal. No topo do telhado havia um lanternim sextavado, com aberturas ovoides em cada face, cobertura em formato de pirâmide, com adereço em forma de bandeira no topo (Imagen 05).



Imagen 05. Mercado Cerqueira Mendes. Vista da fachada frontal (lado esquerdo da imagem) e da fachada lateral direita (centro da imagem). O Rio Subaé passa ao fundo. Fonte: Desconhecida.

⁴¹ Mais adiante, falarei a respeito de Baba Geri e da sua contribuição para a elaboração desta dissertação.

⁴² O cargo de intendente foi criado após a Proclamação da República, mudando a ordem administrativa dos municípios, que deixaram de ser administrados pelas câmaras municipais, surgindo assim a figura do intendente municipal, equivalente ao atual cargo de prefeito. Coube às câmaras a função legislativa.

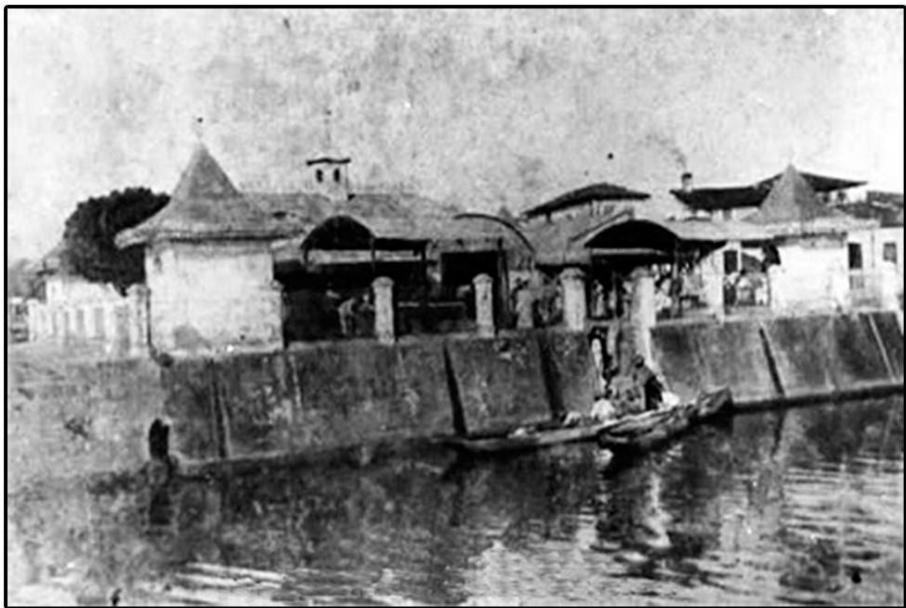


Imagen 06. Mercado Cerqueira Mendes. Vista da fachada posterior, com o Rio Subaé em primeiro plano. É possível ver canoeiros tendo acesso ao mercado através de uma escadaria, da qual ainda há vestígios, no centro, à direita. Fonte desconhecida.

A edificação central era arrodeada por um varandado, à exceção da face voltada para o rio Subaé, a partir do qual era possível aos canoístas acessarem diretamente o Mercado, através de uma escada. Ainda hoje há vestígios dessa estrutura de acesso (Imagen 06). Tanto a estrutura da edificação, quanto a sua cobertura, era composta por peças metálicas, o que causou grande desconforto no ambiente interno nos dias encalorados, já que, em Santo Amaro, as temperaturas elevam-se acima dos 30° nas estações da primavera e do verão. Devido ao transtorno causado e à revolta dos usuários, tal edifício não foi ocupado de imediato.

A despeito da repulsa da população e dos comerciantes, somente no primeiro semestre do ano de 1905 é que foram definitivamente transferidas para o novo mercado, todas as atividades comerciais que se desenvolviam na Casa de Câmara.⁴³ Os pescadores, marisqueiras e feirantes, que vendiam seus produtos ao longo da antiga Rua da Aurora, orla do rio Subaé, também foram atraídos para as cercanias da nova edificação. Em 1917 era inaugurado um extenso trecho de cais no Rio Subaé, contemplando as suas duas margens, obra que foi complementada em 1933, quando da visita ao município do então Presidente da República, Getúlio Vargas. A antiga Rua da Aurora, passou então a chamar-se Avenida Getúlio Vargas, em homenagem ao ilustre visitante.

O Mercado Cerqueira Mendes resistiu até o ano de 1935, quando, em 19 de outubro, foi publicado o edital de concorrência para a construção de uma nova edificação, a ser

⁴³ Encontrei tal menção no periódico Correio do Brasil (Salvador/BA, Ano III, nº 540, 04 jul. 1905. p. 1).

executada no mesmo local da anterior, que deveria ser demolida. O anúncio trazia o projeto arquitetônico e especificações técnicas determinadas pela municipalidade, com data de entrega das propostas agendada para 09 de novembro daquele mesmo ano.⁴⁴ Não encontramos a data de inauguração do novo edifício, mas uma carta de um leitor datada de 18 de junho de 1937, publicada no jornal oficial do município, aponta o ritmo adiantado das obras, o que nos faz crer que naquele mesmo ano o novo mercado foi entregue à população.⁴⁵ Continua sendo o Mercado Municipal, dos dias atuais, também conhecido como Mercado da Farinha, pois este era (e continua sendo) o principal gênero nele comercializado.

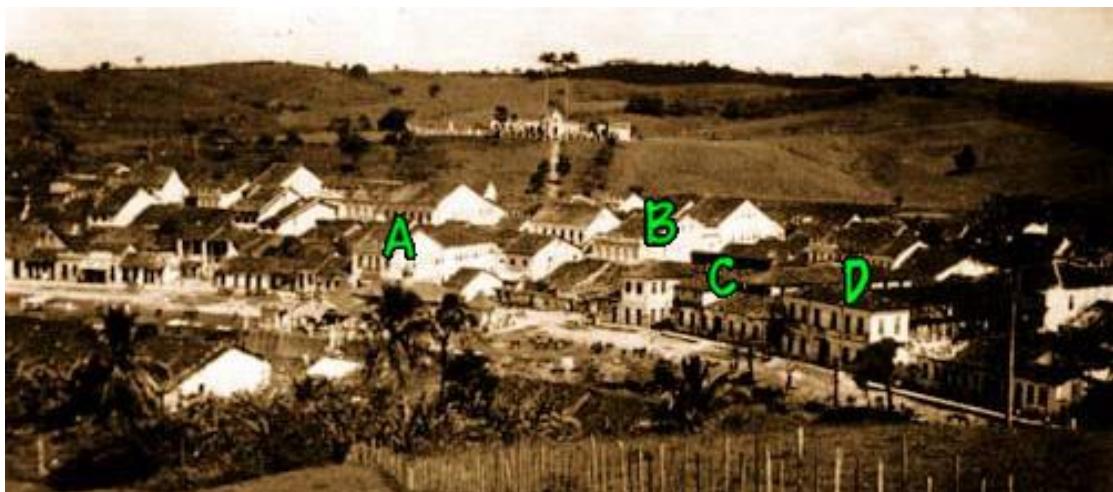


Imagem 07. Vista panorâmica do Centro Histórico de Santo Amaro, provavelmente década de 1880. No centro da imagem é possível ver a antiga quadra que antecedeu o Largo do Mercado (entre os edifícios A, B e C). Como referência para comparar com a Imagem 08, tomem-se os sobrados identificados com as letras A, B (Lyra dos Artistas), C e D (antigos alambiques). Fonte: desconhecida.

Onde hoje é o Largo do Bembé do Mercado, cujo nome oficial é Largo Manuel Querino,⁴⁶ havia uma quadra ocupada por alguns sobrados na antiga Rua da Aurora, a orla do Rio Subaé (atual Avenida Presidente Vargas), e cortiços de madeira na Rua das Flores, que passa pelo fundo do prédio da Lyra dos Artistas, e no “Beco do Bilhar”, certamente uma das vias que ligavam a Rua Direita ao Mercado Municipal (Imagem 07). O fato é que em 13 de dezembro de 1941, após a ocorrência de um incêndio nos cortiços ali existentes e que

⁴⁴ Jornal O Município. **Edital de Concorrência para construção do Mercado Público.** Santo Amaro/BA, Ano XX, nº 869, de 19/10/1935. p. 2.

⁴⁵ Jornal O Município. Santo Amaro/BA, Ano XX, nº 923, de 26/06/1937. p. 1.

⁴⁶ Manuel Raimundo Querino, intelectual, homem negro santamarense, nascido em 28/07/1851 e falecido em 14/02/1923, aluno fundador do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia e da Escola de Belas Artes. Autor da obra “O colono preto como fator da civilização brasileira” (Querino, 1918), foi pioneiro no Brasil na revisão histórica e antropológica que coloca a população negra como protagonista na colonização e desenvolvimento do país, a partir da diáspora africana.

danificou as demais edificações, noticiou-se a demolição “[...] dos casebres infectos daquela travessa célebre pelos descontrôles morais que de vez em quando surgiam em face da polícia de costumes [...]”.⁴⁷ Com a demolição dos imóveis restantes desta quadra, tem-se a formação do que hoje é o Largo do Mercado, que logo foi ocupado pelos comerciantes da Feira Livre, (conforme se vê na Imagem 08) e, vindo a ser, naturalmente, em algum momento dos anos seguintes, o lugar onde se fixou a Festa do Bembé do Mercado.

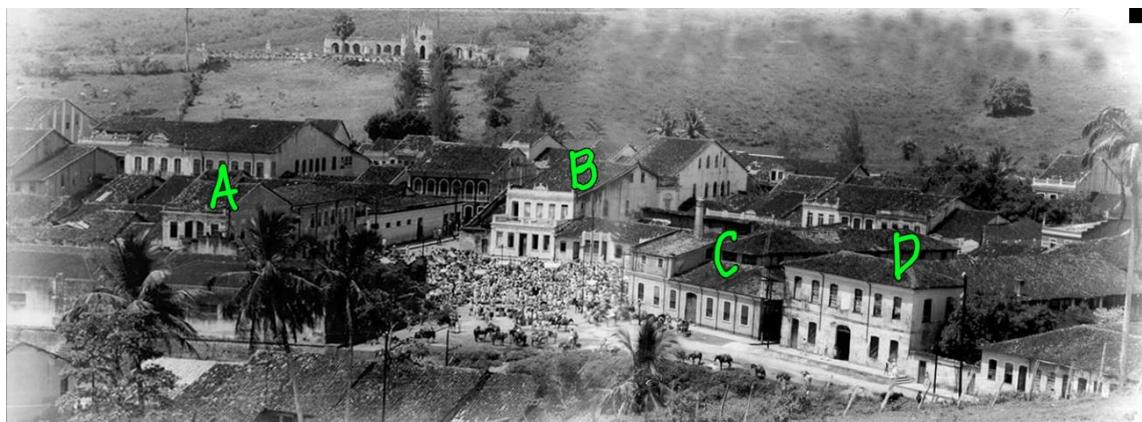


Imagen 08. Vista panorâmica do Centro histórico de Santo Amaro, entre os anos 1940/1958. Estimo este período, porque a explosão de 1958 destruiu as fachadas dos sobrados marcados com as letras C e D – mesmas referências da Imagem 07 (e conforme será possível ver na Imagem 12). No centro, a feira livre espalhada sobre o Largo do Mercado. À esquerda e abaixo do sobrado “A”, atrás das copas dos coqueiros, está o Mercado Municipal (prédio atual). Fonte: Álvaro Ricardo.

O próprio Mercado – a edificação, o lugar ocupado – ao longo do tempo, foi marcado por descasos das autoridades, permissividades dos fiscais da prefeitura municipal, ambiente propício à prostituição, inclusive de menores de idade, e todo tipo de desavenças pessoais. O periódico *A Paz*, entre os anos de 1924 e 1928, traz diversas notas em que denuncia a péssima administração e a falta de higiene do equipamento, a presença de prostitutas durante o dia no seu interior e a circulação livre de marginais.⁴⁸ Mesmo nos dias atuais, presenciamos situações semelhantes àquelas citadas 100 anos atrás.

A Feira Livre, por sua vez, cresceu ao longo das primeiras décadas do século XX, consolidando-se como um importante meio de sociabilidade e de comércio, gerador de empregos e de renda. No seu cotidiano, reúnem-se a população santamarense e de cidades vizinhas, consumidores e comerciantes que circulam entre as feiras do Recôncavo, agricultores familiares, pescadores, marisqueiras, detentores dos mais variados saberes e

⁴⁷ Jornal *O Município*. Santo Amaro/BA, Ano XX, nº 923, de 13/12/1941. p. 1.

⁴⁸ Jornal *A Paz*. Santo Amaro/BA. Edições nº 119 de 11/10/1924; nº 154, 156, 160, 161, 162 e 165 do ano de 1926; nº 185, 189 e 191 do ano de 1926; nº 247 de 21/05/1927. Pesquisa feita no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB).

ofícios afrodiáspóricos. Uma espetacular “salada cultural”. Ainda no ano de 1941, registrava-se que “As feiras que se realizam nesta Cidade, no Mercado Público, às segundas-feiras, vêm tendo um aumento progressivo nesses últimos tempos”.⁴⁹ Foi um sinal do revigoramento da atividade comercial, perante momentos anteriores de estagnação, reforçando a Feira como importante vetor da dinâmica urbana da cidade e da economia do município.

É nesta reconfiguração urbana, marcada por desajustes sociais, precariedade, sacrifício e sofrimento, mas também com festa, devoção, alacridade, balbúrdia e muito esforço e trabalho diário, que surge o ambiente que vai se consolidar como território sagrado da festa do Bembé. Não existe um registro preciso, escrito ou oral, de quando a festa passou a ser celebrada no Largo do Mercado, ou nas cercanias da edificação, nem quando se firmou o nome como conhecemos. É de se imaginar que, sendo o Mercado e a Feira Livre um lugar de encontro e de reunião de tantos saberes, ali convencionou-se fazer a festa do Bembé. Mas eu considero que, para entender essa ocupação e referenciação simbólica, é necessário ater-se à ambiência urbana da cidade de Santo Amaro.



Imagen 09. Vista da Avenida Presidente Vargas, Feira Livre, durante o dia. O Mercado Municipal está à esquerda, o Largo do Mercado à direita. Foto do autor, ano de 2019.

O Mercado e Feira Livre estão inseridos num contexto que envolve o Rio Subaé e a Rua Direita – uma importante artéria do Centro Histórico, onde predominam as atividades de comércio e serviço, com grande fluxo de pessoas no horário comercial, ou seja, nos períodos

⁴⁹ Jornal O Município. **Aumentam as feiras desta cidade.** Santo Amaro/BA. Ano XXVI, nº 1078, de 01/11/1941. p. 2.

da manhã e tarde. No caso do Mercado e Feira Livre, durante a tarde, as atividades esmaecem-se, o fluxo maior de pessoas é pela manhã, como é possível verificar nas imagens 09 e 10. A Feira Livre é o principal lugar de sociabilidade da cidade durante as manhãs, mesmo com vários problemas que a perseguem desde sempre (desorganização, falta de padronização de equipamentos e de protocolos operacionais, estruturas precárias, falta de respeito ao Rio Subaé por parte dos feirantes, sujeira).



Imagen 10. Vista do Largo do Mercado num final de tarde, já com as barracas desmontadas (área coberta ao centro). O prédio do mercado está situado à direita. Foto do autor (Imagen anterior à obra de requalificação do Largo do Mercado, ano de 2022).

O outro grande espaço de sociabilidade da cidade é a Praça da Purificação, área nobre e predominantemente residencial que, até o início do século XX abrigou o mercado (antigo Celeiro, que ocupava o pavimento térreo da Casa de Câmara e Cadeia). Lembremos que houve movimentação da sociedade, para que o antigo Celeiro fosse dali removido e construído uma nova edificação na beira do Rio Subaé. Aqui é que se invertem os papéis. Enquanto a Feira é o grande espaço de sociabilidade durante as manhãs, com grande fluxo de pessoas durante o dia na Avenida Presidente Vargas (onde estão o Mercado e a Feira Livre), a Praça da Purificação o é durante à noite. Enquanto a Praça é um lugar calmo e aprazível durante as manhãs, a Avenida Presidente Vargas é um logradouro vazio e muito evitado, perigoso durante a noite. O prédio do Mercado é fechado ao público por volta das 16 horas. Sendo uma área estritamente comercial, perde essa função durante a noite, pois as lojas estão fechadas e a população evita circular naquela região devido à insegurança das vias e à falta de opções de uso ou de serviços.

O Rio Subaé e a linha férrea funcionam como um hiato ou uma faixa limítrofe que cortam a cidade de uma ponta à outra. Na região do Mercado, no período noturno, essa

característica é acentuada pelo efeito negativo (no sentido fotográfico, e prático também) que causa a penumbra sobre o leito do rio e pelo espaço ocioso, mal aproveitado e mal iluminado, ocupado por um pátio de manobra da linha férrea. Isso só é quebrado pelas transições feitas através das pontes e passarelas, que são três naquela faixa da cidade (a ponte do Xaréu, origem da festa do Bembé, é uma delas). O rio e a ferrovia separam o Centro Histórico dos bairros do 2 de Julho e da Cандolândia, este último, um bairro populoso que se originou a partir da invasão de uma antiga fazenda, por volta da década de 1960.



Imagen 11. Vista geral da Avenida Presidente Vargas durante a noite. O rio Subaé está à direita. Largo e prédio do Mercado estão ao fundo, no centro (não é possível vê-los). Foto do autor, ano de 2022.

Se voltarmos no tempo, tínhamos os desfiles oficiais do 13 de Maio, a banda do Tiro de Guerra e as filarmônicas tocando no coreto, os discursos das autoridades no Paço Municipal ou as missas festivas na Igreja Matriz, todos estes eventos tendo como *locus* principal a Praça da Purificação. E em paralelo, uma beira do rio com urbanização precária, com a noite relegada ao esquecimento, uma fronteira que separa partes distintas da cidade, mas convidativa à posse do território por grupos que se aventurassem a desbravá-la. São imagens da cidade que atravessaram gerações. Na beira do rio, na Avenida Getúlio Vargas, foram feitas intervenções de infraestrutura, melhoramentos urbanos, obras de saneamento, ao tempo em que o patrimônio construído foi completamente desfigurado, mas o cerne da questão, que é o uso do espaço, a territorialização do mesmo enquanto lugar deste ou daquele grupo, continua o mesmo de décadas atrás. Aí é que se abre a fresta, a oportunidade de

disputa e conquista de um território que tem as suas funções urbanas diminuídas durante um espaço de tempo (noite) e que, por isso, é desprezado e evitado pela maior parte da sociedade santamarense.

3.3 A consolidação do Bembé no Largo do Mercado

Segundo Machado (2009, p. 77-78), a década de 1950 foi marcada por proibições da realização da Festa do Bembé no espaço público, devido à não regularização das casas de candomblés santamarenses, que deveriam estar registradas perante à municipalidade e aos órgãos policiais. Como a existência daqueles lugares de culto na cidade era marcada pela precariedade de diversas ordens (financeira, do acesso à cidadania plena e aos aparatos legais), isso se tornou um problema que só foi resolvido a partir dos anos de 1960.

É nesse contexto que, em 1958, acontece uma tragédia na cidade de Santo Amaro, que marcou profundamente a sua história recente e impactou de forma definitiva a Festa do Bembé do Mercado. No dia 23 de junho, véspera do dia e da festa de São João, com relevante movimentação de pessoas na Feira Livre, uma grande explosão atingiu duas barracas de fogos de artifícios situadas ao lado da fachada esquerda do Mercado Municipal, ceifando a vida de 108 pessoas, ferindo outras trezentas.⁵⁰ Conta-se que, numa daquelas barracas, estavam depositados clandestinamente dois barris de pólvora. Acidentalmente, uma cobrinha⁵¹ foi acesa e voltou para dentro da barraca, espalhando faíscas que caíram sobre um dos barris, causando duas grandes explosões (os dois barris), seguidas de várias menores. Segundo alguns santamarenses idosos, que vivenciaram aquela época, as barracas eram feitas de argamassa pré-moldada. Com as explosões, pedaços da estrutura estilhaçaram-se tal qual granadas, despedaçando corpos de pessoas e de animais, além de destruir as fachadas das edificações das proximidades. A tragédia aumentou com a queda dos fios da rede de energia elétrica, de maneira que muitas pessoas perderam a vida eletrocutadas. A Imagem 12 dá uma ideia do impacto e da destruição.

Dois anos antes, em 1956, familiares de um delegado de polícia (ou um juiz – conta-se as duas versões) que também havia determinado a proibição da celebração religiosa, sofreram um acidente automotivo na estrada que liga a sede urbana de Santo Amaro ao distrito de Oliveira dos Campinhos. Tais fatos foram relatados pela historiadora Zilda Paim e pelo mestre de capoeira Felipe Santiago (Machado, 2009, p. 39-40; e em Bahia, Ipac, 2011, p. 42).

⁵⁰ Revista O Cruzeiro. **São João levou Santo Amaro para o céu.** Rio de Janeiro/RJ, n° 39, 05/07/1958. p. 106-108.

⁵¹ Fogo de artifício de uso infantil juvenil.



Imagem 12. Imagem que retrata o resultado da explosão do dia 23 de junho de 1958. O prédio do Mercado Municipal está situado atrás da posição do fotógrafo; o Rio Subaé está à direita. O sobrado em destaque, acima, é aquele que está marcado com a letra D nas duas imagens anteriores. Fonte: Imagem extraída da Revista O Cruzeiro, Edição 39, ano de 1958, p. 107.

Os acontecimentos trágicos reforçaram a crença de que a festa do Bembé, na sua dimensão religiosa, também é um pedido de proteção aos Orixás para a cidade de Santo Amaro e seus habitantes. Ressalte-se ainda as cheias costumeiras do Rio Subaé, que trazem grande prejuízo aos moradores dos bairros ribeirinhos, aos comerciantes do Mercado, Feira Livre e moradores das redondezas, pois grande parte do Centro Histórico está situado em um vale, sobre o aterro de um antigo manguezal, com o nível dos logradouros e imóveis em cota muito baixa. Some-se a tudo isto, a crença ancestral dos pescadores de que a não realização dos cultos religiosos e oferendas a Iemanjá, lhes traria dificuldades e insucesso nas atividades pesqueiras. Para eles, era (e continua sendo) necessário atualizar as oferendas ano a ano para

que houvesse fartura na pesca e proteção no labor, o que foi feito mesmo com a proibição das celebrações no Mercado. Tudo isto afasta aquela ideia folclórica, pregada por muito tempo pela sociedade dominante, da festa do Bembé como uma homenagem à Princesa Izabel.

As décadas de 1960 e 70 foram marcadas pela acomodação e consolidação da Festa do Bembé no Largo do Mercado, bem como no calendário festivo oficial do município. É um momento em que os sacerdotes passam a legalizar os terreiros, buscando legitimar a religião perante uma sociedade que continuava a praticar vários tipos de preconceito racial e religioso. Em Santo Amaro, o histórico de conflitos entre as comunidades do povo de santo e a municipalidade ganhava um novo capítulo, através do Babalorirá Tidú, e da historiadora santamarense Zilda Paim.

Pai Tidú, Euclides Silva, foi sacerdote do *Ilé Axé Eruvafá*, terreiro situado no bairro do Pilar. Sua profissão era a de pedreiro. Liderou o Bembé por cerca de 30 anos, entre a década de 1960 e o início dos anos 90, quando faleceu aos 69 anos. Segundo Machado (2009), Tidú foi feito Ogã, consagrado a Iansã *Balé*, e fundou uma casa de candomblé com sua esposa, Iyalorixá Lurdes, muito frequentada por pessoas de diferentes locais e extratos da sociedade. Tal convivência, garantiu-lhe muita habilidade e conhecimento do culto e rituais da religião, de maneira que ele próprio fazia ebós e outros trabalhos. Ainda ogã, ele se responsabilizou por muitas obrigações do terreiro, “(...) inclusive muitos barcos foram formados por ele, mas quem realizava as obrigações eram Lídia e Noca de Jacó. E que, após dezesseis anos da sua confirmação como ogã, Iansã *Balé* começou a se manifestar exigindo que o mesmo fosse iniciado (...)” (Machado, 2009, p. 79).

Mesmo sendo um fato controverso, sua iniciação após ter sido confirmado anos antes como ogã, Tidú foi feito Babalorixá e contou com uma grande rede de solidariedade para registrar o seu terreiro e constituir-se como importante liderança do Candomblé santamarense e do Bembé do Mercado. A respeito da iniciação de Tidú, Machado sugere que “o candomblé não tendo um cânones específico que regulasse tais fenômenos, aspectos como estes podem ser interpretados como uma espécie de estratégia, uma vez que era necessário legitimar as práticas que Tidú já realizava fazia tempo” (Machado, 2009, p. 80).

À frente da celebração do Bembé, Tidú teve o apoio imprescindível e garantidor de Mãe Lídia de Oxaguiã,⁵² Ialorixá do Terreiro *Ilé Axé Yá Oman*. No Bembé do ano 2019, recordo-me que, antes do início de um dos *xirê*s, eu estava encostado na borda do barracão, no

⁵² Lídia Queiroz dos Anjos, exerceu o cargo de sacerdotisa do *Ilé Axé Yá Oman* por 67 anos, desde 1955 até 2022, quando faleceu aos 86 anos. É uma referência importantíssima do Candomblé santamarense e do Recôncavo Baiano. Sérgio Bispo, seu filho adotivo, assumiu a liderança do terreiro após a sua passagem para o *Orum*.

Largo do Mercado, próximo ao trono que é destinado a pessoas distintas do Candomblé, homenageada naquela noite. Dois filhos de santo conduziram pacientemente aquela senhora, ela caminhando lentamente e segurando o braço de cada um deles, ao que se acomodou na grande cadeira de madeira de lei, disposta próxima dos atabaques dos ogãs. Ali, passou a receber as reverências de todos que chegavam. Fiquei admirando aquela cena, marcada pela fragilidade do seu corpo, ela já bem magrinha, braços finos, mas que se erguiam com enorme autoridade para abençoar todos aqueles que lhe abaixavam o *ori*. Mãe Lídia faleceu no dia 08 de dezembro de 2022. Eu vi passar e reverenciei o seu cortejo fúnebre, de dentro da casa onde resido, em Santo Amaro, mas não pude acompanhá-lo, porque estava no período de resguardo, após ter sido confirmado no cargo de ogã.

Zilda Paim, foi uma professora, memorialista e política santamarense. Dedicou-se ao estudo das manifestações culturais afrobrasileiras, tornando-se uma especialista na história do Maculelê, o que a aproximou dos povos de terreiros. Foi a primeira vereadora do município de Santo Amaro, chegando a ser presidente da Câmara Municipal, o que lhe permitiu, por muito tempo, acessar os círculos de poder e de prestígio santamarenses. Tais condições valeram-lhe o cargo de “delegada” do culto do Bembé, enquanto servidora pública da Prefeitura Municipal de Santo Amaro, entre os anos de 1976 e 1984, mesmo ela não tendo sido ligada ao sistema religioso do Candomblé.

Machado (2009, p. 74-83), no seu trabalho de resgate da memória social das comunidades de terreiro de Santo Amaro vinculadas à celebração do Bembé do Mercado, faz extenso relato, citando trechos de entrevistas de Zilda Paim e de outros atores daquele período.⁵³ Tidú já havia falecido quando da sua pesquisa. Tais relatos permite-nos compreender meandros daquelas relações, por vezes conflituosas, que foram construídas a cada edição da festa do Bembé.

Enquanto Tidú era a liderança responsável por organizar a festa e manter as suas tradições ritualísticas, a professora Zilda Paim era a responsável por liberar e fiscalizar a realização da mesma. Segundo Machado (2009, p. 83), “os critérios que ela [Zilda] apontava como forma de decidir quem iria se responsabilizar pelo Bembé, dizia respeito a um julgamento moral, o qual a mesma decidia como sendo o comportamento adequado”. Foi um momento em que diminuía a perseguição ao culto dos candomblés no Brasil, mas ainda assim, em Santo Amaro, prevalecia o controle externo, por parte das autoridades municipais. Nesse

⁵³ Curiosamente, eu entrevistei a professora Zilda Paim no ano de 2000, no curso do meu Trabalho Final de Graduação, do curso de Arquitetura e Urbanismo, trabalho este que versou sobre o Mercado Municipal e a Feira Livre de Santo Amaro.

contexto entre organizadores (detentores da celebração religiosa) e fiscalizadores (agentes municipais, da polícia, judiciário), num jogo complexo de interesses diversos, foi possível negociar a visibilidade e a permanência da festa ao longo do tempo, sem perder a sua essência e as particularidades ritualísticas do culto do candomblé.

Observe-se que as relações entre os prepostos da Prefeitura Municipal de Santo Amaro, os órgãos policiais e os realizadores da Festa do Bembé, foram sendo moldadas com o passar dos anos, através de diversas formas de controle por parte dos órgãos de poder. O Bembé surge como uma celebração organizada por pescadores e candomblecistas, para a comunidade dos povos de santo, dependente da solidariedade entre aquelas pessoas, sem o envolvimento dos órgãos oficiais estatais. Passa por períodos de proibições e perseguições (que se espelhavam nas ações contra as manifestações religiosas e culturais afrobrasileiras a nível estadual e nacional), até que é aceita, mas sob a condição do registro das lideranças religiosas e das suas casas de culto pela administração municipal. Em seguida, a organização da festa do Bembé é submetida aos critérios de uma autoridade vinculada à administração municipal, tida como uma “delegada”, mas que não era iniciada na religião do candomblé. Esta dependência, por outro lado, garantiu a legitimação da celebração religiosa perante à sociedade local e o apoio oficial da municipalidade para a sua realização.

Costuma-se dizer que o transe dos filhos de santo é evitado nos *xirês* do Bembé do Mercado, porque desencadearia uma profusão incontrolável de energias, situações estas que poderiam causar vários transtornos, atrapalhando a celebração religiosa e afastando apreciadores ou até mesmo adeptos do candomblé. Mas isso não deve ser entendido como uma perda, ou limitação, nem mesmo como algo de todo verdadeiro.

Diante da forma como o Bembé e suas práticas ritualísticas conformaram-se ao longo do tempo nos espaços públicos de Santo Amaro, podemos considerar este aspecto, da inexistência dos transes no *xirê*, como uma concertação histórica, construída ao longo das experiências ritualísticas nos embates entre os realizadores da festa, os órgãos de controle oficiais e os olhos preconceituosos da sociedade santamarense. Estratégia essa que permitiu aos detentores do Bembé, disputar ano após ano, a posse dos territórios citadinos, ainda que efêmera ou simbólica, e mesmo com todas as dificuldades já citadas e conhecidas. Os transes estão presentes nos demais rituais do Bembé, naqueles realizados internamente nos terreiros de candomblé, nas encruzilhadas das cercanias da cidade ou até mesmo na Praia de Itapema, quando da entrega dos presentes. Certamente isso influenciou a forma como a Festa do Bembé era vista ou reconhecida por parte da sociedade santamarense e pela própria municipalidade, responsável também pela divulgação do evento religioso.

O anúncio de 1976 (Imagem 13), presente no Jornal Oficial do Município, primeiro ano em que a professora Zilda Paim atuou como responsável pela liberação e organização da celebração religiosa, traz um viés de apagamento étnico-racial e do sentido de devoção ancestral da festa: no anúncio, não é citado o nome da festa, “Bembé do Mercado”; as manifestações culturais (Capoeira, Samba de Roda e o Maculelê) e as celebrações ritualísticas do culto religioso são tratadas como um “autêntico festival folclórico”; em momento algum é citado o culto aos Orixás; a razão da festa, dos três dias de candomblé, era comemorar a Abolição da Escravatura, com a assinatura da Lei Áurea e homenagear a Princesa Izabel. Tal anúncio, e os relatos da pesquisa de Machado (2009), permitem-nos atestar o nível de disputa que existiu entre os detentores do Bembé e as autoridades municipais, no intuito de manter preservadas as suas tradições ritualísticas e culturais. É demais válido reforçar o caráter político do Bembé e das comunidades de terreiro santamarenses, nos seus propósitos e nas suas formas de luta, de resistência e de organização.

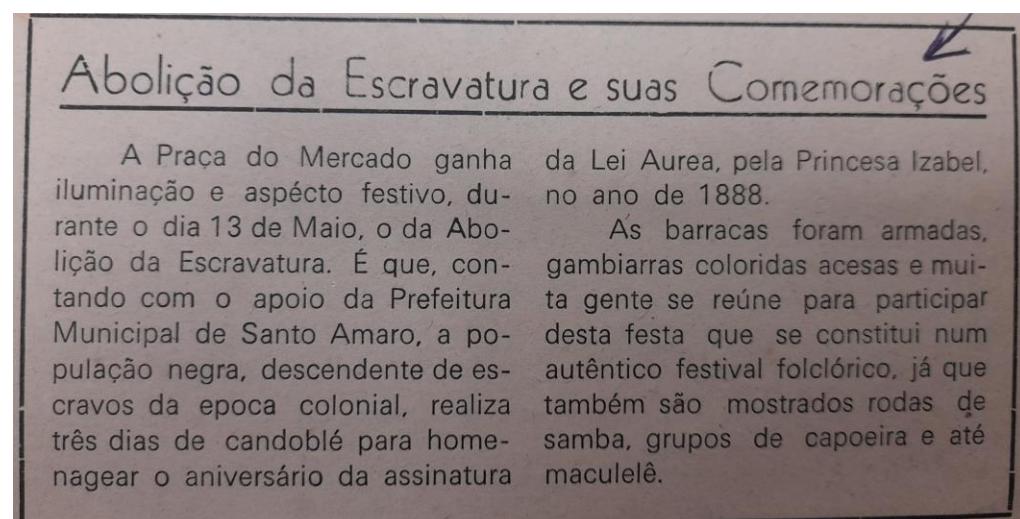


Imagem 13. Anúncio da Festa do Bembé estampado na capa do Jornal Ofício do Município de Santo Amaro, nº 2096, edição de 8 de Maio de 1976. Fonte: Arquivo Público de Santo Amaro.

Já a nota que informava a respeito da festa do Bembé do ano de 1988 (Imagem 14), no centenário da Abolição, dá um tratamento diferente ao festejo, ressaltando o culto religioso e a sua condição de festa tradicional do município. A Prefeitura Municipal surge como patrocinadora do evento, ajudando a comissão de festas financeiramente, alugando ônibus para levar o presente até a praia de Cabuçu⁵⁴, entre outras atividades. A festa é chamada de “Candomblé do Mercado”, talvez uma tentativa de apagar o nome popular cunhado ao longo

⁵⁴ A Praia de Cabuçu pertenceu ao município de Santo Amaro até 13 de junho de 1989, quando passou a constituir o município de Saubara, emancipado naquela data. A partir dos anos 90, o presente passou a ser entregue na Praia de Itapema, que pertence ao município de Santo Amaro.

do tempo, “Bembé”. Ressalte-se a observação, parece-me que ressoa como um atrativo, de que, na festa, “qualquer pessoa pode filmar e gravar cânticos dos Orixás”. Ainda segundo a nota, naquele ano houve a presença de diversos jornalistas e transmissões “televisadas por diversos canais de emissoras da capital”, o que demonstra ter havido grande interesse pela celebração.

A orientação e fiscalização continuavam sob responsabilidade de prepostos da administração municipal, conforme indicado no penúltimo parágrafo, mas é possível claramente observar uma outra consideração em relação ao Bembé e às suas particularidades. Naquele ano, a liderança religiosa à frente do Bembé ainda era de Pai Tidú. Mesmo com todas as dificuldades e embates, ele conseguiu sustentar o Bembé do Mercado.

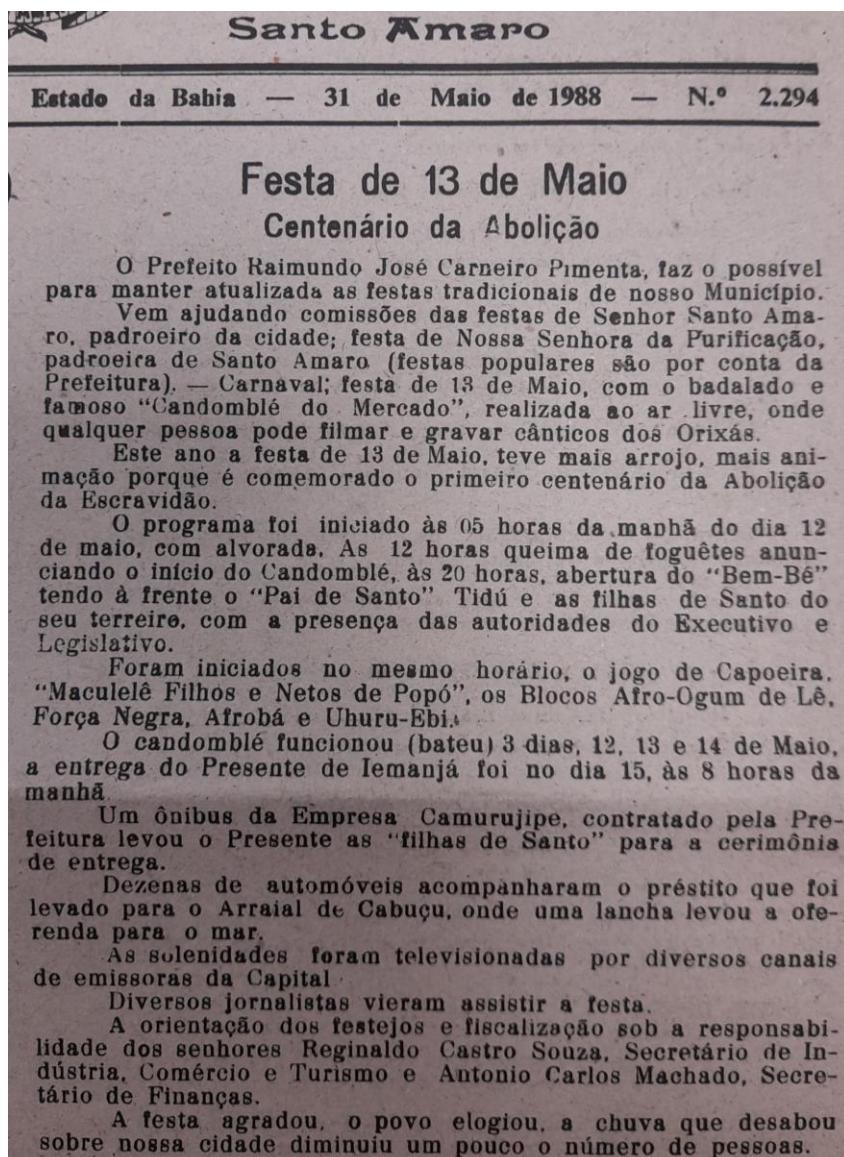


Imagen 14. Nota a respeito da Festa do Bembé, na comemoração do Centenário da Abolição. Jornal Ofício do Município de Santo Amaro, nº 2294, edição de 31 de Maio de 1988.

3.4 Afirmação da Festa do Bembé

Os anos 2000 são marcados por uma maior autonomia das lideranças religiosas na organização e condução da Festa do Bembé. Reflete um momento de liberdade religiosa no país, de valorização das políticas afirmativas para a população afrodescendente, do resgate das tradições e da identidade negra e do reconhecimento das religiões de matrizes africanas como um patrimônio cultural e religioso (Santos, 2008). Se entre os anos de 1960 e 1990, Tidú foi o responsável por consolidar o Bembé como uma celebração religiosa perene e constante do calendário oficial do município, a partir dos anos 2000 é o Babalorixá José Raimundo Lima Chaves, Pai Pote, quem irá se destacar como importante liderança do culto, afirmando-o enquanto referência nacional do Candomblé.

Pai Pote, filho de Ogum, foi iniciado no terreiro *Ilê Axé Omim J'Jarum* (Viva Deus de Santo Amaro), aos 25 anos de idade, mas afirma que frequenta a Festa do Bembé desde a infância, a partir dos 7 ou 8 anos. Teve como zeladora, a Iyalorixá Umbelina Santos Pinho, Mãe Belinha, a mesma que iniciou Tidú e lhe deu o *deká*.⁵⁵ Em 1998 ele fundou o Terreiro *Ilê Axé Ojú Onirê*, situado no bairro do Derba, à margem da Rodovia BR-420, na cidade de Santo Amaro. Graduou-se em História (2010), pela FTC (Faculdade de Tecnologias e Ciências – hoje, UniFTC), e especializou-se em Políticas e Gestão Cultural, pela UFRB (2019). Desde o ano de 2006, é ele quem lidera a realização das cerimônias religiosas do Bembé do Mercado, sendo que, é no seu terreiro, que são realizados os fundamentos fechados aos não iniciados no Candomblé.

Eu o conheci há algum tempo, através de reuniões de trabalho, eventos públicos – eu enquanto servidor público da Prefeitura Municipal, ele representando a Associação Beneficente Bembé do Mercado – e, a partir do convívio social na cidade de Santo Amaro. Em alguns momentos, a convite do próprio, prestei consultoria em serviços de arquitetura ao seu Terreiro, e nele também frequentei algumas cerimônias religiosas. Ademais, Pai Pote é o zelador de meu Babalorixá, Iba de Oxóssi, fato este que me coloca como seu neto de santo, desde que fui confirmado no cargo de Ogã do Terreiro *Ilê Axé Iá Odé Lailá*, no ano de 2022. É um ser humano de temperamento inquieto, ágil, visionário e muito bem articulado, com amplo acesso a personalidades de diferentes matrizes dos meios religiosos, artístico, cultural e político, que soube “surfar” (e mantém-se de pé) as ondas favoráveis das últimas duas décadas. Além do Bembé do Mercado, conduz as cerimônias religiosas da Lavagem de

⁵⁵ O *Deká*, ou *Decá*, é um cargo ritualístico do Candomblé Jeje-Nagô concedido por um Babalorixá ou Iyalorixá a um filho ou filha de santo após estes cumprirem sete anos de iniciação, garantindo-lhes o direito de abrir sua própria casa de Candomblé.

Madeleine, um cortejo afro-brasileiro que acontece desde o ano de 2002 na cidade de Paris, evento criado por seu irmão, Roberto Chaves.



Imagen 15. Pai Pote entregando a mim uma Moção de Aplausos ao Terreiro *Ilé Axé Iá Odé Lailá*, em Audiência ocorrida na Câmara de Vereadores de Santo Amaro, quando estive representando o meu Babalorixá, Iba de Oxóssi. Arquivo do Autor, maio de 2023.

Ainda no ano de 2006, aconteceu uma intervenção no Largo do Mercado que beneficiou os feirantes santamarenses e, por consequência, a festa do Bembé. Através da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER), foi feita a obra de cobertura do Largo do Mercado. Implantou-se uma cobertura em estrutura metálica, que abrangia uma área de 760,00 m², não o abrangendo completamente, pois o Largo tem cerca de 1221,00 m² de área (ver as imagens 16 e 17). Antes disso, desde a década de 1940, quando o Largo passou a existir, os feirantes ficavam expostos à chuva e ao calor do sol, protegidos precariamente pelas coberturas de lona das barracas. Durante a festa do Bembé, a partir do momento em que a Prefeitura Municipal passou a apoiá-la financeiramente, eram alugados toldos e montados no Largo, conforme se observa na Imagem 16. Registre-se que maio é um mês chuvoso na cidade de Santo Amaro.



Imagen 16. Largo do Mercado, com toldos armados para a Festa do Bembé. Caminhão ocupado por membros do candomblé, carregando os presentes dos Orixás Iemanjá e Oxum, a serem entregues na Praia de Itapema. Foto anterior ao ano de 2006. Fonte: Arquivo Público de Santo Amaro.



Imagen 17. Vista do Largo do Mercado, com a cobertura em estrutura metálica implantada no ano de 2006. Nesta imagem, estava sendo montado o barracão onde é batido o Bembé do Mercado. Foto do autor, ano de 2019.

Segundo Machado (2011, p. 99), “[...] o ano de 2009 pode ser considerado um marco, pois foi quando a Festa foi redescoberta, a partir de seu potencial mercadológico. Com a introdução da lógica da produção cultural, foram elaborados projetos destinados a órgãos

públicos federais e estaduais, buscaram-se patrocinadores, organizaram-se palestras [...]. Nos *folders* de divulgação da Festa deste período, percebe-se tais mudanças, tanto no viés mercadológico, quanto no entendimento da festa enquanto uma celebração religiosa do Candomblé, como é possível verificar-se nas peças publicitárias do ano de 2014 (Imagens 18 e 19) e nos mais recentes, do ano de 2023 (Imagen 20) e 2024 (Imagen 21).

As peças estampam um layout profissional, tendo a Prefeitura Municipal de Santo Amaro como realizadora do evento, garantindo o aporte de recursos e o apoio institucional do Governo do Estado, do Governo Federal através de ministérios, da Fundação Palmares e do IPHAN; da Polícia Militar (que antes perseguia, e agora garante a realização do evento em segurança); a UFRB, através do CECULT (Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – campus universitário sediado na cidade de Santo Amaro desde o ano de 2013). Percebe-se também a estampa de marcas cervejeiras, a exemplo do que acontece nas grandes festas turísticas brasileiras, quando são vendidas cotas de patrocínio para tais marcas.

A chegada da UFRB na cidade de Santo Amaro foi de grande soma para a articulação política e cultural das lideranças do Bembé. Pesou também o fato de que o campus local está vinculado a cursos do campo da cultura.⁵⁶ Isto facilitou a relação entre os detentores do Bembé e os professores e a direção do CECULT, e da própria universidade, via Reitoria da UFRB. Ressalte-se que muitos filhos de santo e babalorixás tornaram-se estudantes do campus santamarense, exaltando os papéis de mobilizadora e criadora de oportunidades de crescimento social que desempenha a universidade, principalmente para a população negra. Esta foi uma exímia relação ganha-ganha. Os detentores e lideranças do Bembé ganharam uma importante aliada, uma universidade federal com enorme peso institucional, que a ajudou a abrir porta junto a órgãos de conservação e restauro, como o IPHAN, enquanto que a universidade, recém chegada na cidade de Santo Amaro, pôde apoiar-se num festejo de grande tradição popular, que tem um alcance nacional e um forte apelo patrimonial, cultural e religioso, contribuindo assim para legitimar a sua presença na cidade e exercer o seu papel enquanto instituição pública de ensino superior, atuando na área da extensão.

O CECULT vem sendo palco da promoção de palestras e atividades lúdicas que engrandecem a programação da Festa do Bembé do Mercado. Veremos mais adiante que a UFRB, através do CECULT, foi parceira do IPHAN na instrução do Registro da Festa do Bembé para o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

⁵⁶ Conforme descrito apresentação do site institucional: “O CECULT representa uma experiência pioneira, inspirada nos estudos interdisciplinares nos campos da cultura, das tecnologias, das linguagens artísticas, da engenharia do espetáculo e economia criativa”. Disponível em <https://ufrb.edu.br/cecult/conheca-o-cecult>.

Uma outra faceta da afirmação da Festa do Bembé, é o seu alcance, que vem se ampliando nos últimos anos. Se outrora era uma celebração contida a alguns terreiros santamarenses, hoje tem um alcance para além do Recôncavo Baiano. Este é um tema, que envolve o turismo e a espetacularização da festa, que carece de maiores estudos, de maneira que não irei me aprofundar. Muitas lideranças de terreiros do Recôncavo e de Salvador se fazem presentes nos dias de *Xirê*, celebridades do cenário artístico e midiático desfilam pelo Largo do Mercado nos dias de festa, e tornou-se comum, durante a festa, a entrada ao vivo em programas de TVs de emissoras nacionais, como Rede Globo, Record, Bandeirantes e SBT. Numa das edições recentes, presenciei o fato de que se tocou o *Xirê* do candomblé Ketu e, em seguida, tocou-se o Angola, pois estavam presentes filhos de santos e um ogã de um terreiro da cidade do Rio de Janeiro, sendo que este último puxou os cânticos. Foi uma homenagem àquela nação e aos seus filhos visitantes, visto que o comum é tocar o Ketu.

A disputa insistente pelo território do Largo do Mercado e o reconhecimento enquanto celebração tradicional do povo de santo santamarense, culminou na conquista e na referência do lugar como um espaço sacralizado, uma encruzilhada de ações ancestralizadas, valendo-lhe a alcunha: Largo do Bembé do Mercado. A Festa do Bembé vai além do rito religioso, da obrigação celebrada em comunhão com os deuses do Axé: é também a expressão política da saliva que grita por espaço, do grito que por liberdade.



Imagen 18. Folder da Festa do Bembé do ano de 2014 - frente. Fonte: Associação Beneficente Bembé do Mercado.



Imagen 19. Folder da Festa do Bembé do ano de 2014 - fundo. Fonte: Associação Beneficente Bembé do Mercado.



Imagen 20. Folder da Festa do Bembé do ano de 2023 - capa. Fonte: Associação Beneficente Bembé do Mercado.



Imagem 21. Folder da Festa do Bembé do ano de 2024 - capa. Fonte: Associação Beneficente Bembé do Mercado.



Imagem 22. Farofas, água e folhas. Foto do autor, ano de 2024.



Imagen 23. Xirê no Barracão do Mercado, ano de 2024. Foto do autor.



Imagen 24. Xirê no Barracão do Mercado, ano de 2024. Foto do autor.



Imagen 25. Xirê no Barracão do Mercado, toque dos Ogãs. Ano de 2024. Foto do autor.

3.5 Patrimonialização da festa do Bembé do Mercado

A patrimonialização dos bens culturais no Brasil tem início na década de 1930, com a criação do antigo SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, através da Lei Federal Nº 378, de 1937, o qual viria a dar origem ao atual órgão do IPHAN. Naquele mesmo ano, o Decreto Federal nº 25, de 30 de novembro de 1937 regulamentou o tombamento dos bens móveis e imóveis, o que pautou nas décadas seguintes a atuação dos órgãos de proteção do patrimônio, tendo como tradição preservar as edificações, monumentos e conjuntos urbanos com grande valor histórico e artístico, ainda assim considerando-se os bens produzidos tendo como influência a cultura e artes europeias. Até o início da década de 1980, prevaleceu nos órgãos e instâncias de tombamento (conselhos consultivos), a tese de que, no Brasil, os bens culturais vinculados às práticas culturais e religiões de matrizes africanas, não mereciam a proteção do Estado.

Somente em 1984 é que foi feito o primeiro tombamento de um terreiro de candomblé, o Terreiro da Casa Branca, Ilê Axé *Iyá Nassó Oká*, então com mais de 150 anos de existência, situado no bairro do Engenho Velho, na cidade de Salvador. Sendo certamente o primeiro terreiro de candomblé de que se tem notícia na capital baiana, a Casa Branca deu origem a centenas de casas de candomblé Brasil afora, sendo “mãe”, inclusive, dos Terreiros do Gantois e do Ilê Axé *Opô Afonjá*. Portanto, é testemunha e referência para a formação da sociedade soteropolitana e brasileira, além de peça construtora basilar das cidades em que assentou Axé e desenvolveu comunidades.

Coube ao antropólogo Gilberto Velho, relatar o processo de tombamento, em meio a posições divergentes e debates acalorados entre os conselheiros a respeito do tema. Em seu parecer, que recomendou o tombamento do terreiro, Velho destacou que se tratava de “um fato social, um terreiro em plena atividade, com seus fiéis, sacerdotes e ritual em pleno dinamismo” e que “o tombamento deve ser uma garantia para a continuidade da expressão cultural que tem em Casa Branca um espaço sagrado” (Velho, 2006, p. 238). Tal medida de reconhecimento do Estado, mesmo que tardia, teve cunho de reparação às injúrias sofridas pelos praticantes das religiões afrobrasileiras ao longo dos quatro séculos anteriores, e também abriu caminho para a transição de um modelo onde prevalecera a rejeição à proteção dos bens culturais vinculados às religiões de matrizes africanas, para a sua valorização enquanto patrimônio nacional.

Segundo Márcia Sant’Anna, “a percepção de que conhecimentos e práticas culturais constituem bens de valor patrimonial e elementos fundamentais na construção de identidades não é nova no Brasil” (MINC/IPHAN, 2000, p. 10). É na década de 1970 que este debate

ganha corpo, a partir dos movimentos culturais brasileiros existentes desde os anos 1940 e do conceito teórico das referências culturais, que surge naquele contexto com o entendimento de que “a constituição de patrimônios culturais deve fazer sentido e ter valor para outros sujeitos sociais” (p.10), indo além da percepção dos técnicos dos órgãos de conservação. Esta relação intrínseca das comunidades com os bens culturais, propiciou a inserção das mesmas nos processos de gestão e conservação, tornando-se assim, os seus detentores, atores essenciais nos processos de salvaguarda dos bens imateriais.

Contudo, foi a Constituição Federal de 1988, que colocou os bens culturais imateriais sob o guarda-chuva da proteção patrimonial do Estado brasileiro. Os seus Artigos 215 e 216, definem o papel do Estado na proteção do patrimônio cultural material e imaterial, trazendo para o rol de ações o instrumento jurídico do Registro, garantindo, assim, a proteção às manifestações culturais, em especial àquelas da cultura afrobrasileira e dos povos originários indígenas.

O Registro de Bens Culturais e de Natureza Imaterial, enquanto instrumento jurídico de proteção do patrimônio, foi instituído pelo Decreto Federal Nº 3.551/2000. Difere do tombamento (este trata de bem material, móvel ou imóvel), entre outras questões, por ser um ato que tem como premissa o desejo expresso da comunidade, dos atores e detentores daquele bem, saber ou ofício. São eles que permitem o acesso dos técnicos, interagindo com estes, colaborando na produção do conhecimento e informações necessárias ao registro do bem pelos órgãos de conservação. Ou seja, se no instrumento do tombamento, o Estado age de ofício para proteger o bem material, agindo unilateralmente até mesmo contra a vontade do proprietário do bem, no instrumento do registro a comunidade tem a premissa de provocar o Estado, fazendo-lhe reconhecer o valor cultural do bem imaterial e, com isso, assumir responsabilidades que garantam a conservação e a salvaguarda do bem, a sua permanência e o acesso às futuras gerações.

Outra implicação do registro, é a obrigatoriedade do Estado em construir um plano de salvaguarda, em conjunto com a comunidade detentora do bem cultural, além de acompanhar e ajudar na implementação do mesmo, com suas metas e objetivos a serem alcançadas no curto, médio e longo prazo. Com isto, o Estado deve estar atento à condição do bem cultural, promovendo ações que apoiem a sua manutenção e existência. Mesmo antes da elaboração do plano, ações de salvaguarda podem e devem ser elencadas e postas em prática pela comunidade, com o apoio do Estado.

Destarte, no ano de 2009, a festa do Bembé foi reconhecida como Patrimônio Histórico Cultural Imaterial do Município de Santo Amaro, tendo como instrumento

normativo a Lei Municipal nº 1.744/2009. Este ato, abriu caminho para que a festa pudesse ser reconhecida estadual e nacionalmente. Registre-se que, naquele momento, o município teve como Secretário de Cultura e de Turismo, Rodrigo Veloso, irmão dos astros santamarense Caetano Veloso e Maria Bethânia, estando viva ainda, àquela época, a matriarca, Dona Canô Veloso, uma senhora de grande devoção católica, mas que sempre abriu as portas da sua casa para as pessoas do Candomblé e para as manifestações culturais afrobrasileiras do povo santamarense. Os detentores do Bembé encontraram forte apoio do órgão municipal, capitaneado por Rodrigo Veloso, além do apoio dos seus familiares e grande rede de amigos dos meios político e cultural. Isto somou forças, possibilitando que a festa pudesse repercutir muito além das redes sociais santamarense.

Através do Decreto Estadual 14.129/2012, O Bembé foi registrado como Patrimônio Imaterial estadual pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC). Em 2014 foi criada a Associação Beneficente Bembé do Mercado, entidade sem fins lucrativos responsável pela condução da Festa do Bembé.⁵⁷ Foi registrada no ano de 2016, sendo então composta por 42 terreiros (ver Quadro 1), mas atualmente reúne mais de 60 terreiros do município santamarense, conforme diz Pai Pote sempre que se pronuncia numa reunião ou palestra que trate sobre a festa do Bembé. Este fato é de extrema importância, porque institucionalizou a manifestação, facilitando e tornando oficial a interlocução dos seus atores e detentores com os diversos níveis e órgãos dos poderes públicos. Figuras como a professora Ana Rita Machado e advogada Ana Cristina da Purificação deram grande contribuição neste processo de construção da Associação do Bembé e de Registro do IPAC, vale a menção.

Reportagem no site do IPAC aponta que, em maio de 2018, portanto seis anos após o registro estadual, aconteceu um fórum de debates sobre o plano de salvaguarda do Bembé do Mercado.⁵⁸ Teve como objetivo contribuir para a continuidade e sustentabilidade da manifestação, através de ações de médio e longo prazo, que foram debatidas pelos técnicos do órgão estadual em conjunto com os detentores da festa e membros da sociedade civil. Chama-nos a atenção, o fato de que tal discussão ocorreu seis anos após a efetivação do registro feito pelo IPAC, ou seja, um hiato de tempo considerável. Não tivemos notícia sobre a sistematização das informações obtidas a partir daquele fórum de debates.

⁵⁷ A Associação Beneficente Bembé do Mercado (ABBM) é presidida por José Raimundo Lima Chaves (Pai Pote, sacerdote do *Ilê Axé Oju Onirê*). Tem como “principal bandeira a preservação das tradições e costumes das religiões de matriz africana em Santo Amaro/BA, bem como o combate ao racismo e à intolerância religiosa, promovendo ações de proteção, salvaguarda e sustentabilidade da comunidade e também dos detentores”. Ver <https://bembedomercado.org.br/institucional/> (acessado em 07/06/2024).

⁵⁸ Disponível em <https://www.ba.gov.br/cultura/noticia/2024-02/56016/forum-debate-plano-de-salvaguarda-do-bembe-do-mercado>.

Relação de Terreiros - Fundação da Associação Beneficente Bembé do Mercado					
	Terreiro	Nação	Fundação	Ialorixá/Babalorixá	Localidade
1	Ilê Axé Megi			Maria Cerenil dos S. Gomes (Mãe Cereinha)	Acupe
2	Ilê Axé Toná Onirê			Vanderlina da Silva Santos (Mãe Deca)	Acupe
3	Ilê Axé Oxum Ya Mifa	Ketu	2008	Zenilda Campos da Silva	Alto do S. Francisco
4	Ilê Iaoman	Ketu		Pai Sérgio	Caixa D'Água
5	Ilê Axé Opo Ofoman			Almerinda de Pinho Jorge (Mãe Mocinha)	Bonfim
6	Centro de Caboclo Jaguaraci	Giro de Caboclo	1999	Zenaide de Jesus Silva	Bonfim
7	Ilê Axé I Dan	Ketu	1960	Antonia Lago Sales	Caixa D'Água
8	Centro do Caboclo Sultão do Matos	Giro de Caboclo	1991	Maria das Graças O. dos Santos	Caixa D'Água
9	Ilê Axé Igebalé			Ideraldo Luis da Cruz Azevedo (Pai Kikito)	Caixa D'Água
10	Ilê Axé Alado Dajô			Alex Alves Silva (Pai Alex)	Caixa D'Água
11	Terreiro de Ogum	Ketu	2001	Rosenilda Cristina Sales Batista	Caixa D'Água
12	Ilê Axe Ojú Bará	Ketu	2000	Antonio Duque O. dos Santos	Caixa D'Água
13	Ilê Axé Merco Mutualambo			Renato S. do Nascimento	Candolândia
14	Ilê Axé Omo Odé	Ketu	2005	Denivaldo Sacramento	Sacramento
15	Ilê Axé Iá Odé Lailá	Ketu	2012	Willians Vinícius dos S. Aleixo (Pai Iba)	Candolândia
16	Ilê Axé Nangená	Ketu		Lenidalva Costa de Oliveira	Candolândia
17	Ilê Iji Fara Onirê	Ketu	1986	Eronaldo dos Santos	Candolândia
18	Tumba da Junca Filho	Angola		Celino da Purificação Silva (Pai Celino)	Centro
19	Centro do Caboclo Estrela Guia	Giro de Caboclo	1996	Antonio Raimundo da Silva	Centro
20	Ilê Axé Oju Onirê	Ketu	1988	José Raimundo Lima Chaves (Pai Pote)	Derba
21	Ilê Axé Omorodê Loni Omorode Oluaiê	Ketu		Gilson da Cruz (Pai Gilson)	Derba
22	Ilê Axé Eruvefá	Ketu	1972	Maria Donalia dos Santos	Pilar
23	Ilê Axé Afunilélé	Ketu	2011	Sonia Maria Gonçalves Candeia	Ilha do Dendê
24	Ilê Axé Omim Jarum - Viva Deus	Jeje	1887	Pai Duda	Pilar
25	Centro do Caboclo Sete Flechas			Edna Maria Santana (Mãe Edna)	Fazenda Jericó
26	Uso Meço Cafunjê			Maria Julia Dias	Vitória
27	Ilê Axé Igi Baloju			Geovana da Cruz Pires	Fazenda Pitinga
28	Ogum Di Lê Di Aridendé	Angola	1984	Saturnina Moreira dos Santos	Alto da N. Sto. Amaro
29	Ogum de Ilê			Maria Antonia C. Fernando (Mãe Nena)	Alto da N. Sto. Amaro
30	Ilê Axé Ajunsum Olá		2011	José Domingos Bispo de Jesus	Polivalente
31	Ilê Axé Omin Oromim Oxim	Ketu	1990	George da Silva Machado	Centro
32	Ilê Axé Oia Simbalemi			Zilda Pascoal de Jesus (Mãe Zilda)	Sacramento
33	Caboclo Mata Virgem			Antonio Carlos C. dos Santos (Pai Toinho)	Sacramento
34	De Oxôsse Mutualambô	Afro Umbanda	2000	Marcos Rogério Carvalho	Derba
35	Caboclo Rei das Estrelas			Nilza Passos dos Santos	Sacramento
36	Ilê Axé Ibirinan	Ketu	2003	Angela Rosário dos Anjos	Sacramento
37	Ilê Axé Oju Idan	Ketu	2006	Everaldo Oliveira Santos	Sacramento
38	Fonte de Luz de Oxum			Doralice Santana de Almeida	São Braz
39	Ilê Axé Oxum Omim			Ana Maria Ferreira Pereira	Sinimbu
40	Ilê Axé Acaja Loni	Ketu	2001	Virgílio Rocha de Jesus	Sítio Camaçari
41	De Oiá			Marinalva Machado Timóteo	Trapiche de Baixo
42	Ilê Axé D'OXUM	Ketu/Angola	1983	Maria Lina dos Santos	Trapiche de Baixo

Quadro 1. Relação dos Terreiros que fizeram parte da fundação da Associação Beneficente Bembé do Mercado. Fonte: Murilo Pereira de Jesus (Jesus, 2019, p. 94-97).

Dando sequência a tal encadeamento de ações de patrimonialização, em 13 de junho de 2019, o IPHAN aprovou o Registro da Festa do Bembé do Mercado, dando-lhe o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, fato este registrado em seu Livro das Celebrações. Vale ressaltar que aquele foi um momento político conturbado no país, com a ascensão ao poder, a nível federal, de um grupo político que desprezava a pluralidade das manifestações culturais, em especial aquelas vinculadas às religiões de matrizes africanas. Ainda assim, foi possível levar o pedido de registro à apreciação do Conselho Consultivo do IPHAN, que deliberou pela aprovação daquele pleito. Na instrução do processo, o IPHAN teve como parceira a UFBR, através de equipe de professores do CECULT, que é o campus da universidade instalado na cidade de Santo Amaro.

Entre os meses de abril e maio de 2024, o IPAC e o IPHAN, em parceria, retomaram o processo de construção do Plano de Salvaguarda do Bembé do Mercado. Foram realizadas uma série de oficinas conduzidas por técnicos dos dois órgãos de proteção do patrimônio, que ocorreram no auditório do CECULT, no Terreiro Ilê Axé Oju Onirê e na Praia de Itapema, em dias distintos e com públicos diversos em cada oportunidade. Pude acompanhar a oficina que ocorreu no CECULT durante a manhã e tarde do dia 02 de abril. Pela manhã, houve a abertura do evento, seguido pela divisão dos presentes em três grupos que, separadamente, buscaram debater entre seus membros os problemas que afligem a festa do Bembé, apontado as respectivas soluções e os atores envolvidos na sua implementação. Durante a tarde, houve a apresentação geral daquilo que foi produzido por cada grupo (ver Imagem 27). A última informação que obtive, foi que os técnicos que conduziram as oficinas estão sistematizando tal material.

É de suma importância a elaboração e implementação do Plano de Salvaguarda, visto que o Bembé do Mercado atingiu rapidamente nos últimos anos, status de evento turístico e espetacular, com alcance a nível nacional. As influências dos modismos, as imposições mercadológicas ou eventuais interesses individuais e políticos, que possam vir a capturar decisões da ABBM, podem acarretar prejuízos para as tradições ritualísticas que envolvem as celebrações religiosas, descaracterizando o Bembé do Mercado. O próprio compartilhamento do espaço onde acontece a festa, com a atividade da Feira Livre, ao passo que enriquece o contexto do evento e dinamiza as relações sociais num espaço privilegiado da cidade, também produz conflitos com feirantes e comerciantes que atuam no seu entorno.

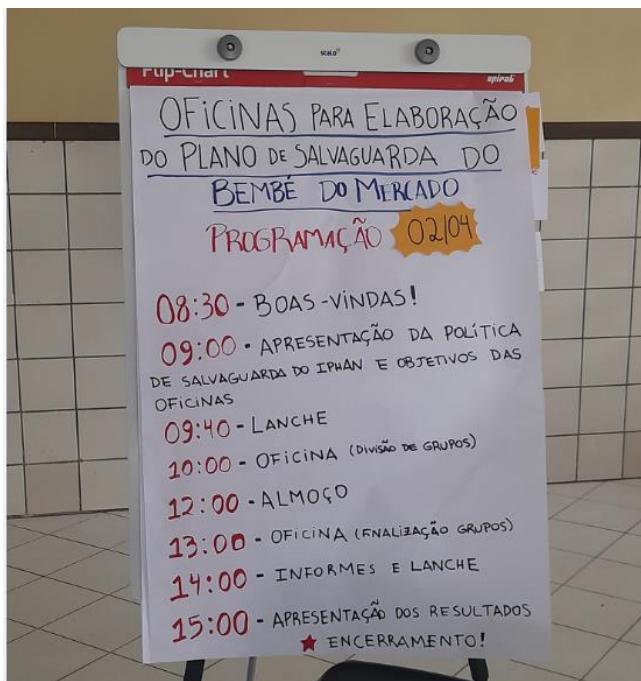


Imagen 26. Programação da Oficina para elaboração do Plano de Salvaguarda do Bembé do Mercado. Abril de 2024. Foto do autor.



Imagen 27. Oficina para elaboração do Plano de Salvaguarda do Bembé do Mercado. Abril de 2024. Foto do autor.

Um outro fator que ameaça a realização e a continuidade do Bembé, é a intolerância religiosa. Cito como exemplo um fato que aconteceu na edição da festa do ano de 2024. Na quinta feira (16 de maio), havia sido colocada comida seca para o orixá Oxóssi (*axoxô*⁵⁹, espigas de milho e feijão fradinho torrado), aos pés da cumeeira, no interior do barracão onde acontece o *xirê*; e, na manhã sexta-feira, dia seguinte, logo cedo, foi arriado o *ebô*⁶⁰ para o orixá Oxalá, sobre uma mesa situada também no interior do barracão. Após esta última cerimônia e a saída dos filhos de santo, alguém colocou sobre as comidas, tanto de Oxóssi, quanto de Oxalá, folhetos de uma conhecida igreja neopentecostal (ver as Imagens 28 e 29), num ato de extremo desrespeito e de intolerância religiosa. Isto gerou repúdio e revolta por parte da comunidade candomblecista, com publicações em redes sociais e entrevistas a veículos de comunicação. Aqui, mais uma vez, o espaço público torna-se campo de disputa, o Largo do Mercado tensionado como um lugar simbólico e político.



Imagen 28. *Ebô* de Oxálá – exemplo de intolerância religiosa. Fonte: @soudesantinho, 2024.

⁵⁹ *Axoxô* – comida ritual do Orixá Oxóssi, no candomblé. É feita com milho cozido, raspas de coco seco e melaço.

⁶⁰ *Ebô* - comida ritual do Orixá Oxalá, feita com milho branco cozido, sem condimentos.



Imagen 29. Comidas votivas de Oxóssi, feijão fradinho torrado, milho e o *axoxô* – exemplo de intolerância religiosa. Fonte: @soudesantinho, 2024.

Por outro lado, o fato das ações de salvaguarda acontecerem mesmo antes da implementação do plano, também é possível e necessário no caso do Bembé. Como exemplo disso, a ABBM conseguiu, junto à Prefeitura Municipal, a doação de um antigo sobrado, hoje em ruínas, que sediará, futuramente, a Casa do Bembé do Mercado. Situa-se na Rua Conselheiro Saraiva, no Centro Histórico. Nela, será possível implantar um memorial da festa, salas para a realização de oficinas e cursos, além de tornar-se um lugar de referência para as comunidades de terreiros santamarenses. Durante a celebração do ano de 2024, houve uma caminhada da Câmara de Vereadores até o imóvel, pelas ruas do Centro Histórico da

cidade, que contou com a presença de algumas lideranças religiosas e populares, liderados por Pai Pote e seguidos de carro de som, sendo entoados cânticos dos orixás ao longo do percurso, finalizando com discursos dos babalorixás sobre a importância da afirmação da Festa e da futura Casa do Bembé (Imagens 30 e 31). Foi um ato simbólico de posse do imóvel. Ainda no ano de 2024, a escritura do imóvel foi repassada formalmente pela então prefeita do município, Senhora Alessandra Gomes, à ABBM, na figura de Pai Pote (Imagen 33).

Conhecido popularmente como “Bolo de Noiva”, trata-se de um imóvel icônico da cidade, que se destaca na ambiência urbana devido à sua tipologia arquitetônica particular, possuindo uma extensa área de quintal com edícula e farta vegetação (Imagen 32 - fachada). Nele funcionou uma antiga pensão, sendo que, nas últimas décadas, deu espaço a repartições públicas. Porém, há cerca de cinco anos perdeu o uso devido à necessidade de reformas e reparos. Com o abandono, acabou sofrendo avarias em sua estrutura de telhados e piso do primeiro pavimento, os quais cederam com a força do tempo. A Associação Beneficente Bembé do Mercado (ABBM) contactou o IPAC e o IPHAN, em busca de apoio para recuperar a edificação e dar-lhe funcionalidade, pleito este que está sob análise daqueles órgãos públicos.

Mais recentemente, em fevereiro de 2025, aconteceu na futura Casa do Bembé, num pátio externo, situado no fundo do imóvel, uma palestra promovida pela UNEB (Universidade Estadual da Bahia), através da sua Pró-Reitoria de Ações Afirmativas, onde se discutiu a criação de um Centro de Referência do Bembé do Mercado (Imagen 34). Terá como objetivos a preservação da cultura afro-brasileira, o combate ao racismo e à intolerância religiosa e o fortalecimento da identidade e autoestima da população negra. A proposta visa organizar o Centro de Referência em torno de eixos de trabalhos distintos: um museu, centro de memória, biblioteca, núcleo de formação científico cultural, observatório do Bembé do Mercado e um centro de pesquisa e documentação.

No mês de setembro de 2024, em meio ao festejo da Lavagem de Madeleine⁶¹, em Paris, uma comitiva formada por detentores e pesquisadores da área do patrimônio cultural da Universidade Federal da Bahia (UFBA), da UFRB e da UNEB e representantes da ABBM, estiveram na Embaixada do Brasil na UNESCO em uma missão interinstitucional, onde se protocolou a candidatura do Bembé do Mercado ao título de Patrimônio Cultural da

⁶¹ A Lavagem de Madeleine, é uma festa afrobrasileira que acontece há mais de vinte anos na cidade de Paris, França, durante o mês de setembro. Foi idealizada pelo produtor cultural santamarense Roberto Chaves (irmão de Pai Pote). Consiste em um cortejo que caminha da Praça da República até a Igreja de Madeleine, onde é feita a lavagem das escadarias da igreja, a exemplo do que acontece nas festas da Bahia, atraindo muitos artistas e foliões.

Humanidade (Imagem 35). Esta faceta das lideranças do Bembé do Mercado, de estarem em contato com lideranças políticas e institucionais de diversos setores da sociedade civil, é de suma importância para quem visa a disputa por espaços de poder e de representatividade.



Imagen 30. Caminhada pela reforma da Casa do Bembé do Mercado. Maio de 2024. Foto do autor.



Imagen 31. Ato público pela reforma do futura Casa do Bembé do Mercado. Maio de 2024. Foto do autor.



Imagen 32. Futura Casa do Bembé do Mercado. O painel foi resultado da Oficina de Educação Patrimonial de Grafite, ministrada pelo professor Léo Pessoa, com estudantes de escolas do município. Projeto contemplado nos Editais da Lei Paulo Gustavo, de apoio ao setor cultural. Maio de 2024. Foto do autor.



Imagen 33. Prefeita Municipal de Santo Amaro, Alessandra Gomes (PSD – período 2021-2024) entrega a escritura do imóvel onde será instalada a Casa do Bembé do Mercado ao Babalorixá Pai Pote, presidente da Associação Beneficente Bembé do Mercado. Fonte: @bembedomercadooficial. Outubro de 2024.



Imagen 34. Convite – Palestra: Guardiões da Tradição: Diálogo para a construção do Centro de Referência Bembé do Mercado. Fonte: [@bembedomercadooficial](https://www.instagram.com/@bembedomercadooficial). Fevereiro de 2025.



Imagen 35. Missão Patrimonial Cultural Afro-brasileiro na UNESCO. Da esquerda para a direita: Egbomi Antonioni Afonso (UFBA); senhores Bruno Zelota e Sérgio Benevides (não necessariamente nesta ordem); Profª Ana Rita Machado (UNEB), Srª Paula Alves de Souza (Embaixadora do Brasil na UNESCO), Pai Pote e o Profº Danilo Barata (UFRB). Fonte: [@bembedomercadooficial](https://www.instagram.com/@bembedomercadooficial). Setembro de 2024.

4. A CIDADE COMO FORMA DE RESISTÊNCIA – Dimensões distintas da ocupação do território pela Festa do Bembé, na cidade de Santo Amaro

“Os vários ebós de Exu vão marcar um círculo de proteção de fora para dentro da cidade, o último que fecha o círculo vai ser lá no mercado, na véspera do Bembé. A gente fez o círculo na cidade, agora a gente vai fazer esse círculo protetor em volta do barracão.”

(Babá Geri)⁶²



Imagen 36. Babá Geri, num cartaz de exposição da sua produção artística, realizada no CECULT, ano de 2022. Fonte: CECULT/UFRB, 2022.

Conheci Babá Geri, Gerivaldo Caldas de Oliveira, no ambiente da Festa do Bembé, ele fazendo algo que é uma marca sua e que também marcou o próprio festejo nos últimos vinte e quatro anos: a decoração do barracão no Largo do Mercado. Ele é o Babaquerê – ou o Pai Pequeno, a segunda pessoa da casa de candomblé – do Terreiro *Oju Onirê*, de Pai Pote. É também, Diretor Religioso do Afoxé Filhos de Gandhy, artista plástico, escultor e mestre na técnica do bordado barafunda. Em entrevista concedida a mim⁶³, Babá Geri contou-me que Mãe Lídia, estando ela à frente da Festa do Bembé e querendo embelezar o barracão, ordenou

⁶² Tal trecho de fala é parte de entrevista concedida por Babá Geri aos técnicos e professores da UFRB que elaboraram o Dossiê de Instrução do IPHAN, para o registro da Festa do Bembé do Mercado enquanto Patrimônio Imaterial Nacional (Brasil/IPHAN, 2019, p. 113).

⁶³ Entrevista concedida em 03 de maio de 2022.

a um de seus filhos: “mande chamar o menino de Iemanjá, que ele sabe decorar”. Desde então, ele participa diretamente da organização e tem sido o responsável pela decoração da Festa do Bembé do Mercado, o que foi reforçado logo em seguida, com a sua feitura no Terreiro de Pai Pote, tornando-se assim, um importante detentor dos rituais e tradições daquela celebração religiosa.

Nesta mesma conversa que tivemos, revelei-lhe que a construção do meu projeto de pesquisa, embrião desta dissertação de mestrado, teve como importante referência o trecho de sua fala citada acima. Os ebós do Bembé criam círculos protetores, muralhas espirituais, que aqui consideramos como escadas, ou dimensões distintas de ocupação do território, que vêm desde as encruzilhadas no entorno da área urbana até o ponto central do Largo do Mercado, onde está a cumeeira do barracão do Bembé e onde é plantado e renovado anualmente o seu Axé: um ponto que reflete a ligação entre o *Orun* e o *Ayê*. Tais processos extrapolam noções de espaço e de tempo, resgatando e mantendo em constante renovação, padrões de cosmovisão das culturas africanas.

A sua leitura faz lembrar, inclusive, aquela percepção da cidade vista de fora para dentro, de modo circular e concêntrico, que cito nas minhas reminiscências, prólogo deste trabalho. Solicitei, então, que Babá Géri discorresse sobre o seu relato e como ele vê, percebe, a forma como a festa se relaciona com a cidade de Santo Amaro, a partir daquelas diversas escadas que ele mesmo sugere.

Dentro do Candomblé e das religiões de matrizes africanas, culto de Ifá, da Umbanda, Gira de Caboclo, todas essas religiões afrodescendentes e afrobrasileiras, todas elas têm em comum, tem um fato muito interessante. Todas elas divergem em rituais, cantos, danças, músicas, vestuários, alimentação, divergem muito em tudo isso, até mesmo dentro do Candomblé, tem o candomblé de Ketu, Jêje, Ijexá. Cada um desses, o toque, a dança, a alimentação, maneira de vestir, é muito diferente uma das outras, mas tem uma coisa que é muito interessante, que é muito comum em todas elas, o *Xirê*, que é o ritual, a dança, que é o círculo que a gente faz. Todas as religiões de matrizes africanas, elas giram no mesmo sentido, que é o sentido anti-horário. Isto é comum em todas elas. Isto é interessante, porque quando a gente faz este círculo, contra o relógio, aí a gente tá, na verdade isso aí já é um ebó, quando a gente faz este círculo, que a gente chama de círculo da vida, a gente gira em torno de um círculo que é a cumeeira da casa. E este círculo representa a *egbê*, que quer dizer comunidade. Interessante que existe a *egbê* aqui no plano físico e existe a *egbê* no plano espiritual. Então a gente faz este círculo para celebrar a comunidade que é a *egbê*. A cidade de Santo Amaro é uma *egbê*. A cidade de Salvador é uma *egbê*. São *egbés*. Todas estas *egbés* giram em torno de círculos, que tem a ver também com Exu, já que Exu é considerado a esfera mágica, que gira. Então este círculo também tem a ver com Exu, que é o círculo que ativa, que dá vida, que movimenta, que gera o Axé. Então, tem esse significado. E toda a construção do Candomblé acontece nessa forma circular justamente por isso, porque esse movimento vai potencializar as coisas. (...) E aí começa do lado de fora, justamente pra essa coisa de a gente pegar os arredores e já trabalhando essas energias e aí vai fechando, até chegar aqui. Quando chega no Bembé do Mercado, todas essas energias já foram trabalhadas, todas essas energias que não interessam para a construção daquela coisa, da questão

do Bembé do Mercado, essas energias já dissipou (sic) através desses trabalhos, através desses círculos, através desse xirê que a gente faz. Então, isso é muito importante, é tudo por conta do *egbé*, tudo é para o *egbé*. Tanto o *egbé* no plano físico, quanto o *egbé* no plano espiritual. Então isso é muito importante, isso não é por acaso, isso não é aleatório. Então, quando a gente fala de círculo, como você prestou atenção na minha fala no documentário do IPHAN, é por conta disso, porque esse círculo potencializa, e dentro dos terreiros, também este mesmo movimento circular acontece. No Bembé, isso fica mais notório, essa questão do mapa que você montou, tá ali no Bembé, os terreiros aqui, mas dentro dos terreiros, esse movimento circular se repete, em todos os rituais se repetem todos os dias, todo esse movimento circular, anti-horário, em todas as celebrações, em tudo, de maneira macro e micro. Quando eu falo macro, dentro da casa de Candomblé, é como um todo, no terreiro, esse movimento circular acontece. E quando eu falo no movimento circular micro, é dentro do terreiro, dentro dos quartos, esse movimento se repete novamente. É a questão do Bembé. Aí acontece no terreiro em volta, depois vai afunilando até chegar naquele pilar central. Por exemplo, a gente tá no terreiro e é festa de Oxalá, então esse movimento circular vai acontecer em volta do terreiro, nas casas das pessoas que estão em volta do terreiro, dos filhos de santo, esse movimento, esse giro, esse xirê, vai acontecer na casa das pessoas, depois vem em volta do terreiro, aí depois entra no terreiro, aí vai até chegar no ponto principal que é Oxalá. Aí fecha, aquilo amarra, aí essas mensagens todas, tudo isso, a gente entrega ali, potencializado, de maneira limpa, tudo direitinho, e é dessa forma que o Axé acontece, que é a força, que é o poder, que é a energia. Assim que a gente faz as coisas acontecerem no Candomblé, é por que tem esse movimento circular como você pontuou no seu trabalho.

Essa visão da cidade definida em formas circulares concêntricas, no sentido de comunidades (*egbés*) e dos rituais de proteção que lhes são evocados, remeteu-me ao arquétipo da fundação de uma cidade, de uma nucleação urbana, de um burgo ou de um ajuntamento militar. É exercida a posse do lugar, protegendo-o e sacralizando-o, envolvendo-o primeiro com uma paliçada, depois com muralhas, fossos d'água ou algo mais sofisticado. Mesmo nos ajuntamentos militares – ou necessariamente nesses lugares, onde a morte estava presente e rondava o exterior – havia a evocação do sagrado, em busca de proteção, da dispersão das energias maléficas ou como forma de pertencimento. Com o processo de crescimento da aglomeração, externo à primeira muralha de proteção, novas muralhas são construídas envolvendo a primeira e assim por diante, de maneira que aquele primeiro centro, fundacional, torna-se referência para todo o conjunto que vem depois.

Isso remete ao que Mircea Eliade chama de “centro do mundo” (Eliade, 2018, p. 40), uma referência ao espaço sagrado que representa a ligação entre os mundos material e espiritual. A depender de cada povo, civilização ou mito fundacional, tal abertura sobrenatural pode se dar de diversas maneiras, seja através de um templo, uma árvore, uma montanha, uma escada ou uma terra santa. Nos terreiros de Candomblé, os mastros que sustentam as cumeeiras dos barracões fazem esse papel de ligação entre mundos paralelos. Em termos de escala, trata-se de um ponto central que marca o território, define um lugar e representa todo um macro, ou seja, mundos paralelos que abarcam uma miríade de definições de *egbés* em

contante mutação. Neste sentido, para as comunidades do povo de santo, o terreiro é o “centro do mundo”. No Bembé do Mercado, o barracão montado no Largo do Mercado, com seu mastro fincado no chão e sua cumeeira imaginária, é o “centro do mundo”, lugar sagrado.

A antropóloga Juana Elbein dos Santos relata que, no sistema Nagô, ou Iorubá, a existência transcorre em dois planos: o *àiyé*, o mundo físico, e o *órun*, o além. A autora atenta para o fato de que muitas interpretações simplificam a idéia de que o *órun* é o mesmo que o céu. Para a mesma, o *àiyé* “compreende o universo físico concreto e a vida de todos os seres naturais que o habitam, particularmente os *ará-àiyé*, [...], a humanidade”, enquanto que o *órun* “é um espaço sobrenatural [...] uma vastidão ilimitada – *ode òrun* – habitada pelos *ara-òrun*, habitantes do *òrun*, seres ou entidades sobrenaturais” (Santos, 2012, p. 55,56). Ou seja, o *órun* é uma concepção abstrata, sendo um mundo paralelo ao mundo real, nele coexistindo com todos os conteúdos deste. Babá Géri retrata tal afirmação da autora, ao mencionar as *egbés* dos planos material (a cidade, as comunidades de terreiro, a reunião das comunidades na realização da festa do Bembé) e suas contrapartes no mundo espiritual.

Cada comunidade de terreiro, mantendo as suas funções ativas ao longo do tempo, cada ebó realizado na função de um iniciado, fortalece o processo de construção e manutenção da grande *egbé* representada pela cidade de Santo Amaro, ao tempo que as potências delas, mesmo direcionadas num sentido comum, engendram a renovação ano após ano da Festa do Bembé do Mercado. Ou seja, não basta haver a celebração do Bembé, é necessário que haja vitalidade nas *egbés* dos terreiros da cidade. Não sendo assim, a festa tornar-se-á, aí sim, uma encenação representativa, uma cerimônia folclórica.

Conforme cita Babá Géri, os rituais de proteção no Bembé acontecem do macro para o micro, de fora para dentro da cidade, culminando no centro do Largo do Mercado, onde está a cumeeira do Barracão ou, para a representação dos rituais do Bembé, o “centro do mundo”. Ali é onde se toca, canta e dança o *xirê* para os Orixás e para os ancestrais do Bembé, um giro constante no formato circular, sentido anti-horário. Vale repetir e ressaltar aqui que, no *xirê* da festa do Bembé, evita-se o transe dos iniciados no Candomblé (o que transfiguraria de forma literal a abertura do portal entre os mundos paralelos do *àiyé* e do *órun*), por ser o espaço da festa um local aberto e onde estão em circulação todos os tipos de energias, com uma quantidade muito grande de pessoas, ou ainda, por uma convenção aceita, com o passar do tempo, entre os atores que regem a celebração religiosa e a comunidade em geral. Em outros espaços ritualizados da celebração, como nos terreiros ou locais mais reservados, os transes acontecem como de costume.

O círculo (ou a representação do giro) é um padrão cultural tradicional africano, ele abarca, integra e horizontaliza, estando presente em diversas atividades cotidianas, além das representações simbólicas dos ritos religiosos. No círculo, o *orum* e o *aiyê* estão em constante interação. Consideramos os círculos dos ebós, dos *xirê*s, das muralhas de proteção espirituais evocadas na preparação do Bembé, como processos ritualísticos que engendram fluxos de Axé e retroalimentam as ancestralidades, os terreiros, as encruzilhadas, a celebração do Bembé, o povo de santo e suas crenças, assim como a população da cidade em geral, potencializando-as constantemente.

Para os Iorubás, o *Àse* (Axé, traduzido para o português) é a força vital, invisível, que dinamiza e potencializa a existência de tudo e de todos, inclusive da *egbé*. Segundo a antropóloga Juana Elbein dos Santos, *Àse* “é o princípio que torna possível o processo vital”. A autora prossegue dizendo que “tal força não aparece espontaneamente: deve ser transmitida. Todo objeto, ser ou lugar consagrado só o é através da aquisição de *àse*. Compreende-se assim que o “terreiro”, todos os seus materiais e seus iniciados, devem receber *àse*, acumulá-lo, mantê-lo e desenvolvê-lo” (Santos, 2012, p. 40). Ou seja, o Axé pode diminuir ou aumentar, a depender da forma e da periodicidade que é trabalhado.

Tais variações estão em concordância com a observação das obrigações rituais dos indivíduos e do grupo de um terreiro, relacionando-se então com as atividades que aquela comunidade desenvolve ao longo de um tempo (mês, ano, comemorações festivas, etc). Para a autora, “quanto mais um terreiro é antigo e ativo, quanto mais sacerdotisas encarregadas das obrigações rituais apresentam um grau de iniciação elevado, tanto mais poderoso será o *àse* do terreiro” (Santos, 2012, p. 41).

Muniz Sodré, por sua vez, sintetizou numa simples frase a interação do poder vital que emana das ancestralidades africanas com o território ocupado: “o axé é capaz de gerar espaço” (Sodré, 2019, p. 98). A sacralização de um lugar como forma de ocupação, ou de tomada de posse do território, é definidora da identidade de um povo. O exercício da cidadania, a posse do território, o ter a terra, mesmo que de forma provisória ou espiritual. Isso soa como um arquétipo de fundação civilizacional, ligado de forma umbilical à espiritualidade, a exemplo do que Mircea Eliade diz sobre a consagração de um território, conceito que o autor usa para se referir à organização de um território desocupado, ou conquistado, a partir da ação humana, como uma imitação da criação divina do Cosmos em meio ao Caos: “instalar-se num território equivale, em última instância a consagrá-lo” (Eliade, 2018, p. 36).

Existe aí o fator posse da propriedade, que garanta a permanência daquela comunidade, ou da instituição terreiro, algo de extrema importância do ponto de vista jurídico e patrimonial para a coexistência da *egbé*. Contudo, existem também os lugares de culto que estão ao redor da cidade, mas que não pertencem formalmente às instituições terreiros. Vias públicas, à exemplo de rodovias, estradas vicinais de chão batido, pontes ou cruzamentos; a praia, nos lugares onde existe essa possibilidade; rios, cursos d'água ou cachoeiras, pedreiras, árvores isoladas ou clareiras no meio da mata. Todos estes elementos, situados em áreas públicas, do uso do público ou em propriedades privadas, são locais de extensão dos cultos das religiões de matrizes africanas. São territorialidades criadas no entorno da área urbana, necessárias à sobrevivência dos cultos realizados nos terreiros ao longo do ano ou numa festa como o Bembé do Mercado.

Os fluxos de Axé, os ebós que alimentam e/ou afugentam, respectivamente, as energias positivas e negativas do contexto em que é conduzido, necessitam de locais que muitas vezes estão onde à olho nu, ou distraído, não se vê. Esta é uma forma diversa da ocupação do território. São lugares sacralizados momentaneamente pelos ritos religiosos, que muitas vezes marcam o momento de um iniciado ou a feitura de uma obrigação, mas que não conferem o status de um espaço antropizado. Esses fazem parte da paisagem natural, são lugares necessários à realização dos cultos e práticas ritualísticas e que, portanto, necessitam ser preservados.

Contudo, muitos deles estão no interior de propriedades privadas e o acesso é feito à mercê do dono, o que não deixa de ser uma situação arriscada. Outros estão em áreas sujeitas à expansão urbana, a intervenções do setor público ou à expansão imobiliária, expondo conflitos que ameaçam a realização dos rituais e cultos do candomblé. Tratam-se de situações que afligem as comunidades de terreiros Brasil afora, os exemplos são diversos, mas que também exprimem a importância da preservação dos lugares de culto, sejam eles os próprios terreiros, enquanto construção física, ou referências do meio ambiente natural.

Na comunidade de Ponta da Areia, município de Itaparica, situado na ilha homônima da Baía de Todos os Santos, o culto de Egum tem sido impactado ao longo das últimas cinco décadas pela expansão urbana e pela especulação imobiliária, decorrentes das atividades turísticas e do interesse criado mais recentemente, em virtude da perspectiva de construção da ponte que ligará a cidade de Salvador à Ilha de Itaparica. Tem como principal referência o Terreiro *Omo Ilé Aboulá*, fundado por Eduardo Daniel de Paula entre as duas primeiras décadas do século XX. Primeiro situou-se numa faixa de terra livre de ocupações, em frente ao local onde hoje está construída a Igreja de Nossa Senhora das Candeias, no Povoado de

Ponta de Areia. Com o crescimento do interesse de turistas e visitantes por aquele balneário e a expansão da ocupação imobiliária, o terreiro foi transferido de local duas vezes, até se fixar no endereço atual, um sítio denominado Bela Vista.

Os terreiros de candomblé dos cultos de Egum cultuam os ancestrais ilustres, tendo diversas particularidades que os distinguem dos terreiros de candomblé tradicionais que cultuam os orixás. Velame (2007), faz um trabalho de caracterização da arquitetura do Terreiro *Omo Ilê Aboulá*, herdeiro dos terreiros baianos que cultuavam os Egum no século XIX, com uma linhagem de ancestrais africanos e afrobrasileiros que imprime forte identidade e referência para os terreiros deste culto de todo o Brasil. A despeito das dificuldades encontradas pela comunidade em Ponta de Areia e, em desafio a elas, ressalta o autor que o *Omo Ilê Aboulá*,

“é uma construção coletiva no tempo, é vivo e dinâmico, está em constantes transformações, tornando-se a sua arquitetura extremamente complexa, uma vez que cada espaço, construção e elemento natural constituem um lugar, um templo afro-brasileiro singular, que veicula todo um complexo de significados impregnados de concepções de um mundo próprio, aonde os mortos vêm para socorrer, orientar e conduzir os caminhos dos vivos”. (Velame, 2007, p. 31)

Tal comunidade, que envolve outros terreiros do culto de Egum na Ilha de Itaparica, promove um calendário litúrgico preenchido por rituais privados e por festas públicas que alimentam e renovam o fluxo de axé. Nessas ocasiões, há “a passagem de seus membros do tempo profano, da esfera da necessidade da reprodução da vida cotidiana, do dia-a-dia, para um tempo sagrado no terreiro, onde e quando o aiê se comunica diretamente com o orum” (Velame, 2007, p. 275). Destacam-se as três festas das águas, celebrações para os Orixás Iemanjá, Oxum e Olocum, que ocorrem entre os meses de janeiro e fevereiro, reforçando a origem daquela comunidade, formada por pescadores: a Festa da Bandeira, a Festa dos Presentes e a Festa da retirada da Bandeira.

Nelas, os espaços públicos e privados, os espaços sagrados e profanos, a instituição terreiro e o seu entorno, com os elementos da natureza, a praia, as matas, coexistem e se complementam através dos percursos e do fluxo de axé plantado e emanado através dos diferentes rituais, nos diferentes lugares, seja no recinto reservado do terreiro, seja na vastidão do mar e no lugar público da praia. O fluxo de Axé também se faz fluir no som dos atabaques e na cantoria que embalam o movimento do caminhar dos membros do *Omo Ilê Aboulá*, pelas ruas do povoado de Ponta de Areia, carregando um mastro com duas bandeiras brancas, que trazem insígnias do Ilê e de Iemanjá. O mesmo é fincado no chão do largo da igreja de Nossa Senhora das Candeias, em referência ao primeiro local ocupado pelo *Ilê Aboulá*. Tem-se aí a

reterritorialização simbólica do terreiro, que se deslocou do seu local de origem, décadas atrás, devido a perseguições da polícia e à expansão urbana.

Aqui reside uma relação de fundo com a Festa do Bembé do Mercado, também originada por pescadores e numa devoção a Iemanjá. Não apenas a entrega do presente, característica das devoções a Iemanjá e a Oxum, mas a própria representação do mastro com uma bandeira branca, fincado no local de culto, simbolizando a posse do território e a presença de uma comunidade de terreiro, também acontecem na Festa do Bembé. Já o culto e a gratidão às divindades das águas, à Mãe d'Água, que provém sustento para comunidades que já viveram tantos momentos de dificuldade, é um ponto em comum a diversas festas afrobrasileiras, também presente na Festa do Bembé.

A maior e mais conhecida delas é, sem dúvidas, a Festa de Iemanjá (popularmente conhecida também como Lavagem do Rio Vermelho), que acontece todo ano no dia 02 de fevereiro, no bairro do Rio Vermelho, na cidade de Salvador. Registre-se que a Festa de Iemanjá tem início com a entrega do presente a Oxum, no Dique do Tororó, que acontece no dia anterior, reforçando esta ligação com as divindades das águas, assim como ocorre em Itaparica, ou no Bembé, em Santo Amaro. Roger Bastide registrou, em meados do século passado, a ocorrência de uma procissão no Dique do Tororó – um grande lago que existe no fundo de um vale, no interior da cidade de Salvador:

“Talvez seja menos conhecida fora da Bahia a procissão que todos os anos, em 29 de junho, sai do terreiro de Joana de Ogum e vai até o Dique para entregar a Oxum, deusa do amor e da água doce, uma cesta de flores, espelhos, perfumes, para que Oxum possa, dentro de suas profundezas líquidas, enfeitar suas belezas de deusa negra e voluptuosa. As filhas descem, hieráticas, vestidas inteiramente de branco, pelos caminhos verdejantes das cercanias da cidade ao som dos tambores, na direção do barco que irá atirar ao fundo a oferenda respeitosa de seus filhos bem-amados”. (Bastide, 2019, p. 95).

Não pesquisei a respeito daquela antiga comemoração, mas imagino que, certamente, essa procissão à qual se refere Bastide, tenha alguma relação com o presente entregue a Oxum na Festa de Iemanjá, no Rio Vermelho, nos dias atuais. Naquela antiga festa, o fluxo de Axé se deslocava do terreiro, através da procissão dos filhos e filhas de santo, com seus cantos e sons dos atabaques, fluía pelos caminhos das encostas do bairro do Tororó, potencializando-se na entrega do presente em meio ao lago do Dique que, até meados da década de 1950, ainda não havia sido urbanizado.

Em seu trabalho de dissertação sobre a Pedra de Xangô, um lugar sagrado para o povo de santo da cidade de Salvador, situado no bairro de Cajazeiras, Silva (2017) investigou a importância daquele elemento cultural e religioso enquanto centro de convergência das

práticas litúrgicas, culturais e políticas das comunidades dos terreiros de candomblé daquela área populosa da capital baiana. Segundo a autora, “a restituição e transmissão do axé, o cotidiano, as festas de candomblé na cidade de Salvador-Bahia são tecidos aqui pelos terreiros de Cajazeiras e adjacências, tendo como referencial, centro, lugar sagrado – a Pedra de Xangô” (Silva, 2017, p. 118). O processo de luta pela preservação do espaço, que possibilitou o seu tombamento como um patrimônio da cidade de Salvador, fixa a luta pelo território sagrado, sacralizado.

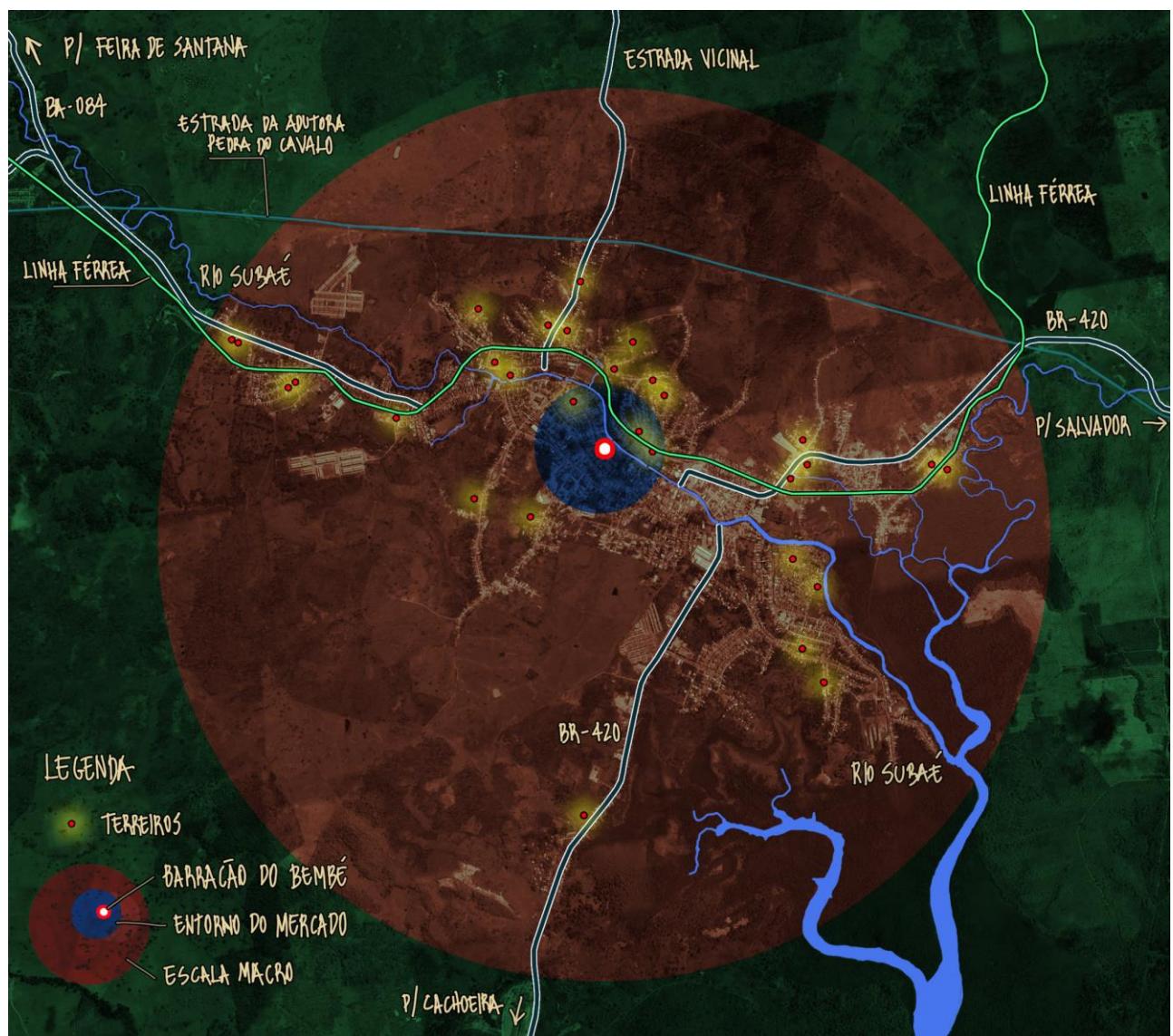
Ou seja, o fluxo de Axé oriundo das práticas ritualísticas das religiões de matrizes africanas, fundamentam e dão sentido ao espaço ocupado – momentânea, ou perenemente, num fluxo contínuo – enraizando os desígnios de uma comunidade, ou de um povo, naquele território. Os círculos ritualísticos a que se refere Babá Geri, sugerem escadas ou dimensões distintas do território, seja no plano físico ou no plano espiritual, seja numa escala macro, abarcando a cidade como um todo, seja numa escala micro, que englobe a casa de um filho de santo ou o quarto de um Orixá, seja no Largo do Mercado ou no pedaço de chão que sustenta a dança do *xirê*.

No Bembé do Mercado, tais rituais acontecem em dias e momentos distintos, em celebrações que são abertas ao público (os *xirês* no Largo do Mercado, que acontecem em dias determinados, ou a entrega do presente na Praia de Itapema, por exemplo), e celebrações privadas, que são restritas aos iniciados no Candomblé ou mesmo a certos membros que detém os saberes ritualísticos de determinadas cerimônias, e que são realizadas no Terreiro *Oju Onirê*, do Babalorixá Pai Pote, ou nas encruzilhadas e lugares específicos da natureza ao redor da cidade (cursos d’água, áreas de mata, cruzamentos entre estradas etc).

Conforme registrado no Dossiê do IPAC, seguindo as narrativas do povo de santo, os fundamentos do Bembé do Mercado estão constituídos em três diferentes cerimônias. São elas, “a reverência aos ancestrais, que fundaram a festa; as oferendas a Exu, que acontecem em diferentes lugares, e o *orô*⁶⁴ do orixá, que são os diversos ritos destinados a Iemanjá, incluindo a entrega do presente” (IPAC, 2011, p. 45).

⁶⁴ No Candomblé Ketu, o *Orô* do Orixá, é um ritual onde são feitos os sacrifícios dos animais, reforçando a ligação entre os adeptos do Candomblé e seus Orixás, sendo um momento de purificação, renovação espiritual e reafirmação da fé.

Tentamos representar cartograficamente no **Mapa 05**, a contribuição de Babá Géri, naquilo que consideramos como dimensões distintas da ocupação do território pelos rituais da Festa do Bembé. A partir de uma foto-imagem ampliada, mostramos a grande *egbé* santamarense, com o perímetro urbano da Sede municipal abarcando o seu entorno rural, as estradas que lhe dão acesso, as encruzilhadas que estão dispostas nos principais acessos que circundam a Sede municipal, elementos marcantes da paisagem natural, além do território urbano pontuado pelos principais terreiros de candomblé e umbanda da cidade. Cada um deles, sendo uma *egbé* dentro da grande *egbé* que é a cidade de Santo Amaro, ou ainda, cada um deles dentro da grande *egbé* que é a celebração do Bembé do Mercado.



Mapa 05. Dimensões da ocupação do território pelos rituais da Festa do Bembé. Fonte: Próprio autor.

No **Mapa 06** (exposto adiante, na página 100), estão indicados os terreiros que compõe a Associação Bembé do Mercado. A importância dos terreiros é tamanha, pelo papel que exercem na construção e manutenção do Bembé, pois se relacionam com as três escalas que propus de maneira interseccional. Segundo Machado (2009, p. 54) “os espaços da cidade são interpretados pelos adeptos dos candomblés como extensão do barracão, uma vez que muitos dos ritos também acontecem em outros pontos importantes da cidade”. Para além do Bembé, cada terreiro executa ao longo do ano as festividades dos seus respectivos calendários litúrgicos, o que alimenta o Axé das comunidades que, potencializadas, fortalecem a grande *egbé* do Bembé do Mercado ano após ano.

Na representação do **Mapa 05**, as três escalas se superpõem, do macro ao micro, de uma abordagem geral do território (a cidade como um todo e o seu entorno ampliado), a uma central (o barracão no Largo do Bembé), passando por uma intermediária, que é o próprio Largo do Bembé e o seu entorno, ruas do Centro Histórico, onde é montada toda a estrutura de apoio e onde acontece para o público, a celebração religiosa, com todas as manifestações culturais que lhe são peculiares e complementares. É um mapa com uma visão geral da temática abordada e que origina outras três representações cartográficas, que visam detalhar cada uma delas, e que veremos mais adiante, cada uma relativa a uma dimensão do território analisada, de acordo com as respectivas estruturas organizacionais da festa e rituais.

O Bembé do Mercado está muito além daquilo que é visto e comemorado nas noites dos *xirês*, ou nos rituais que compõem a entrega dos presentes para as Orixás Iemanjá e Oxum, na Praia de Itapema. Com base nestes eventos, discorreremos adiante sobre a Festa do Bembé e de como se dão as suas relações, em diferentes dimensões e perspectivas, com a cidade de Santo Amaro.

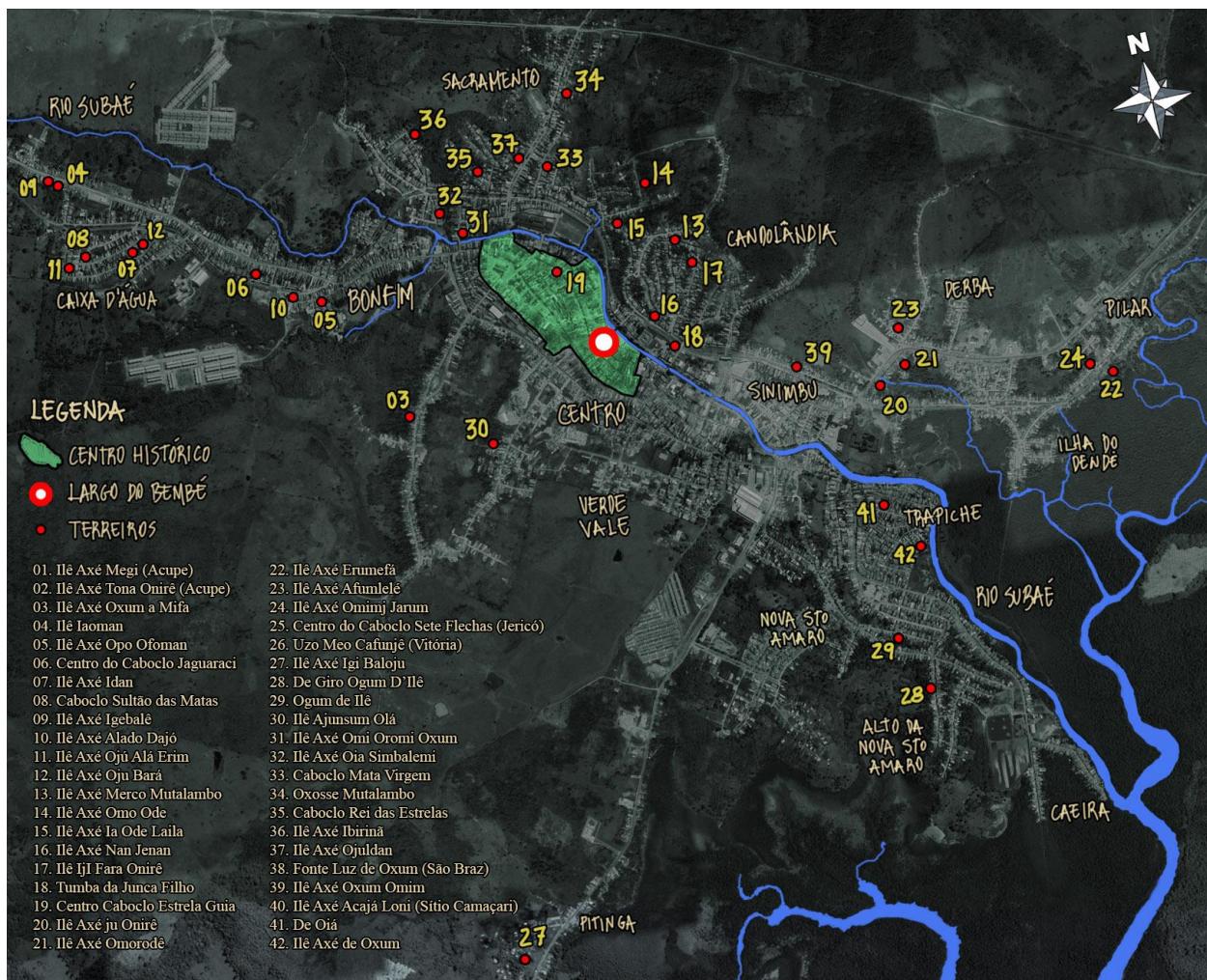
4.1 - O Bembé e a cidade de Santo Amaro

Nesta relação ampla da festa com a cidade, falaremos dos rituais que preparam os caminhos para a realização do Bembé, tanto no Terreiro *Oju Onirê* (rituais reservados aos iniciados no candomblé), quanto aqueles que acontecem de maneira reservada nos arredores da cidade. Abordaremos também processos que são construídos ao longo do ano e que envolvem o dia a dia das comunidades de terreiros, a exemplo da relação com o comércio local, tendo a Feira Livre como importante vetor da economia popular e principal supridora das demandas materiais dos diversos ritos (grãos, ervas, utensílios, vestimentas, animais, etc), de acordo com as necessidades impostas pelos cultos das religiões de matrizes africanas.

O Bembé do Mercado é uma celebração das comunidades de terreiros de Santo Amaro. Não é uma festa desse ou daquele sacerdote, nem destes ou daqueles descendentes de uma determinada nação africana. É necessário que haja vitalidade nos terreiros e que esteja latente o vigor das suas comunidades, nas suas respectivas festas e funções, ao longo do ano, para que o fluxo do Axé se mantenha num giro constante, potencializando a todos e sendo repotencializado. Tudo isto culmina no Bembé, que é uma obrigação ancestral. Por esta forma, quando os presentes da celebração do Bembé são entregues aos Orixás Iemanjá e Oxum, no mar, a partir da Praia de Itapema, finalizando um ciclo, a edição do ano seguinte já está em processo de construção. Não para. O fim de um ciclo alimenta aquele que já estava vivo, antes mesmo do seu início. O Bembé é uma obra que nunca cessa.

No **Mapa 06**, representação da Sede urbana da cidade de Santo Amaro, assinalamos e listamos os terreiros que compuseram oficialmente a fundação da Associação Beneficente Bembé do Mercado, excluindo-se no mapa, aqueles situados na zona rural ou em outros distritos (ver listagem no Quadro 01, pg. 79). Esses, foram cinco, do total de quarenta e dois terreiros que compuseram inicialmente a ABBM. São os seguintes: no distrito de Acupe (*Ilé Axé Megi* e *Ilé Axé Tona Onirê*); nas localidades da zona rural da Fazenda Jericó (Centro do Caboclo Sete Flechas), Vitoria (*Uso Meço Cafunjé*) e Sítio Camaçari (*Ilé Axé Acajá Loni*). Tomamos como base tal amostragem, por ter sido ela referência para a criação de uma associação importante para as religiões de matrizes africanas santamarenses. Hoje, segundo Pai Pote, ele sempre afirma isto em entrevistas e palestras, são mais de 60 terreiros registrados na cidade de Santo Amaro.

Analizando o mapa, observa-se que os terreiros estão situados nos bairros periféricos da cidade. A maioria deles, 13 no total, concentra-se nos bairros Sacramento e Candolândia, este uma ocupação espontânea que teve origem em meados do século XX, a partir da ocupação das terras de uma antiga fazenda. No final da década de 1970, a Prefeitura Municipal desapropriou aquelas terras, permitindo assim, a consolidação daquela comunidade, que já existia de maneira precária e desordenada, já que não houve obras de infraestrutura que atendesse às demandas das famílias que ali se instalaram. Possui uma população majoritariamente negra, de baixa renda, assim como nos demais bairros populares da cidade. Somente na primeira década do ano 2000 que aconteceram as primeiras obras de infraestrutura no bairro da Candolândia, com a implantação de rede de esgotamento sanitário e pavimentação das ruas com paralelepípedos.



Mapa 06. Localização e listagem dos Terreiros da ABBM - Sede do município de Santo Amaro.

Fonte: Próprio autor.

Há ainda os terreiros situados nos bairros do Trapiche de Baixo e do Alto da Nova Santo Amaro, e aqueles situados no conjunto formado pelos bairros do Derba, Pilar e Ilha do Dendê. Estes três, são cortados pela linha férrea e fazem limite com o mangue e seus cursos d'água. Todos eles têm, como característica comum (inclusive os dois primeiros), o fato de serem bairros negros originados de comunidades ribeirinhas de marisqueiras e pescadores ou de ocupações irregulares que, com o passar do tempo, consolidaram-se como bairros incorporados ao chassi urbano, não excluindo, contudo, os problemas sociais e de infraestrutura carregados há décadas, alguns até há mais de um século.

O Trapiche de Baixo, como o próprio nome traduz, é uma antiga área portuária, onde existiam trapiches que armazenavam produtos advindos dos engenhos e das propriedades rurais de parte do Recôncavo Baiano, com destino ao porto de Salvador. Com a perda desta função, a área foi sendo ocupada pelas residências, de maneira desordenada, avançando sobre manguezais, tornando-se um bairro populoso da cidade de Santo Amaro.

O Trapiche de Baixo também abarca um outro bairro, a Caeira, situado na extremidade sudeste da zona urbana da sede municipal, fazendo limite com o Rio Subaé e a área de manguezal do seu estuário. Na Caeira está situado o Quilombo Cambuta, um remanescente de quilombo certificado pela Fundação Palmares no ano de 2010, uma antiga comunidade de pescadores e marisqueiras. Pelo **Mapa 06**, observa-se a quantidade de cursos d'água que alimentam o rio Subaé e o seu estuário, que desagua na Baía de Todos os Santos, fato esse que fez surgir as comunidades ribeirinhas de pescadores e marisqueiras, que deram origem àqueles bairros, onde surgiram muitos dos antigos terreiros de candomblé da cidade de Santo Amaro.

Outra característica importante destes bairros periféricos é que, pelo fato de estarem nas bordas da área urbana, facilita-se o contato com a natureza e a busca pelos recursos que ela oferece, essenciais para os rituais do Candomblé e da Umbanda, a exemplo das árvores, das folhas e ervas, das águas correntes, das áreas de mangue, das estradas, caminhos e encruzilhadas. Áreas de mata, mangues, cachoeiras e cursos d'água que desaguam em rios que, por sua vez, desaguam na Baía de Todos os Santos.

No curta metragem “*Yabás*”, a cineasta Laís Lima (2020) aborda o papel feminino na realização do Bembé do Mercado, uma festa criada por um homem e que, ao longo do tempo, teve, e ainda tem, várias figuras masculinas no papel de destaque. O filme tem como pano de fundo cenários do Terreiro *Ilê Axé Oju Onirê* (onde os preceitos da celebração religiosa vêm sendo realizados), do *xirê* do Bembé e da natureza viva onde paisagens que circundam a área urbana da cidade se destacam, com água corrente e muito verde, já que Iemanjá e Oxum são Orixás das águas. No culto do Bembé, as mulheres empregam seus poderes espirituais e materiais manuseando as folhas e as ervas, preparando os alimentos, arrumando os presentes, cantando e dançando o *xirê* dos Orixás. Este tema coaduna com alguns dos pilares do afrocentrismo, conceituados por Karenga (2003), quais sejam a valorização da natureza e o respeito à matripotência, enquanto categoria estruturante das funções sociais e espirituais dos terreiros dentro das religiões de matrizes africanas e da vida em comunidade, em especial àqueles terreiros de influência da cultura iorubá.

O **Mapa 07** traz uma sobreposição da localização dos terreiros (consta no Mapa 06) no território da zona urbana da cidade, numa escala ampliada que abarca o entorno da área urbana da Sede municipal. Destacamos também a Câmara de Vereadores e a UFRB, pois tais instituições abrigam ciclos de palestras e exposições artísticas durante o período do Bembé do Mercado (ver imagens 37 e 38), um exemplo da forma como o Bembé se expande para além do território ocupado no Largo do Mercado. Essa construção ampla da zona urbana, em

contato constante com as paisagens naturais que a circundam, tem a particularidade de ser cortada diretamente pelo rio Subaé, de uma ponta à outra da cidade, além dos seus afluentes; da mesma forma, a linha férrea também corta a cidade de uma ponta à outra; é atravessada ainda por duas rodovias de alcance regional (BR-420 e BA-084), estradas vicinais, além de estar cercada por matas de fazendas e pelo mangue e estuário do Rio Subaé e afluentes. As diversas intersecções entre estes elementos, naturais e aqueles construídos pelo ser humano, possibilitam uma série de encruzilhadas, de locais de culto e de caminhos onde se fundamentam a força do Axé.

Na porção Norte da cidade, nas suas cercanias, passa uma linha adutora da EMBASA (Empresa Baiana de Água e Saneamento), em sua maior parte subterrânea, proveniente da barragem Pedra do Cavalo, que originou uma estrada de manutenção. Um trecho da mesma foi asfaltado recentemente, para dar acesso a um condomínio construído nos moldes do programa Minha Casa Minha Vida. Ainda assim, tal estrada continua sendo pouco utilizada como via de acesso urbano, mas, justamente por isso, e, por estar à margem da área urbana, livre do tráfego intenso de curiosos, serve bastante como local onde se realizam ebós e outros rituais do candomblé.

Todos os elementos naturais citados, junto àqueles implantados por obra do ser humano (estradas, pontes, linhas de ferro), são referências para os rituais do Candomblé e da Umbanda. São muitas possibilidades de caminhos, encruzilhadas, cursos d'água, áreas de mata com árvores, bambuzais, pedreiras, cachoeiras, elementos caros à devoção dos Orixás.





Imagen 37. Cerimônia na Câmara de Vereadores de Santo Amaro, maio de 2023. Foto do autor.



Imagen 38. Exposição MIMÓ – Revelando o Sagrado, pelo artista Babá Géri, realizada em maio de 2022, no CECULT/UFRB, em Santo Amaro. Arquivo do autor.

Os rituais de preparação do Bembé do Mercado – Culto aos ancestrais

Os rituais de fundamento do Bembé do Mercado têm início com os cultos aos ancestrais, os Babás Egum que criaram a festa. Os ancestrais são “a garantia da continuidade, da evolução, da prosperidade” (Santos, 2012, p. 115). Isso se dá por volta de duas semanas antes do início das festividades públicas no Largo do Mercado. No candomblé Ketu, existe a diferença entre os orixás e os Eguns, eles pertencem a categorias diferentes, entre aqueles que habitam o *òrun*, e não devem ser cultuados juntos: “os *òrisà* estão associados especialmente à estrutura da natureza, do cosmo; os ancestrais, à estrutura da sociedade” (Santos, 2012, p. 108). Por essa razão, primeiro se consulta os Eguns da *egbé* Bembé do Mercado, dias antes do início dos rituais de invocação dos orixás homenageados no Bembé. Continua a pesquisadora:

Se os pais e antepassados são os genitores humanos, os *òrisà* são os genitores divinos; um indivíduo será “descendente” de um *òrisà* que considerará seu “pai” – *Baba mi* – ou sua “mãe” – *Ya mi* – de cuja matéria simbólica – água, terra, árvore, fogo, etc. – ele será um pedaço. Assim como nossos pais são nossos criadores e ancestrais concretos e reais, os *òrisà* são nossos criadores simbólicos e espirituais, nossos ancestrais divinos. Assim cada família considerará um determinado *òrisà* como o patriarca simbólico e divino de sua linhagem, sem o confundir com os seus *égún*, patriarcas e genitores humanos, cultuados em “assentos”, em datas e de formas bem diferenciadas. O culto dos *òrisà* atravessa as barreiras dos clãs e das dinastias. O *òrisà* representa um valor e uma força universal; o *égún*, um valor restrito a um grupo familiar ou a uma linhagem”. (Santos, 2012, p. 110)

Existem os terreiros de Egum e os terreiros de orixás, instituições diferentes em suas organizações sociais e práticas litúrgicas, bem como em seus assentamentos e axés de fundamento. Destarte, os Eguns nunca serão cultuados juntos aos orixás. No culto aos Eguns, também devem ser feitas as oferendas de saudação a Exu, este como princípio ativo de tudo e de todos, visto que Exu circula livremente entre todos os sistemas, entre as divindades, os vivos e os mortos, sendo ele próprio o princípio da comunicação. São cultuadas também as Iamis, as mães ancestrais. Detalharemos mais adiante este aspecto da primeira oferenda ser para o orixá Exu, nos rituais do candomblé.

Nos cultos dos terreiros de Egum, os ancestrais daquela linhagem, casa ou comunidade, são invocados e cultuados, vestidos de maneira que os singulariza, com roupas sagradas, o *axó*, nas cores do orixá de cabeça que aquele ancestral carregou quando no plano material. Em seu estudo sobre o culto de Babá Egum, o antropólogo Júlio Braga faz um descrição das práticas litúrgicas e de como a esfera sagrada, do além, se incorpora à vida cotidiana da comunidade, como os ancestrais, invocados em terra, participam dos pormenores dos seus filhos, “num diálogo entre vivos e mortos; entre os espíritos ancestrais e seus

descendentes [...] Este diálogo conduz para a esfera do sagrado a discussão dos problemas mais diversos de cada um" (Braga, 1995, p. 44).

Na preparação do Bembé do Mercado, as cerimônias de culto aos ancestrais são reservadas aos iniciados do candomblé, os babalorixás, iaôs, ekedis e ogás, e realizadas no *Oju Onirê*, em um aposento específico do terreiro e num ambiente aberto, aos pés de uma árvore consagrada aos Babás Eguns (ver o **Mapa 08**). Neste momento, membros de outros terreiros reúnem-se sob a liderança de Pai Pote (atual liderança da festa do Bembé), nesta grande *egbé* chamada Bembé do Mercado. O Babalorixá se comunica com as ancestralidades através dos jogos de búzios e do obi – também conhecido como nós-de-cola, um fruto indispensável no candomblé para a comunicação com os orixás – a partir do qual se comunicará aos ancestrais do Bembé a realização de mais uma edição da celebração religiosa. É uma obrigação dar satisfação às ancestralidades. Então lhes é pedido licença e permissão para a realização do Bembé, se naquele ano deverá ser tocado ou não.



Mapa 08. Terreiro *Ilé Axé Ojú Onirê*, Planta de Situação esquemática. Fonte: Próprio autor.

Nos anos de 2020 e 2021, quando o mundo experimentou severas restrições de circulação e contato entre as pessoas, devido à pandemia da Covid-19, a consulta aos ancestrais determinou que o Bembé não deveria ser tocado, em respeito às determinações oficiais de não aglomeração, mas os fundamentos ritualísticos deveriam ser realizados, os axés deveriam ser renovados nos locais de costume e os presentes entregues aos orixás na Praia de Itapema. Tudo isso foi feito de maneira discreta, por poucos filhos de santos que já conviviam no *Oju Onirê*, sem ter havido publicidade, muito menos o acesso do público às cerimônias. Somente após a realização dos rituais, divulgou-se que as obrigações do Bembé naqueles dois anos de grande dificuldade haviam sido realizadas, conforme os desígnios das ancestralidades.



Imagen 39. Ritual de erguimento do mastro do 13 de Maio, no Bembé do Mercado, durante a pandemia da Covid-19. Maio de 2021. Fonte: [@portalgembemedomercado](https://www.instagram.com/@portalgembemedomercado).

No jogo do Obi⁶⁵, são revelados os desejos dos ancestrais, como e se o Bembé deverá ser tocado, quais as oferendas deverão ser oferecidas, os panos e vasilhas a serem utilizados, quais animais deverão ser sacralizados, quais os dias que deverão serem tocados o *xirê* e quais Orixás deverão ser homenageados, com suas respectivas comidas a serem oferecidas no barracão da festa, no Largo do Mercado. Também se faz consulta em relação aos terreiros a serem convidados e personalidades a serem homenageadas. Tudo isto é decidido após a consulta aos Babás Eguns do Bembé, aqueles que fundaram a festa e os que não deixaram que ela adormecesse nos anos seguintes: João de Obá, Pai Tidu, Noca de Jacó, entre outros.

⁶⁵ O jogo do Obi é uma prática divinatória das religiões de matrizes africanas, quando o sacerdote se comunica com os ancestrais ou divindades, estabelecendo-se uma conexão espiritual. A semente do Obi é dividida em quatro partes e jogadas pelo sacerdote, que interpreta cada queda dos elementos sacralizados.

Evocam-se as ancestralidades da festa, aqueles que guardaram os saberes fundamentais à realização do culto, pilares da construção e manutenção do Bembé.

A área que compreende o Mercado de Santo Amaro e a Feira Livre é uma região onde pululam muitas energias, de todo tipo. Local onde já aconteceram diversas tragédias, mortes trágicas, a exemplo de suicídios e assassinatos, muitos prejuízos causados a feirantes e comerciantes por enchentes do Rio Subaé, e a maior de todas as tragédias da cidade de Santo Amaro, que foi a explosão de 1958. Então, no culto aos ancestrais, os antepassados mortos nestas tragédias também são homenageados, as memórias destas pessoas são resgatadas, potencializa-se positivamente a energia destes Eguns, de forma a permitir que as festividades e celebrações religiosas transcorram de maneira ordeira e pacífica.

Nesses rituais, abre-se uma relação com o *orun*, o além, de maneira que este portal se abre para os Eguns consultados e homenageados, que trarão proteção, soluções, conselhos, indicações de como deverão transcorrer os trabalhos. Mas o portal também estará aberto para energias negativas de pessoas falecidas ainda não preparadas, evoluídas. Então, faz-se necessário rituais de preparação do terreiro e dos participantes, de maneira que se possam estar protegidas de tais energias, ou que as mesmas não confundam e prejudiquem os andamentos dos rituais. Passam-se defumadores nos ambientes, as pessoas são marcadas com a pemba branca, de Oxalá, e pontos de pólvoras são queimados para afastar as más energias. A atmosfera é solene, misteriosa, prevalecendo o respeito às ancestralidades do Bembé do Mercado.

Padês de Exu

O Padê é um ritual do candomblé Ketu destinado a invocar os orixás ou ancestrais, por intermédio de Exu. É celebrado antes das cerimônias públicas de um terreiro, internamente, sempre que haja oferendas importantes e acompanhadas de um bicho de quatro pés, com derramamento de sangue. Os primeiros rituais de saudação a Exu, acontecem cerca de três a sete dias após os rituais de consulta aos ancestrais do Bembé. Existem outros rituais de saudação a Exu, menos elaborados, que também são considerados como Padê, ou despachos, mas que são executados no Largo do Mercado e cercanias, portanto em escala mais restritivas do território. Nesta dimensão de análise, a cidade ampla, trataremos do Padê que é feito para saudar as encruzilhadas que dão acesso à cidade de Santo Amaro, como um dos primeiros rituais do Bembé, em sequência aos rituais de saudação aos ancestrais da festa.

Divindade angular e base do panteão iorubá, base filosófica daquela cultura, Exu é aquele que já existia mesmo antes de tudo ser feito, é a centelha que dinamiza a tudo e a

todos, “princípio progenitor e protomatéria de tudo constituído” (Rufino, 2019, p. 47). “Exu é a velocidade, a esfera mágica do mundo, porque Exu é um orixá que se movimenta em todas as direções” (Babá Geri, citado em IPHAN, 2019, p. 110). Ou ainda, “Èsù é o princípio da existência diferenciada em consequência da sua função de elemento dinâmico que o leva a propulsionar, a desenvolver, a mobilizar, a crescer, a transformar, a comunicar” (Santos, 2012, p. 141).

Um *itàn*⁶⁶ presente no corpo poético de Ifá, conta que Orunmilá, testemunho do destino e porta voz de Olorum⁶⁷ na terra, vivia angustiado com a cobrança dos orixás que a ele recorriam rogando por poderes, pois não eram dotados das potências que hoje sabemos que cada um detém. Orunmilá tinha grande apreço por todos os orixás e não poderia privilegiar um em detrimento dos outros, de maneira que dividiu com Agemo, o camaleão, a sua agrura. Este, aconselhou-lhe a reunir todos os orixás, lançando à sorte de cada um os poderes, para que fossem recolhidos, o que foi acatado por Orunmilá. No dia e hora marcada, todos os orixás estavam lá, e as diferentes potências foram lançadas, os orixás corriam para todos os lados, cada um recolhendo o máximo de poderes que conseguiam. Exu, com suas habilidades, gingas e traquinagens, foi o que conseguiu apanhar grande parte dos poderes, entre eles o de ser o guardião do Axé de Olorum, passando a ser temido e respeitado pelos homens e pelos orixás. Assim é que,

Na cosmogonia iorubá e consequentemente nas invenções paridas nos cruzos transatlânticos, Exu é a autoridade dos poderes divinos com os quais Olorun criou o universo. O axé se imanta, se guarda, se transmite e se multiplica via suas operações, atos que definem a sua própria existência/condição enquanto ser/acontecimento múltiplo e inacabado. Assim, o conceito de axé enquanto energia vital, tanto na cosmogonia iorubá, quanto as “cosmovisões traçadas” da diáspora, está estritamente vinculado a Exu” (Rufino, 2019, p. 66).

Sendo um princípio dinâmico, existencial, sem Exu, segundo a cosmogonia iorubá, tudo o que compõe o sistema mundo ficaria imobilizado. Não só as pessoas e os animais ou os seres vegetais, mas também as cidades, cada coisa material que compõe o mundo à nossa volta, as comunidades, as linhagens familiares, os astros, o vento, a chuva, tudo e todas as coisas estariam imóveis, a vida não se desenvolveria. Cada orixá também tem o seu Exu, e dele depende para movimentar e fazer valer as suas qualidades. Ao se cultuar o orixá, o seu Exu deverá ser cultuado junto. Por isso que, nos rituais do candomblé, Exu come primeiro. Exu é o princípio da comunicação, é o mensageiro, é aquele que propicia a comunicação entre os mundos, entre os vivos e as divindades, entre os vivos e os mortos. Sendo Exu princípio

⁶⁶ *Itàn*, palavra Nagô que designa um mito, histórias imemoriais, passadas oralmente de geração em geração.

⁶⁷ Na mitologia iorubá, Olorum, ou Olodumarê, é o Ser Supremo, criador de tudo e de todas as coisas.

dinâmico de cada coisa, existente em cada coisa, para que orixá se movimente, para que uma *egbé* ou um membro do terreiro seja potencializado de Axé renovado, é necessário que Exu coma antes de tudo e de todos. Se isso não ocorrer, se Exu não participar da cerimônia em primeiro lugar, todo o ritual poderá ser comprometido e o resultado disso, será imprevisível.

Assim repete-se em diversos *itàn*. Exu é aquele que a boca tudo come, tem uma fome incontrolável, comia a tudo e a todos, os bichos de dois e de quatro pés, os de couro, os de escamas e os de penas, as frutas, bebia o vinho e o azeite de palma. Quanto mais Exu comia e bebia, mais ele sentia fome. Orunmilá, furioso com aquilo, pediu a Ogum, irmão de Exu, que o detivesse, e não restou a Ogum senão matar o próprio irmão. Entretanto, isso não placou a fome de Exu e, mesmo depois de morto, era possível sentir a sua presença comendo os pastos, os bichos, de maneira que os homens não tinham mais do que se alimentar. Um oráculo de Ifá vaticinou que Exu, mesmo em espírito, queria comer, era preciso aplacar a sua fome. Orunmilá acatou o oráculo e ordenou:

“Doravante, para que Exu não provoque mais catástrofes,
Sempre que fizerem oferendas aos orixás
Deverão em primeiro lugar servir comida a ele”.
Para haver paz e tranquilidade entre os homens,
É preciso dar de comer a Exu,
Em primeiro lugar.
(*Itàn de Exu: Exu come tudo e ganha o privilégio de comer primeiro*. Prandi, 2001, p. 46).

A qualidade de Exu mais invocada nos rituais do Bembé, no Terreiro *Oju Onirê*, internamente, é Exu *Onã*, o Senhor dos Caminhos, além de protetor das entradas dos terreiros. Sendo Pai Pote o responsável pelos rituais do Bembé, e filho de Ogum, Orixá ao qual seu terreiro é dedicado, Exu Tiritiri, associado ao orixá Ogum, também é invocado e come junto com Exu Onã. Tais sacrifícios e oferendas, que irão compor o ebó, são determinados pelo jogo de búzios, na consulta aos orixás. Pode conter farofas branca e de dendê, acarajé, feijão fradinho, milho de galinha, charutos, bebidas alcoólicas, azeite de dendê, mel e os bichos de quatro pés (geralmente bode ou cabra), calcados com bichos de dois pés (galos ou galinhas), além de outros bichos, como pombos, *konkém* (galinha d'Angola), entre outros. Ou seja, para cada bicho de quatro pés, são ofertados quatro bichos de dois pés (galos ou galinhas). Necessário também para se invocar tais rituais, velas, água e pólvora.

A sacralização dos animais é feita pelos ogãs, sob a supervisão e orientação do Babalorixá, que determina a ordem da matança dos animais e em quais assentamentos devem ser depositados as partes dos bichos reservadas a Exu. Tal ritual ocorre no *Oju Onirê*, quarto específico de Exu. As partes reservadas para a alimentação da *egbé*, é entregue às ekedis e

iaôs, que irão tratá-las e preparar as refeições na cozinha do terreiro, de maneira que toda a comunidade ali presente irá repartir, em comunhão, do alimento oferecido a Exu. Lembrando mais uma vez que, nestes rituais, que é da *egbé* Bembé do Mercado, membros de outros terreiros também podem participar, de todas as etapas, da preparação do Padê à comunhão do *ajeum*.⁶⁸

Os ebós são montados em balaios forrados com um tipo de tecido chamado madrasto, ou similar, nas cores preta e vermelha, eventualmente branco também. Geralmente são quatro ebós, todos arriados nas encruzilhadas dos acessos à cidade, conforme se vê indicado no Mapa 07 (pg. 97). Observe-se que os ebós são arriados circundando a Sede urbana, formando aquela primeira muralha de proteção da grande *egbé*, seguindo as palavras de Babá Géri. Juana Elbein, assim definiu as particularidades de Exu Onã, o Senhor dos Caminhos, reverenciado nas cerimônias do Bembé do Mercado:

É, no seu papel de princípio dinâmico, de princípio de vida individual e de *Ójise* ou elemento de comunicação, que *Èsù Bara* está indissoluvelmente ligado à evolução e ao destino de cada indivíduo. Como tal ele também é Senhor dos Caminhos, *Èsù-Òna*, e ele pode abri-los ou fechá-los segundo o contexto e as circunstâncias. Pode abri-los ou fechá-los aos elementos agressores e destrutivos, os *Ajagun*, ou os elementos positivos. Ele é o controlador dos *òná burukú*, os caminhos que são condutores dos elementos malignos, e dos *òná-rere*, condutores de coisas boas, tanto no *òrun*, como no *àiyé*.

Èsù fica à esquerda dos caminhos e daí controla a entrada e a saída de todo o tráfego. Assim, seus lugares de adoração e suas representações se encontram nos caminhos que levam às cidades, às aldeias e aos “compounds”. Mas seu lugar favorito é a encruzilhada de três caminhos, *orita*, donde os caminhos se encontram e repartem. (Santos, 2012, p. 190-191).

A encruzilhada é o lugar das possibilidades circunstanciais, tortas, imprevisíveis, que precisam ser trilhadas, sempre o movimento, pai do devir, encruzilhada que reparte caminho e que esbarra em novas encruzilhadas. “Invocar Exu e seus princípios de mobilidade e de criação de possibilidades é assumir que caminharemos na exploração dos percursos historicamente negados, reinventando aqueles que, ao longo do tempo, se privilegiaram da condição de ‘curso único’” (Rufino, 2019, p. 53). Essa muralha externa de proteção, o culto a Exu nas bordas da cidade, o ebó arriado para todo mundo ver, quem chega e quem sai, também é uma marcação do território, mostrar que Exu, aquele que o cristianismo toma como seu inimigo cabal, continua ali, resistente, resiliente, vigilante e cobrando o pedágio de quem vai e vem, apesar do terror do racismo e da intolerância. Neste sentido, assim como Exu, o

⁶⁸ *Ajeun*, termo iorubá que significa “comer juntos”. Refere-se às refeições comunitárias, ou momentos como estes, solenes, no candomblé.

Bembé é resistência. E a cidade, o seu território, em suas diversas escalas, é um suporte para as diversas formas de representação.

4.2 - O Bembé e o Mercado

A ideia de “mercado” possui diferentes acepções, a depender do contexto em que for utilizado. Pode ser o incógnito ator do mundo das finanças, um edifício onde se compra algo, ou o lugar onde estabelece-se uma rede de todo o tipo de trocas, sejam elas comerciais, pecuniárias, existenciais, afetivas ou solidárias. Exu, sendo o orixá da comunicação, é aquele que exerce forte influência sobre os mercados, no sentido dos locais onde as pessoas se encontram fisicamente, onde as relações de trocas visam, antes do enriquecimento material, o desenvolvimento das comunidades e dos seus membros, do fortalecimento da dinâmica do Axé que as mantém vivas.

No panteão iorubá, a qualidade de Exu que contempla tais relações de trocas, é o Exu *Olojá*, “senhor do mercado, divindade responsável pela circulação desses elementos, que além de compensar um trabalho pelo outro, pode também fazer com que esse movimento crie laços de sociabilidade” (Nascimento, 2016, p. 30). Na cidade de Salvador, capital baiana, mais recentemente, tem tomado corpo uma festa do Candomblé em homenagem ao *Olojá*, na Feira de São Joaquim. Outro exemplo é a festa de Exu Bará, no Mercado Público de Porto Alegre, capital gaúcha. Em conversa com Pai Pote, ele me explicou que, no Bembé do Mercado, não se cultua o Exu *Olojá*, mas sim Exu *Oná*, Senhor dos caminhos, das conexões do mundo dos homens com o mundo dos Orixás.

Na cidade de Santo Amaro, o “mercado” é uma importante referência, tomando-se a partir do prédio do Mercado Municipal e do seu Largo, situado à sua frente, sobre os quais já falamos com detalhes anteriormente. Naturalmente, ao longo do ano, é um lugar de grande convívio social e é, naquela área, no Largo do Mercado, que acontecem as cerimônias públicas do Bembé, em especial os *xirê*s, além da abertura da festa, dos ciclos de palestras, onde acontecem as manifestações culturais da Capoeira, do Maculelê, Samba de Roda e do Nêgo Fugido (ver imagens 39b até 39f), e as apresentações de atrações artísticas variadas. Ali também são montadas as estruturas que servem de apoio para todo o contexto do Bembé: barracas e feira de artesanato com produtos da cultura afrobrasileira, praça de alimentação com barracas que comercializam comidas e bebidas, palcos para a apresentação de artistas, além do próprio Barracão e a Casa de Iemanjá, conforme registrado no **Mapa 09**. Sobre a forma como é estruturado o Barracão, mais adiante trataremos de forma detalhada num tópico específico.



Mapa 09. Estruturação da Festa do Bembé no Largo do Mercado. Fonte: Próprio autor.

A Casa de Iemanjá é uma estrutura em madeira, delicadamente decorada de forma distinta a cada edição da festa. Situa-se ao lado esquerdo do barracão, no Largo do Bembé do Mercado, onde são assentadas imagens da Orixá, a grande homenageada do Bembé (ver imagem 39a). A estrutura é montada todos os anos ao lado esquerdo do Barracão, com a sua entrada voltada para a nascente (mesmo sentido da entrada do barracão), e removida após o término da festa. É um local onde os visitantes depositam presentes, ajoelham-se para bater a cabeça, fazer orações e tirar fotografias, além das famosas *selfies*.

Naquela construção das dimensões territoriais que fundamentam a relação da festa com a cidade de Santo Amaro, consideramos esta relação do Bembé com o Mercado, como uma escala intermediária. Isso se deve à maneira como o espaço é reestruturado para receber a Festa do Bembé, e também pelo fato de que, através de rituais do candomblé, um outro círculo de proteção, uma outra muralha concêntrica é levantada, ao longo das ruas que envolvem o Largo do Mercado e sua área próxima, com o intuito de aplacar e harmonizar as

energias positivas e negativas que por ali transitam. Tais rituais de despacho são feitos em diversos momentos, antes da Alvorada e dos *xirês*, ou após o ritual em que se alimenta o “Axé que nunca dorme”, aos pés do mastro que sustenta a cumeeira do barracão do Bembé.



Imagen 39a. Casa de Iemanjá, durante o Bembé do Mercado. Ano de 2025. Acervo do autor.



Imagen 39b. Roda de Capoeira durante o Bembé do Mercado. Ano de 2024. Acervo do autor.



Imagen 39c. Apresentação do Maculelê, por alunos de uma instituição de ensino municipal. Ano de 2024. Acervo do autor.



Imagens 39d e 39e. Nêgo Fugido de Acupe, no Bembé. Ano de 2024. Acervo do autor.



Imagens 39f. Samba de Roda. Grupo cultural “Samba Lailá”, do Terreiro *Odé Lailá*, do qual sou membro. Ano de 2023. Acervo do autor.

Os ritos públicos da Festa do Bembé acontecem na semana do mês de maio que abrange o dia 13, iniciando-se geralmente na quarta-feira e encerrando-se no domingo, quando acontece a entrega dos presentes. Toca-se o *xirê* nas noites da quarta-feira, dia dedicado ao Orixá Xangô, patrono da festa; na quinta-feira, dia dedicado ao Orixá Oxóssi e aos Caboclos

dos povos originários da terra brasileira; no sábado, para os Orixás Iemanjá e Oxum. Na, sexta-feira, dia dedicado a Oxalá, não é tocado o *xirê*. No domingo, antes da saída do presente para a Praia de Itapema, o *xirê* também é tocado, porém de uma forma simplificada e sem o fausto das noites anteriores. Essa distribuição dos dias é afetada geralmente quando a data do 13 de maio cai numa segunda ou numa terça feira. No ano de 2024, o dia 13 caiu numa segunda feira, de maneira que, diferentemente dos anos anteriores, a festa pública teve início neste dia e o *xirê* foi tocado na segunda feira, na quarta e no sábado. No ano de 2025, o 13 de maio cairá numa terça feira, portanto este será o primeiro dia de Bembé. Provavelmente será tocado na terça (abertura, dia de Ogum), na quarta (dia de Xangô, patrono da festa) e no sábado (dia das Iabás e da recepção do presente). Se o dia 13 de maio cai entre a quinta feira e o domingo, então inicia-se o Bembé na quarta-feira, dia de Xangô.

Esta lógica, dos quatro dias de cerimônias no Largo do Mercado e Praia de Itapema, nos faz lembrar a semana iorubá de quatro dias, registrada por Roger Bastide e Pierre Verger, quando ambos percorreram mercados de diversas cidades da região nagô do Baixo Daomé no ano de 1958. A rapidez da semana de quatro dias obrigava os mercadores a se conectar em redes, de maneira que conseguissem acessar e fazer chegar as mercadorias nos respectivos mercados, que poderiam funcionar diariamente, ou num determinado dia da semana, por cada cidade. Assim os pesquisadores descreveram os dias da semana iorubá:

“Ojo Awo, dia do segredo, isto é, de Fá e Exu,
Ojo Ogum, dia de Ogum, deus do ferro,
Ojo Jakuta, dia de Xangô, deus do raio,
Ojo Obatala, dia de Obatalá, deus do céu.” (Bastide; Verger, 2019, p. 172)

A Feira Livre de Santo Amaro é um grande ebó em constante movimento, lugar de trocas e muita sociabilidade, que acontece nas ruas e largos que envolvem o prédio do Mercado Municipal, no Centro da cidade. Originalmente acontecia nos dias de segunda feira, obedecendo a uma lógica de rede que envolvia outras cidades do Recôncavo, a exemplo do que acontecia nas cidades africanas visitadas por Pierre Verger e Roger Bastide. Assim, em Santo Amaro era na segunda-feira, em Cachoeira era no sábado, etc. Com o passar do tempo, a Feira Livre de Santo Amaro, consolidou-se como uma importante atividade comercial, na geração de emprego e renda para a população santamarense, passando a funcionar nos dias de sábado, até que nas últimas décadas tornou-se perene, acontecendo todos os dias da semana, exceto aos domingos e feriados.

Desde que o Bembé passou a ser tocado no Largo do Mercado, em todos os anos, os feirantes que ali têm os seus pontos comerciais fixados, são obrigados pelos fiscais da Prefeitura Municipal a se deslocarem para lugares pré-determinados. Outros feirantes são espremidos entre o fundo das barracas e as fachadas dos imóveis das ruas que circundam o Largo do Mercado (Imagens 40 e 41). Após esta liberação da área, que acontece alguns dias antes do início da festa, é que a estrutura e decoração do barracão passam a ser montadas, assim como as barracas de apoio. É uma relação que cria alguns ruídos, porque este ou aquele feirante se vê prejudicado no translado do seu ponto comercial, mas que acontece com certa naturalidade, é uma situação esperada sempre que chega o mês de maio.



Imagens 40 e 41. Impacto da montagem das barracas na Feira Livre. Ano de 2024. Arquivos do autor.

Um outro aspecto de extrema relevância que evidencia as relações da Festa do Bembé com a cidade de Santo Amaro, e que envolve diretamente as comunidades do conjunto de terreiros, é a dinâmica econômica que as práticas dos cultos e rituais imprimem no comércio santamarense. Como os terreiros estão em função durante todo o ano, não apenas durante o Bembé, e as relações de apoio e economia solidária são ativas nestas *egbés*, a circulação e a comercialização de bens e serviços na economia local, são bastante relevantes (Jesus, 2021).

A consagração do Barracão do Bembé e a Alvorada

Na madrugada do primeiro dia do Bembé, é feita a cerimônia de consagração do Barracão no Largo do Mercado, em homenagem a Xangô, orixá de cabeça de João de Obá, fundador do Bembé do Mercado. Consiste em rituais que irão sacralizar o espaço profano do Largo do Mercado, referenciando-o como um centro do mundo para as *egbés* do Bembé, um

portal de ligação entre o *orun* e o *aiyê*. No momento em que se planta o Axé no solo, os filhos e filhas de santo, junto ao Babalorixá, formam um círculo em volta do pilar, barrando a visão dos curiosos e selando aquele espaço realimentado, sacralizado (Imagem 43). No terreiro *Oju Onirê*, do Babalorixá Pai Pote, acontecem muitos dos rituais privados do Bembé. Mas é aquele Barracão, erguido no centro do Largo do Mercado, que representa simbolicamente o terreiro de candomblé da grande *egbé* Bembé do Mercado. Ali, todos os terreiros estarão presentes, física ou espiritualmente, tocando e dançando o *xirê*, será feita a recepção dos presentes para Iemanjá e Oxum, e as oferendas para Exu e os orixás homenageados nos dias que seguem a festa (Xangô na quarta-feira; Oxóssi na quinta; Oxalá na sexta e as Iabás no sábado). O Axé do Bembé cria espaço, consagra o território.

No ano de 2023, esse ritual aconteceu por volta das 18 horas, devido a um momento em que havia obras de requalificação do Largo do Mercado. O largo estava ainda envolvido por tapumes, mas permitiu que os trabalhadores da obra civil ali presentes pudessem assistir ao ritual, eu detalho este fato no capítulo seguinte. Geralmente este ritual é feito durante a madrugada do primeiro dia de *xirê*, evitando-se assim a presença de curiosos.

O ritual de consagração consiste em erguer o pilar que sustenta simbolicamente a cumeeira do Barracão do Bembé, o *ixé*⁶⁹. Existe no chão do Largo do Mercado, um fundamento, plantado há muitos anos, e que é atualizado a cada edição da festa, conhecido como “o Axé que nunca dorme”. Através da consulta dos búzios, o Babalorixá saberá quais oferendas deverão alimentar o Axé do Barracão do Mercado. Os filhos de santo posicionam-se envolta da cumeeira, fazem orações e alimentam o chão do Barracão com o Axé das oferendas (Imagens 42 e 43). Erguida a cumeeira, arruma-se em seu topo a ferramenta de Xangô, junto com uma quartinha d’água. Pude presenciar tal cerimônia no ano de 2023, a força da sacralização de um espaço em meio a um largo de praça pública.

Em seguida, o babalorixá, acompanhado de alguns filhos de santo e de outros babalorixás, quem estiver presente, faz o ritual de despacho a Exu, nas ruas que envolvem o Mercado, caminhando no sentido anti-horário, como é feito no *xirê*, dando uma volta completa no Largo do Mercado (ver esquema de fluxo dos rituais no **Mapa 10**). Neste ebó, fluxo de Axé que energiza todo o Mercado, eles caminham segurando tachos com farofas e quartinhas com água, oferendas que são espalhadas pelas ruas, entoando cantigas e pedidos a Exu, para que a festa transcorra em paz, pedindo proteção a todos aqueles que se deslocarão para o Bembé, que possam chegar e sair com saúde e em segurança.

⁶⁹ O termo *ixé* é utilizado por Ana Rita Machado para designar o pilar central que une o *orun* ao mundo físico (Machado, 2009, p. 59). Juana Elbein utiliza o termo *Ópó-òrun-oún-Àiyé* (Santos, 2012, p. 65).

Na manhã seguinte, nesse mesmo Barracão, já sagrado, por volta das 6 horas da manhã, tem início a Alvorada, cerimônia que marca oficialmente o início dos festejos públicos do Bembé. Todos os presentes se vestem de branco, roupas simples, de ração, como se diz daquelas roupas utilizadas no dia a dia de um Terreiro de Candomblé. Novamente é feito o despacho a Exu nas ruas do entorno do Largo do Mercado, a exemplo da noite (ou madrugada) anterior. Em seguida, os ogás tocam para os orixás. Após o término do *xirê*, os presentes, em conjunto, e liderados pelo Babalorixá, empunham um mastro com uma bandeira branca, com a escrita “13 de Maio”, circulam com ele pelo Largo do Mercado, levantando-o e fixando-o numa das suas bordas. Fogos de artifício pipocam nos ares, anunciando para toda a cidade que mais uma edição do Bembé do Mercado foi firmada.



Mapa 10. Esquema de fluxo dos rituais no Largo do Mercado. Fonte: próprio autor.

É no Largo do Mercado que acontecem as apresentações das manifestações culturais afro-brasileiras que acompanham o Bembé desde a sua fundação, a Capoeira e o Maculelê, além do Samba de Roda e do Nego Fugido. Tais manifestações têm grande relação com os terreiros de candomblé, pois muitos dos seus membros são filhos ou filhas de santo. Um exemplo disso, é grupo de samba de roda Samba *Lailá*, formado por meus irmãos e irmãs do *Ilê Axé Iá Odé Lailá*, terreiro onde fui confirmado. É no Largo do Mercado também, onde as atrações musicais se apresentam durante a noite, após os rituais dos *xirês*. As barracas de

bebidas e de comidas, com suas mesas e cadeiras, voltadas para o Largo, recebem grande quantidade dos adeptos do candomblé, turistas e do público em geral.

Os *xirê*s tem início a partir das 20 horas. A exemplo do que acontece num terreiro de Candomblé, é feito um despacho para Exu na entrada do Barracão, dispondo-se oferenda para o mesmo, assim como uma quartinha com água, preparando aquele ambiente para o grande ebó coletivo do *xirê*. Os ogãs posicionam-se e tocam a arramunha⁷⁰, convocando os iniciados para dentro do Barracão, iniciando a sequência de cânticos que, no *xirê* de Ketu, homenageia de Exu a Oxalá. É comum também tocar o candomblé da Nação Angola, ou Jeje, principalmente quando se tem a presença de convidados ou delegações de terreiros pertencentes àquelas nações.

Numa das extremidades do Largo do Mercado, é armado um palco, onde atrações musicais se apresentam após o término do *xirê*. Isso nada tem a ver com a ritualística do Bembé, é uma tradição que foi incorporada ao momento pós festa, uma forma de fazer com que as pessoas permanecessem no lugar, consumindo os produtos vendidos nas barracas, a exemplo do que acontece nas festas de largos vinculadas ao catolicismo brasileiro.



Imagen 42. Utensílios e comidas a serem utilizadas no ritual de consagração do Barracão do Mercado. Ano de 2023. Acervo do autor.

⁷⁰ Arramunha, ou ramunha, ritmo do candomblé Ketu tocado no início e no final dos *xirê*s. No início, é um chamado para os iaôs que estão dispersos no Terreiro, um aviso de que o *xirê* irá começar. Tocado no final, é uma marcação de que o *xirê* chegou ao fim.



Imagen 43. Ritual de consagração do Barracão do Bembé. Ano de 2023. Foto: Daniel Dórea.



Imagens 44 e 45. Ritual de despacho, a Exu. Ano de 2023. Arquivos do autor.



Imagen 46. Ritual de despacho, a Exu. Ano de 2023. Fonte: [@Portalbembedomercado](https://www.portalbembedomercado.com).



Imagen 47. Busto de João de Obá. Maio de 2024, Arquivo do Autor.



Imagen 48. Ciclo de Palestras – Largo do Bembé do Mercado. Maio de 2024, Arquivo do Autor.



Imagen 49. Faixa - Feira de Artesanato. Maio de 2024, Arquivo do Autor.

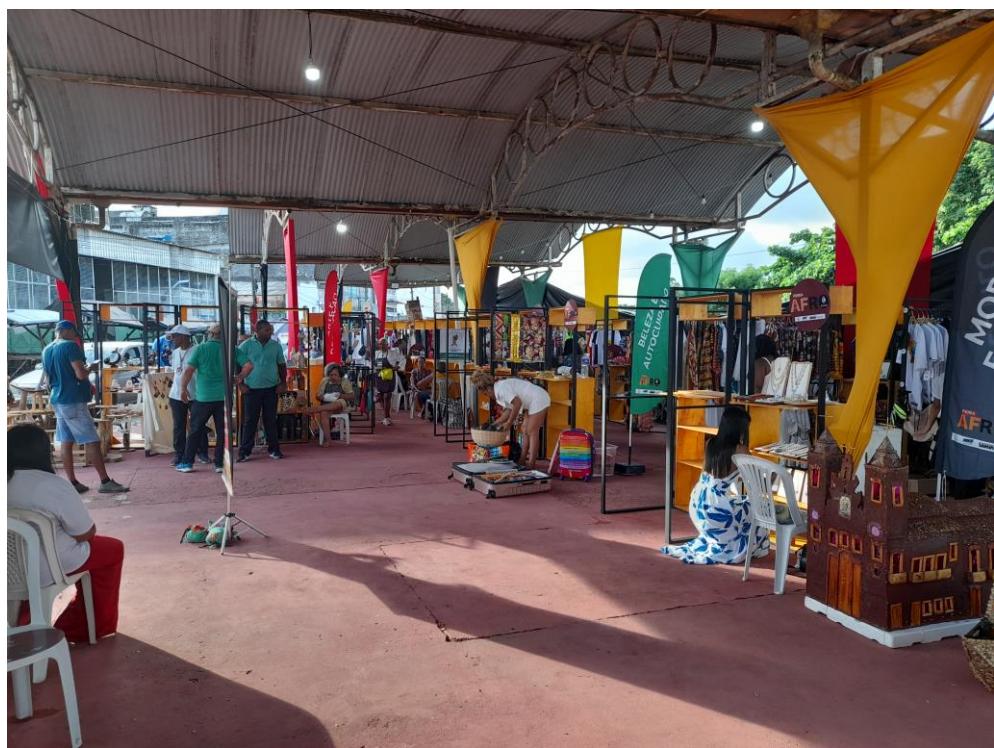


Imagen 50. Feira de Artesanato. Maio de 2024, Arquivo do Autor.



Imagen 51. Largo do Mercado, noite do Bembé. Maio de 2024, Arquivo do Autor.



Imagen 52. Vista do palco, apresentação artística após o *xirê*. Maio de 2024, Arquivo do Autor.

3.3 O Bembé e o Barracão

Quando *Olórun* decidiu criar a terra, chamou *Obàtálà* e o incumbiu de tal tarefa, dando-lhe o *àpò-iwà*, a “bolsa da existência”, além de todas as instruções necessárias para tal mister⁷¹. *Obàtálà* reuniu todos os orixás e partiu, sem perder tempo. De saída, encontrou-se com *Odùa* (ou *Odùduwà*), que lhe disse que só o acompanharia após fazer as suas obrigações rituais. Já no caminho, *Obàtálà* passou por Exu, que o questionou se ele havia feito as oferendas, a quem *Obàtálà* respondeu que não, e seguiu sem mais delongas. Após tamanha desfeita, Exu sentenciou que nada do que ele empreendesse, teria sucesso. E *Obàtálà* seguiu adiante e teve sede. Passou por um rio, mas não parou, ofereceram-lhe leite numa aldeia, entretanto o grande senhor *funfun* desprezou. Mais adiante, deparou-se com uma palmeira e, sem se conter, cravou na árvore o seu cajado ritual, o *òpá-sóró*, e saciou-se da seiva, o vinho da palmeira, até perder as forças, caindo desacordado no meio do caminho.

Enquanto isso, *Odùa* consultou Ifá que a instruiu sobre como fazer as oferendas a Exu; este, agraciado, recolheu uma parte dos sacrifícios e devolveu o restante a *Odùa*. Ela então retornou ao *Babaláwo*, que a orientou fazer um *ebó* aos pés de *Olórun*. Contudo, quando a viu, *Olórun* se aborreceu pois *Odùa* não havia partido com os demais orixás. *Odùa* então explicou que obedecera às ordens de Ifá, ao que *Olórun* aqüiesceu, aceitou as oferendas e, ao depositá-las em seu *Àpérè-odù*, uma grande almofada onde Ele geralmente está sentado, viu, com surpresa, que não havia colocado na bolsa da existência entregue a *Obàtálà*, um pequeno saco contendo terra. Ele, então, entregou a terra a *Odùa*, para que ela desse a *Obàtálà*. Ela partiu e encontrou o grande orixá inanimado sob a palmeira, rodeado pelos demais orixás que não sabiam o que fazer. *Odùa* tentou acordá-lo e, não tendo êxito, recolheu o *àpò-iwà*, a bolsa da existência, e levou-a de volta a *Olórun*. Este, então, decidiu incumbir *Odùa* da criação da terra, cabendo aos orixás auxiliá-la. Exu, Oxóssi, Ogum e Íja conheciam o caminho que levava às águas, onde eles caçavam e pescavam, e guiaram *Odùa* do *orùn* até o local escolhido. Diante do *Opó-òrun-oún-Àiyé*, o pilar que une o *òrun* ao mundo físico, *Odùa* deslizou até o local, por cima das águas, onde deveria criar a terra, espalhando-a com a ajuda de *Eyelé*, a pomba, e das cinco galinhas de cinco dedos em cada pata, que Ifá havia lhe recomendado no *ebó* para Exu. Após a conclusão da obra, *Odùa* foi a primeira entidade a pisar no *aié*, no mundo físico. Em seguida vieram os demais orixás.

⁷¹ *Itan igbà-ndà àiyé* – história mítica sobre a criação do mundo, revelada pelo *odù-Ifá* *Òtúrúpòn-Òwónrín* (Santos, 2012, p. 63-67). *Odù*, é um capítulo mítico que rege o culto de Ifá, o qual é composto por 16 *odù* principais, os quais, combinados ao quadrado, resultam em 256 *odù*. Constituem a base do conhecimento tradicional e espiritual dos sistemas de adivinhação iorubá. Faço aqui um resumo do itan registrado por Juana Elbein dos Santos.

Após acordar, *Obàtálà* viu-se só e sem a bolsa da existência. Desolado, foi ao encontro de *Olórùn*, que, no intuito de apaziguá-lo e visando dar-lhe uma compensação pelo ocorrido, transmitiu-lhe o saber profundo e o poder da criação de todos os tipos de seres que iriam povoar a Terra. *Orunmilá*, que consultava Ifá para *Odùa*, informou-lhe que *Obàtálà* vinha do *òrun* para o *aié*, junto com um séquito de orixás *funfun* (orixá do branco), com a missão de criar os seres vivos, e que ela e todos os orixás deveriam reverenciá-lo como o seu pai. E assim aconteceu, mas viveram em comunidades distintas. Com o tempo, os dois grupos não se entenderam e passaram a se interrogar sobre quem deveria reinar, criando grande desarmonia. Coube a *Orunmilá* fazê-los sentar-se face a face, apontando a importância das tarefas executadas por cada um deles: enquanto *Odùa* havia chegado primeiro e criado a Terra, o poderoso *Obàtálà*, o mais velho, criou todos os seres e criaturas que a habitava, dando-lhes o hálito da vida. Convencidos da importância de cada um, *Odùa* apaziguou-se e *Obàtálà* também se apaziguou.

“Foi assim que ele fez *Odùa* sentar-se à sua esquerda e *Obàtálà* à sua direita e, colocando-se no centro, realizou os sacrifícios prescritos para selar o acordo.

É a partir desse acontecimento que se celebram, anualmente, os sacrifícios e o festival com repasto (*ododún sise*) que reúne os dois grupos que cultuam *Odùduwà* e *Obàtálà*, revivendo e reatualizando a relação harmoniosa entre o poder feminino e o poder masculino, entre o *àiyé* e o *òrun*, que permitirá a sobrevivência do universo e a continuidade da existência nos dois níveis.

As duas metades do *igbá-odù* devem manter-se unidas, *òrun* e *àiyé*, *Odùa* e *Obàtálà*, o feminino e o masculino complementam-se para poder conter os elementos-signos que permitem a procriação e a continuidade da existência”. (Santos, 2012, p. 67-68).

Esta narrativa evidencia a disputa entre os poderes feminino e masculino – um fator constante nos mitos e textos litúrgicos Nagô – pela hegemonia da criação e regência do mundo, mas também os arranjos necessários para a construção de uma convivência harmoniosa. Percebe-se também, a importância das oferendas e da obediência na execução dos rituais, de como Exu influenciou mesmo na obra da criação da terra e da existência dos seres vivos. Na cosmologia Iorubá, essa concertação livra a humanidade do caos, das tragédias, da destruição, proporcionando a continuidade da sua existência.

O Bembé do Mercado vai muito além da comemoração de uma data cívica, parece-me um grande ritual, com forte influência Nagô, que atualiza, realimenta e celebra anualmente a criação do universo. A sacralização do Barracão do Bembé, materializa no centro do Largo do Mercado não apenas um terreiro de candomblé. É uma expressão da territorialização das práticas litúrgicas dos cultos afrobrasileiros nos espaços públicos da cidade de Santo Amaro. O pilar erguido no “centro do mundo”, liga as duas metades da cabaça ritual, o *igbá odù*, que,

dividida em duas, tem em sua parte inferior o *àiyé* (mundo físico), gerida pelo poder feminino, e na parte superior, o *òrun* (mundo espiritual), gerido pelo poder masculino. Em seu interior, no giro anti-horário do *xirê* dos filhos e filhas de santo, gira o procriado, Exu *Iangi*, aquele que, repartido em infinitas partes, potencializa-se dando origem a todas as coisas.

O culto a Iemanjá, Orixá das águas, está ligado ao princípio existencial feminino, dos mistérios da criação e da mente humana, da fertilidade e da abundância de vida. A grande *egbé* em festa, o *xirê* girando em círculo naquele chão sacralizado e fecundado pelo pilar ereto, símbolo de Exu, o fausto dos filhos e filhas de santo em tamanha alegria por mais uma obrigação cumprida, celebra a união entre os dois pólos distintos, entre *Odùa* e *Obàtálà*, as duas metades da cabaça, o *igbá-odù*, os poderes feminino e masculino em harmonia. *Orùn* e *Aiyé* superpõem-se, tendo entre eles o terceiro elemento, o procriado, a esfera que gira no movimento dos filhos e filhas dançando o *xirê*, um grande ebó circular, manancial de fluxo de Axé.

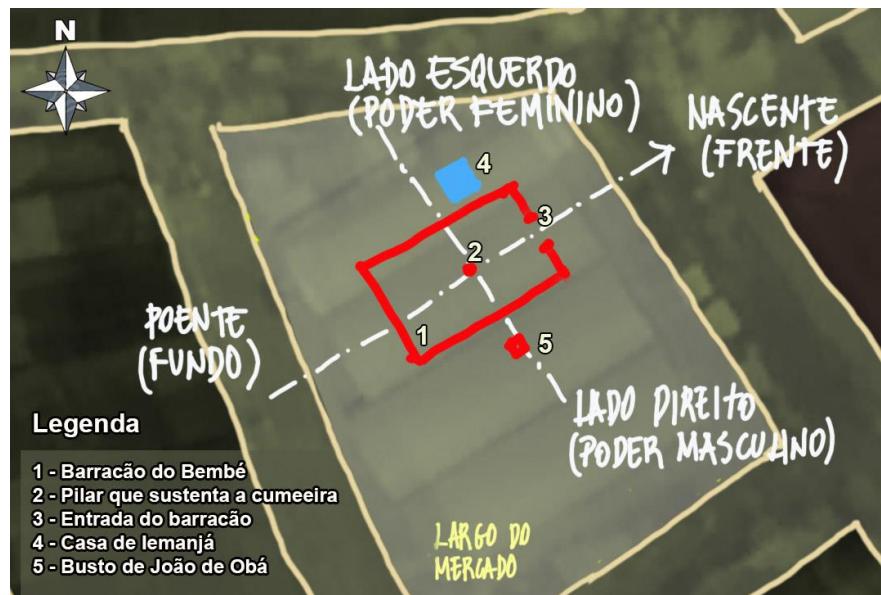
Lembremos que, nos anos em que foi proibido tocar o Bembé na cidade de Santo Amaro, aconteceram tragédias, algumas de grande proporção, como algumas das cheias do Rio Subaé e a explosão das barracas de fogos ao lado do Mercado Municipal. Fazendo uma analogia entre o culto do Bembé e o mito da Criação Iorubá, no momento em que se deixou de tocar o Bembé, aí se aplica o rompimento do acordo selado entre os princípios dos poderes masculino e feminino, criadores do mundo, naquela mitologia. Ao retomar-se a celebração do Bembé, busca-se apaziguar e harmonizar as energias da natureza, os polos da criação do universo e de todos os seres, de maneira a permitir a sobrevivência do universo e a existência nos dois níveis, no *òrun* e no *àiyé*.

O Barracão está localizado quase no centro do Largo do Mercado. Detalharei sua estrutura física no capítulo seguinte. Selecionei o trecho abaixo, da obra de Juana Elbein (Santos, 2012), a respeito da espacialização das práticas rituais dos Nagôs, que traz uma relação interessante com a montagem do Barracão do Bembé:

O Nàgô, ao fazer suas oferendas, apresenta-as em direção a quatro pontos do espaço que representam o universo. Tendo a oferenda na mão, ele estende o braço para a frente, saudando o nascente, o *ìyo-òrùn*; levando seu braço atrás, saúda o poente, o *ìwo-òrùn*; depois, estende o braço para a direita, saudando o lado direito do mundo, o *òtún-àiyé*; e, finalmente, para a esquerda, saudando o lado esquerdo do mundo, o *òsi-àiyé*. (Santos, 2012, p. 73).

O Barracão é erguido com a sua entrada voltada para o Leste, onde nasce o sol, a quem pertence tudo que está acordado, em desenvolvimento, o futuro que, ao cumprir o seu ciclo, passará para trás, para o poente, a Oeste. Coincidemente, na direção poente, tomando-se o

Barracão como referência, situa-se o cemitério da cidade de Santo Amaro. Nesse sentido, para os iorubás, o *ori* (a cabeça), é equiparada à nascente, e o *esè* (os pés), ao poente. É por isso que, no Ilê, deve-se deitar, e dormir, com o *ori* voltado para a frente, para a porta do quarto. Do lado esquerdo do Barracão, historicamente, sempre foi montada a Casa de Iemanjá, representando o poder feminino; e do lado direito, recentemente foi implantado um busto em homenagem a João de Obá, representando o poder masculino (ver o **Mapa 11**). Tais classificações, entre esquerda e direita, não devem ser vistas como oposição, mas sim em complementariedade, equilíbrio de forças, de energias. O Barracão do Bembé poderia ter sido armado com a frente voltada para qualquer um dos lados, a localização da Casa de Iemanjá também poderia estar em outra situação, mas a estrutura de montagem obedece a uma lógica que coaduna com os designios da cosmogonia Nagô.



Mapa 11. Esquema de estruturação do Barracão do Bembé. Fonte: Próprio autor.

A dimensão desta escala do território é de uma grande complexidade. Saímos do macro, de uma escala que abarca o território da cidade, com todas as suas nuances, lugares de culto, encruzilhadas e os mistérios das noites em matas a dentro, para chegarmos ao Largo do Mercado, onde um ponto, um pilar que alimenta e fecunda o chão, refunda uma África inteira em solo brasileiro, atualizando sistemas de cultos, litúrgicos e cosmogônicos. É um micro que se abre numa cabaça de duas partes iguais, o universo que encerra tudo o que foi criado e multiplicado (*Iangi*), dentro dela (da cabaça, o *igbá-odù*). Destarte, o terreiro de candomblé se desterritorializa, em movimento e em rede, num conjunto de terreiros: os rituais que são feitos intra-muros, os fluxos de *axé* gerados e emanados, expandem-se em distintas percepções e

apropriações dos espaços públicos urbanos e da natureza ao seu redor, espacializando-se em diversos sentidos e ganhando a cidade, as ruas, as encruzilhadas, o Mercado, a praia, o mar. No momento em que o chão do Largo do Mercado é sacralizado, toda a cidade também é sacralizada, completa-se o movimento que teve início nas encruzilhadas das cercanias urbanas e projeta-se a religiosidade afrobrasileira para todas as ruas, toda a cidade. Fecha-se um ciclo.

Dentre os rituais que são realizados no interior do Barracão, destaca-se a chegada do amalá, a comida votiva do orixá Xangô, a ser arriada sobre um pilão de madeira, disposto em frente ao pilar da cumeeira. Isso acontece durante o *xirê* da quarta-feira. O amalá é uma comida tradicionalmente preparada com quiabo, cebola, camarão seco, farinha e azeite de dendê. Nesse caso, foram acrescentados bolinhos de arroz, abará, de maneira a agradar qualidades variadas de Xangôs. Além do quê, o resultado estético foi espetacular. Todo o preparo dos alimentos é feito no Terreiro *Oju Oniré*, e de lá encaminhado para o Barracão do Bembé, ou demais locais ritualizados. Chegando no Barracão, em meio ao *xirê*, o amalá passa pelas mãos dos babalorixás e ialorixás presentes, os quais, em sequência, saúdam a entrada do Barracão, a parte posterior, a esquerda e a direita (ver Imagens 53 e 54).



Imagen 53. Ritual do Amalá, de Xangô. Maio de 2024, Arquivo do Autor.



Imagen 54. O Amalá de Xangô, à frente do pilar da cumeeira do Barracão. Maio de 2024, Arquivo do Autor.

O orô do orixá e a chegada dos presentes de Iemanjá e Oxum

O ritual do *orô*, para os orixás Iemanjá e Oxum, é realizado pelo Babalorixá e ocorre de forma privada no *Oju Oniré*, à exceção do Padê de Exu, que é feito na entrada do Barracão do Bembé, no Largo do Mercado⁷². Tudo isto acontece no sábado, ao longo do dia. As oferendas obedecem a preceitos específicos da liturgia e do significado de cada orixá, que envolve a escolha e a maceração das folhas e ervas, o cozimento dos grãos que irão compor o ebó dos presentes, a limpeza do quarto do santo, dos *pejis* e dos assentamentos (*igbá*), que irão comer no *orô*, cobrindo-se com panos brancos todos aqueles que não participarão diretamente dos rituais, além dos cânticos entoados durante os sacrifícios votivos dos animais e a sua disposição aos pés dos orixás. A montagem dos presentes também é feita no *Oju Oniré* e conta com a participação dos iniciados que tomam parte do ritual.

Nas cerimônias públicas, no Barracão do Largo do Mercado, não acontece a incorporação dos Orixás, o transe. Mas nas cerimônias privadas, internas no terreiro, no *orô*,

⁷² No ritual do *orô*, é feito um Padê para Exu na porta da entrada dos terreiros de candomblé.

nos *xirês* que sucedem tais rituais privados, os Orixás descem à terra e compartilham dos momentos litúrgicos com o Babalorixá, abiãs e os seus filhos de santo.

Concluso o ritual do *orô* e a montagem do presente, os filhos e filhas de santo seguem para o Barracão, no Largo do Mercado, onde realizam o Padê de Exu, com sacrifícios votivos e rituais específicos, na entrada do Barracão do Bembé. Em seguida, todos retornam para o *Oju Onirê*, onde, sob a condução do Babalorixá, os ogãs tocam para os orixás. Finalizada essa etapa das cerimônias litúrgicas do Bembé do Mercado, aguarda-se então a noite do xirê, no Barracão do Bembé, no Largo do Mercado.

No Barracão do Bembé, na noite do sábado, é colocado um barco em miniatura à frente do pilar da cumeeira, enfeitado com adereços e bonecas, onde se dispõe também uma imagem de Iemanjá, numa clara referência ao Orixá e aos pescadores, cofundadores do Bembé do Mercado. São postas também duas mesas, lado a lado, entre o pilar da cumeeira e o barco, que servirão de suporte para os balaios dos presentes. É uma noite de homenagens, os convidados adentram o espaço do barracão, rufam-se os atabaques e são ditos discursos de agradecimentos, são entregues placas e lembranças aos homenageados, é um momento político da festa.



Imagen 55. Chegada dos presentes ao Largo do Mercado, sábado à noite. Maio de 2024. Arquivo do Autor.

Por volta das 21 horas, fogos de artifício anunciam a chegada dos presentes ao Largo do Mercado, trazidos pelo povo de santo num caminhão aberto. As pessoas se aglomeram, deixando um corredor para que aqueles que empunham os balaios dos presentes possam entrar no Barracão do Bembé, aos gritos de saudação a Iemanjá e Oxum, ao que se roda três vezes

em torno do pilar da cumeeira, no sentido anti-horário, e depois deposita-se os presentes sobre as mesas. É o ápice da celebração religiosa no Barracão, momento de grande alegria e comoção. Em seguida, tem o início o *xirê* do Bembé, este bastante concorrido, com o afluxo de muitos visitantes, visto que é a noite da chegada dos presentes, dia anterior à sua entrega na Praia de Itapema. Ao seu final, os presentes permanecem no Barracão, sendo retirados apenas na manhã seguinte, quando serão levados para a Praia de Itapema.



Imagen 56. As pessoas aguardando os presentes adentrarem no Barracão do Bembé. Maio de 2024. Arquivo do Autor.



Imagen 57. Presente de Iemanjá sendo carregado em direção ao Barracão do Bembé. Maio de 2024, Arquivo do Autor.



Imagen 58. Presente de Oxum sendo carregado em direção ao Barracão do Bembé. Maio de 2024, Arquivo do Autor.

3.4 O Bembé e a Praia de Itapema

E assim que os sacerdotes vão embora, exatamente como na Bahia, na festa do Rio Vermelho, a multidão se precipita para dentro do rio para molhar os pés, lavar as pernas, borifar o rosto, beber nas mãos em concha a água que torna as mulheres fecundas. Colocam-na em garrafas para aqueles que não puderam ir. Mães que carregam seus bebês nas costas viram-nos para poder colocar em seus lábios algumas gotas da água de Oxum. E eu fecho os olhos e vejo lá bem longe, na praia de Iemanjá, negros que dançam na espuma do mar, brancos tirando os sapatos para molhar os pés nas ondas, e mulheres colocando também em garrafas, para um velho, um inválido, um doente, a água que cura e dá esperança. (Bastide; Verger, 2019 p. 107).

O Bembé é uma festa das águas. A água que fecunda, que faz germinar quando cai sobre a terra, a água que é o elemento que envolve Iemanjá e Oxum. Originalmente, os detentores da celebração do Bembé desciam o Rio Subaé de canoa, depositando o presente numa localidade próxima de São Bento das Lajes, em São Francisco do Conde, antes do encontro do rio com o mar da Baía de Todos os Santos. Contudo, já faz algum tempo que o presente é entregue na Praia de Itapema, distante 16 quilômetros da cidade de Santo Amaro.

Na manhã do domingo, após os rituais de despacho a Exu no Largo do Mercado e na entrada do barracão, toca-se pela última vez o *xirê*, energizando-se aquele espaço sagrado e

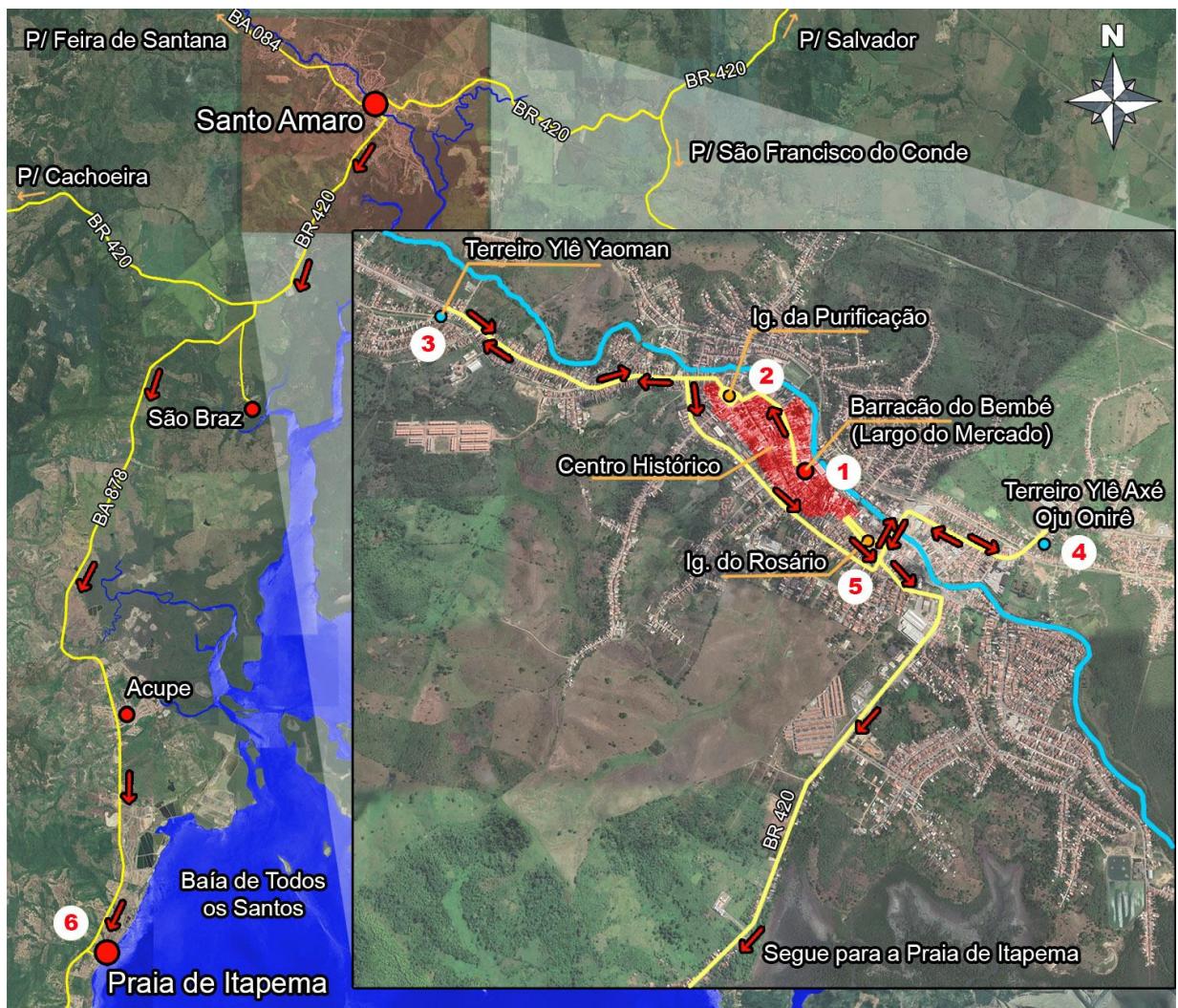
saudando os Orixás. Em seguida, serve-se um repasto a todos os presentes, o *ajeun*, ali mesmo, no Largo do Bembé (foto 58a). Este é um ritual de confraternização que sempre sucede os *xirê*s nas festas dos terreiros de Candomblé, Brasil afora, quando todos os presentes no *Ilê*, degustam as refeições preparadas de acordo com as características dos Orixás homenageados (no caso do Bembé, Iemanjá e Oxum). O Axé da comida oferecida aos Orixás é repartido socialmente entre os membros dos terreiros, convidados e curiosos, onde comem todos, seja aquele desassistido com fome, ou aqueles em busca de cura, de bençãos ou do conforto da confraternização entre irmãos. Alimenta-se o corpo e a alma.



Imagen 58a. *Ajeun*, a refeição servida aos presentes, após a realização do *xirê*, antes da saída dos presentes para a Praia de Itapema. Maio de 2025, arquivo do autor.

Enfim, é chegado o momento de retirar os presentes do Barracão e levá-los, em carro aberto, para a Praia de Itapema. O horário da saída do cortejo é definido de acordo com a tábua de maré, de forma que ela deve estar cheia quando da chegada dos presentes em Itapema. O **Mapa 12** traz uma cartografia do percurso dos presentes dos Orixás, descrevendo os principais pontos da cidade de Santo Amaro que são reverenciados, antigos terreiros e casas de populares que foram importantes para a celebração do Bembé, além de instituições como a Igreja Matriz da Purificação, onde o cortejo dá três voltas ao redor da igreja. Membros dos terreiros seguem em caminhão aberto, acompanhando os presentes para os orixás, e fazendo coro aos cânticos rituais puxados pelos ogás, que tocam os diversos ritmos do

candomblé, enquanto um cortejo de veículos segue a comitiva até a Praia de Itapema. Lá, uma grande quantidade de pessoas, entre iniciados no candomblé, turistas e simpatizantes, aguarda a chegada da comitiva. Considero esta última etapa do Bembé, como uma dimensão expandida da festa, quando a celebração extrapola os territórios da cidade, percorrendo-a, é o Axé que anda, movimenta-se, flui na direção do mar.



Mapa 12. Percurso dos presentes para Iemanjá e Oxum: 1) saída do presente do Barracão no Largo do Mercado; 2) circula 3 vezes a Igreja da Purificação; 3) vai até o Terreiro *Ylê Yaoman* (Terreiro referência para o Bembé, de Mãe Lídia); 4) vai até o Terreiro *Ylê Axé Oju Onirê* (onde os rituais privados são realizados); 5) passa pela Igreja do Rosário (antiga Ordem de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos); 6) entrega do presente na Praia de Itapema. Fonte: próprio Autor, montagem a partir de imagem do Google Earth.

Itapema é um antigo vilarejo de pescadores bastante pacato, situado na margem da Baía de Todos os Santos, a cerca de 16 quilômetros do Centro da cidade de Santo Amaro, cercado por faixas de manguezais, riachos e que apresenta mar calmo (Imagem 59). A partir da década de 1960, passou a ser um local de veraneio para moradores de Santo Amaro e municípios vizinhos. É uma praia que frequento desde a minha primeira infância, indo às

casas de amigos da família ou simplesmente de passagem. A Praia de Itapema é um local bastante utilizado para diversos rituais do Candomblé ao longo do ano, não se resume à entrega dos presentes do Bembé do Mercado. Nas obrigações que são feitas nos terreiros, muitos dos presentes que resultam dos rituais são entregues em Itapema, outros no Rio Paraguassu, na cidade de Cachoeira. Na minha confirmação do cargo de ogã, fui levado até Itapema para fazer um ebó de praia, um dos rituais preparatórios daquele processo de iniciação, num final de tarde, já escurecendo, a praia totalmente deserta. Já enquanto ogã, pude acompanhar e ajudar algumas vezes na realização de rituais semelhantes, no mesmo local, de outros irmãos e irmãs de santo.



Imagen 59. Vista de um trecho da Orla da Praia de Itapema, num dia qualquer, Arquivo do Autor.

A festa do Bembé causa um grande impacto na Praia de Itapema, devido à afluência de pessoas que para lá se dirigem. Recentemente a Prefeitura Municipal de Santo Amaro realizou obras de urbanização da orla e do largo que se abre no centro do vilarejo, de frente para a praia, o que promoveu maior afluxo de frequentadores para aquele local, além de melhor infraestrutura para recebê-los. Durante a entrega do presente na Festa do Bembé, o espaço é tomado pela grande quantidade de pessoas que tem se deslocado nos últimos anos. Isto é evidenciado pelo número de veículos que estacionam onde é possível, inclusive ao longo da rodovia que dá acesso ao vilarejo, conforme se vê nas Imagens 59a e 59b.

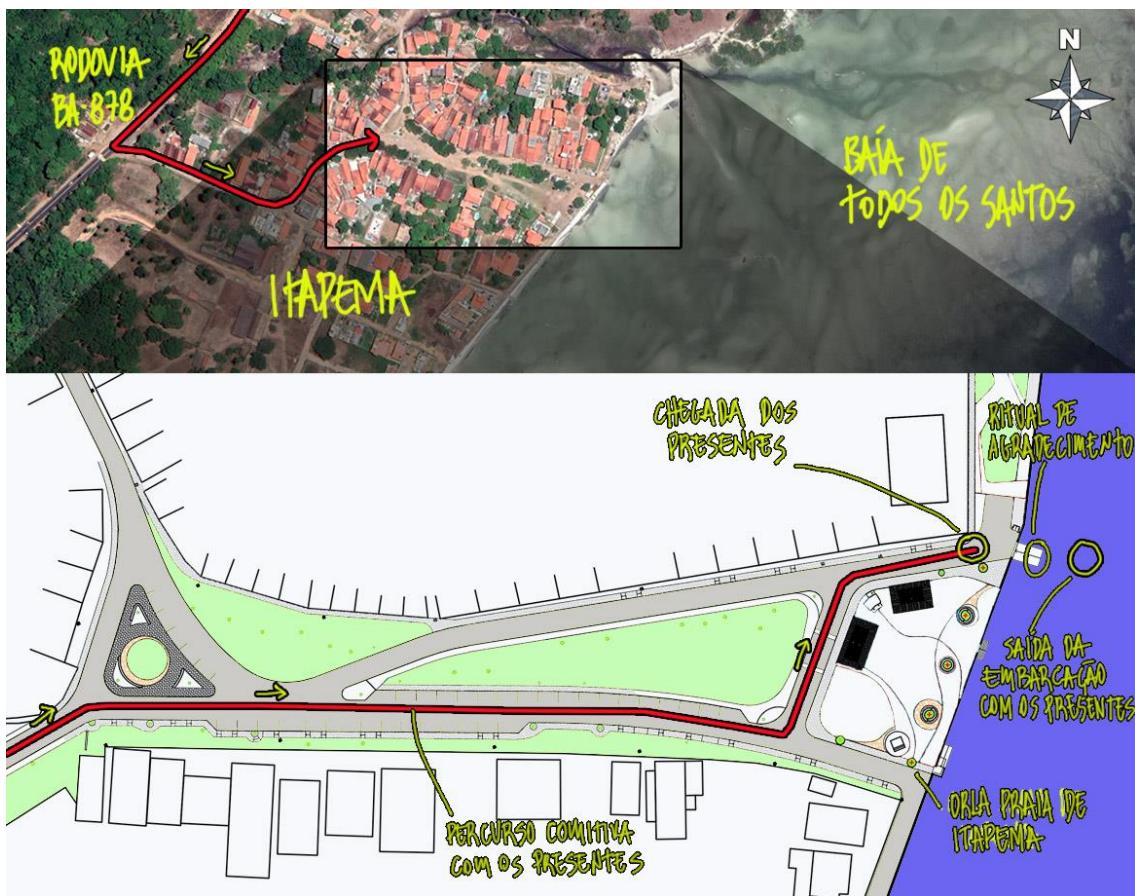


Imagen 59a e 59b. Estacionamento de veículos na faixa central do vilarejo de Itapema (59a) e ao longo da Rodovia BA 878 (59b). Acervo do Autor, 2024.

Com a chegada da comitiva, o caminhão para numa via de acesso, próximo à praia (ver o **Mapa 13**, a conclusão do percurso iniciado no Mapa 12, numa escala ampliada); os ogãs, então, carregam os dois balaios contendo os presentes e se posicionam em frente à rampa que dá acesso à faixa de areia da praia, aguardando as ordens do Babalorixá. Este, lidera os últimos rituais e cânticos em louvor a Iemanjá – um pouco distante dali vejo uma iaô entrar em transe – para em seguida ordenar aos ogãs o transporte dos presentes para o barco que se mantem fundeado uns dez metros à frente, maré alta, água do mar batendo no cais de proteção da orla. Candomblecistas e simpatizantes entram no mar para tocar pela última vez nos presentes, acompanhados de muitos fotógrafos que buscam o melhor ângulo para registrar aquele momento solene. Outros tentam subir no barco para acompanhar a navegação, mas se aborrecem após serem barrados pelos ogãs responsáveis pela condução desta última etapa da celebração religiosa. O Babalorixá intervém reforçando a autoridade dos ogãs, de maneira que prevalece o bom senso e o respeito.

O barco parte sob muitos aplausos e gritos de saudação a Iemanjá e Oxum. Mais um ciclo do Bembé do Mercado chega ao fim, as obrigações foram cumpridas com êxito e o compromisso com as ancestralidades foi mais uma vez reforçado. Louvores em agradecimento à Rainha das Águas salgadas são entoados, pedindo para que a Orixá aceite as oferendas e permita que mais um ciclo de saúde, paz, harmonia, segurança, fartura e prosperidade se inicie.

Odoyá! Salve a Rainha das Águas!



Mapa 13. Chegada dos presentes – Praia de Itapema. Fonte: Próprio Autor.



Imagen 60. Orla da Praia de Itapema. Populares aguardando a chegada do presente. Maio de 2024, Acervo do Autor.



Imagen 61. Chegada dos presentes na Praia de Itapema. Acervo do autor, 2024.



Imagen 62. Embarque dos presentes. Maio de 2024, Acervo do Autor.



Imagen 63. Entrega do presente - vista geral da Orla da Praia de Itapema, a partir do mar. Maio de 2024. Acervo do Autor.



Imagen 64. Embarque dos presentes. Maio de 2024, Acervo do Autor.



Imagen 65. Ritual de agradecimento às águas – Praia de Itapema. Maio de 2024, Acervo do Autor.

5. INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO: Requalificação Urbana do Largo do Bembé do Mercado

O fato de atuar como servidor público da Prefeitura Municipal de Santo Amaro, na SEINFRA (Secretaria Municipal de Infraestrutura e Desenvolvimento Urbano), exercendo a função de arquiteto e urbanista, possibilitou-me participar da discussão e elaboração dos projetos arquitetônicos e urbanísticos de requalificação do Largo do Bembé do Mercado e da urbanização da orla da Praia de Itapema. Posteriormente, como autor dos projetos, pude acompanhar a execução de ambas as obras, até a sua conclusão e entrega à população santamarense e visitantes. Ambos processos sofreram influência de diversas variáveis, desde o aperto dos prazos de execução até a contingência de recursos financeiros, comuns à administração pública, as quais tento trazer no breve relato que segue adiante.

Aqui, busco fazer um relato da minha experiência desde o processo de elaboração do projeto arquitetônico de Requalificação do Largo do Bembé do Mercado, até a execução final da obra. Sobre o projeto e obra de urbanização da Praia de Itapema, tratei de forma superficial no capítulo anterior. Tratam-se de duas obras de grande importância para o município de Santo Amaro, para sua população, visitantes e para a festa do Bembé do Mercado, pois valorizaram e deram visibilidade aos espaços públicos onde acontece tal celebração religiosa.

Exercendo nosso papel de cidadão, sendo um homem do Candomblé e pesquisador dos temas etnoraciais em arquitetura e urbanismo, pude dialogar com gestores do poder público, sugerindo e influenciando na tomada de decisões a respeito da ocupação e intervenção em espaços públicos de grande apelo cultural, turístico, paisagístico e de amplo uso da população. Destarte, busquei valorizar e trazer à tona aspectos da ancestralidade afrobrasileira, reforçando o vínculo do espaço público construído com as manifestações culturais e religiosas que ali se fincaram.

5.1 – Cenário e conjuntura institucional

A última grande intervenção que aconteceu no Mercado Municipal de Santo Amaro, deu-se entre os anos de 2006 e 2007. Além da reforma da edificação, que alterou o seu layout interno e modificou a estrutura do telhado, a intervenção reestruturou todo o seu entorno, composto de três largos e da Avenida Getúlio Vargas. A obra esteve a cargo da CONDER (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia), órgão do Governo do Estado da Bahia, inclusive a elaboração do projeto arquitetônico, tendo sido orçada em R\$

1.046.648,71 (valor referente ao ano de 2006). Não tive acesso ao valor licitado, nem àquele que foi definitivamente apurado ao fim dos serviços.

O telhado do prédio do Mercado Municipal era composto por estrutura de madeira de lei, recoberta com telhas cerâmicas, mas que estavam deterioradas devido ao tempo de uso e à falta de manutenção (Imagem 66). Tal estrutura remontava à época da construção do prédio, datada do final da década de 1930. No projeto da CONDER, toda a cobertura do prédio foi removida, de maneira que não foi reaproveitada no local, sendo substituída por uma estrutura metálica recoberta com telhas de zinco. É curioso notar que, tal intervenção, feita no início do século XXI, retoma um problema que existiu no final do século XIX. O antigo mercado Cerqueira Passos, inaugurado em 1890 e demolido na década de 1930, foi subutilizado e muito criticado pela população santamarense justamente por causa do material utilizado em sua construção e da cobertura em estrutura metálica, que causavam grande desconforto térmico no interior da edificação. O resultado é que, atualmente, o prédio do Mercado Municipal é, novamente, um grande forno entre as manhãs e tardes dos dias ensolarados.



Imagem 66. Fotografia do interior do Mercado Municipal, estrutura de cobertura antiga, onde é possível ver parte do telhado com a estrutura de madeira (tesouras) e a cobertura em telhas cerâmicas. O texto sobre a imagem (“Mercado Municipal atual - Interior”) refere-se ao Trabalho Final de Graduação, do curso de Arquitetura, feito pelo autor na época em que a fotografia foi feita. Arquivo do autor, ano de 2001.

Nesta obra da CONDER, foram construídas coberturas nos três largos que envolvem o prédio do Mercado. O material utilizado e o seu padrão estético, foram os mesmos utilizados na nova cobertura instalado no Mercado, mas neste caso, com todo o vão aberto, estando as estruturas em vigas metálicas arqueadas apoiadas sobre pilares metálicos, em forma de perfis

bastante esbeltos, fincados em pilares de concreto armado, sacados do solo sobre a fundação. No largo do lado esquerdo do Mercado, havia duas construções de menor porte, situadas de costas para o Rio Subaé, onde se comercializavam peixe e miúdos de bovinos e suínos. Ambas foram demolidas para dar lugar à estrutura que cobriu aquele largo, de maneira que, sob tal cobertura, foram abrigados os comerciantes daquelas especiarias. Do lado direito do Mercado, construiu-se outra estrutura metálica, numa nesga de largo que se afunila, situado entre o Rio Subaé e a Avenida Getúlio Vargas, abrigando os comerciantes de carne de seca e outros itens de consumo. À frente do Mercado, naquela antiga quadra que teve suas edificações demolidas, transformada num largo e que passou a abrigar a festa do Bembé, a terceira estrutura foi construída, com materiais e formas idênticas às demais. Em todos os três largos, o piso utilizado foi o de concreto desempolado.

No ano de 2013, foi aprovada, no âmbito do PAC – Cidades Históricas (Programa de Aceleração do Crescimento)⁷³, do Governo Dilma Rousseff (PT), a contratação de projeto arquitetônico e urbanístico de “Restauração do Mercado e Requalificação da Feira – Bembé do Mercado”. O IPHAN esteve à frente das contratações e execuções das obras do PAC Cidades Históricas. O vencedor da licitação do referido projeto foi o escritório DOMO, Arquitetura, Engenharia e Projetos Culturais Ltda., sediado na cidade de Salvador/BA. A cidade de Santo Amaro foi contemplada também, dentro do PAC Cidades Históricas - IPHAN, com os projetos de restauração de mais cinco edificações de relevante interesse histórico, artístico ou cultural: Igreja Matriz da Purificação, Igreja de Nossa Senhora do Amparo, Casa de Câmara e Cadeia, sobrado do Arquivo Público e a antiga siderúrgica Tarzan (nesta, seria previsto a construção do futuro Campus da UFRB). Destas cinco edificações, a siderúrgica Tarzan foi a única a não ter as obras executadas.

A área do Mercado Municipal e Feira Livre é um local da cidade onde o conjunto arquitetônico foi totalmente descaracterizado, conforme é possível ver comparando-se as Imagens 66a e 66b. Apenas um dos antigos sobrados se mantém de pé, ainda conservado, situado na esquina da rua Professor Campos Silva com a Avenida Presidente Vargas, no Largo do Bembé e de frente para o Mercado Municipal. Resta ainda a Igreja dos Humildes, que é um bem tombado a nível estadual (IPAC) e uns casebres que a acompanha; e a ambiência peculiar da orla do Rio Subaé, que é subutilizada e maltratada, tanto pelos usuários,

⁷³ O PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), é um programa do Governo Federal brasileiro que engloba investimentos em infraestrutura, saneamento, habitação, energia, entre outras áreas. Criado em 2007 no Governo Lula (PT), teve uma segunda versão implementada em 2011, já no governo Dilma Rousseff (PT), o PAC 2. No ano de 2013, dentro deste programa, foi criada uma linha de investimentos voltada para o financiamento de obras de preservação, direcionadas exclusivamente para os sítios históricos e monumentos tombados pelo IPHAN.

quanto pelo poder público. O fato do Bembé estar radicado naquela área há mais de um século, certamente justificou a atenção do IPHAN, tanto que os objetos das intervenções no contrato do PAC, são o Mercado e a Feira Livre, mas o objetivo da obra traz a reboque o nome da festa. Ela meio que legitima a intervenção do órgão do patrimônio e de um programa federal voltado sítios e monumentos tombados pelo IPHAN, visto que o prédio do Mercado Municipal não é tombado pelos órgãos de preservação do patrimônio, seja a nível municipal, estadual ou federal.



Imagen 66a. Avenida Presidente Vargas e o cais do Rio Subaé, meados do século XX (data e autor desconhecidos). **Imagen 66b** Avenida Presidente Vargas, dias atuais (2019, acervo do Autor). As fotografias não foram tiradas a partir do mesmo local, mas servem para exemplificar dois momentos bem distintos e a desconfiguração do conjunto arquitetônico.

Tal apagamento da áurea colonial e histórica, na arquitetura, empobreceu aquela ambiência urbana e paisagística. Aquele padrão típico das cidades históricas brasileiras foi perdido, com sobrados geminados, de várias portas e janelas sobrepostas, eivadas de elementos decorativos. Mesmo os sobrados menos sofisticados, as construções mais austeras, quase nada sobrou. Se tivesse sido preservado em alguma medida, aquele conjunto arquitetônico hoje poderia ser um “brinco” da cidade de Santo Amaro, aliado às potências da orla do Rio Subaé, da Feira Livre, da Festa do Bembé e de todas as possibilidades que existem em termos de usos e de novas intervenções artísticas, culturais, arquitetônicas e/ou urbanísticas. Porém, tal “memoricídio” não eliminou a dinâmica das vivências experimentadas naqueles espaços. A história da cidade continuou o seu curso e, neste sentido, a região do Mercado e Feira Livre é essencial para Santo Amaro, inclusive com a destruição do seu patrimônio construído, numa autofagia imparável, perversa e insana que, como num palimpsesto, produziu e continua produzindo novas memórias, apoiadas sobre uma cidade construída a partir de padrões estéticos bastante questionáveis.

Em 2016, ano de entrega dos projetos do Mercado e Feira Livre ao IPHAN, pelo escritório DOMO, estimou-se o custo total de R\$ 30.327.770,36, para duas etapas da obra⁷⁴. Previu-se a construção de um mercado vertical com três pavimentos (1^a etapa), para onde seria relocada uma grande parte dos feirantes, acomodados em boxes, liberando a orla do Rio Subaé que seria urbanizada desde o Convento dos Humildes até a ponte da Moringa, com a implantação de calçadões com ciclovias, áreas de convívios (2^a etapa). Ademais, não se tratava de uma restauração do Mercado, como noticiava o IPHAN, mas da ampliação do prédio existente e modificação total da sua estrutura interna, preservando-se as fachadas (ver as Imagens 67 e 68). A imagem gerada na época e estampada no convite de apresentação do festejado empreendimento, trazia as fachadas com o que aparenta ser painéis de vidro.



Imagen 67. Convite de Audiência Pública, para apresentação do projeto de restauro do Mercado Municipal de Santo Amaro, contratado pelo IPHAN. Fonte: Prefeitura Municipal de Santo Amaro, 2014.

Tive acesso à imagem final da proposta apresentada pelo escritório DOMO, com as fachadas do último pavimento definidas e materiais especificados, mas não a obtive para inserir neste trabalho. Posso dizer que não foi o fechamento em vidro, conforme subentende-se a partir da Imagem 67. Eles propuseram uma solução que trazia chapas perfuradas, de cores distintas, dando um aspecto de um mosaico colorido, de maneira que tal fechamento permitisse a ventilação cruzada no interior do prédio.

⁷⁴ Tal projeto é de propriedade do IPHAN, tendo sido cedido à Prefeitura Municipal de Santo Amaro, a partir da qual, enquanto servidor público, tive acesso a tais informações.

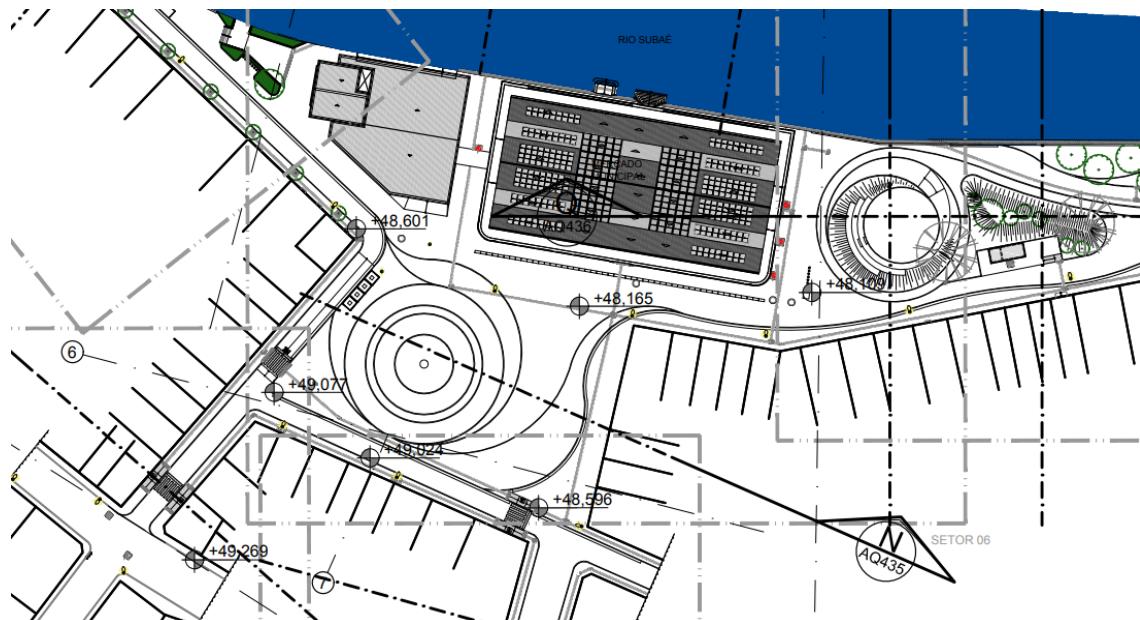


Imagen 68. Trecho da Planta geral de Consolidação do Projeto de Requalificação da Feira Livre e Bembé do Mercado, contratado pelo IPHAN, elaborado pelo escritório DOMO. No centro, está o Largo do Mercado. Acima, no centro, o edifício do Mercado Municipal (em azul, o Rio Subaé); à esquerda do Mercado principal, o anexo Mercado de Carne e de Peixes; à direita do prédio do Mercado, o projeto do anfiteatro. Fonte: DOMO, 2016.

O projeto previa a remoção das estruturas que recobrem os largos ao redor do Mercado Municipal. Do lado esquerdo do prédio, seria construído um edifício anexo, com dois pavimentos, onde funcionaria o Mercado do Peixe e da Carne Verde; do lado direito, seria construído um anfiteatro; o partido arquitetônico da intervenção proposta para o Largo do Bembé, está descrito dessa forma no Memorial Descritivo apresentado pela DOMO:

No que concerne a (sic) paginação de piso, o grande elemento referencial utilizado foi a localização do ponto onde são sepultados os sacrifícios feitos na ocasião do Bembé do Mercado. Este ponto é fixo, e a cada ano é quebrado o piso existente para acesso ao solo. O desenho do piso proposto converge de forma concêntrica para este ponto, a partir do piso adotado na urbanização da orla como um todo. Compõe-se, assim uma integração do Largo do Bembé com a orla e o Mercado, reforçada pela incorporação de trecho da Avenida Presidente Vargas e da Rua do Mercado como grandes calçadões. O local exato do sepultamento no Largo será revestido com piso cimentado desempolado, facilitando a remoção e relocação por ocasião do Bembé do Mercado.

Também no partido arquitetônico da nova cobertura há destaque para o ponto referencial do Bembé do Mercado. Neste local, a cobertura de planos triangulares variáveis e opacos se tornará mais alta e translúcida, permitindo uma entrada de luz sobre a prumada deste ponto referencial, além da saída de ar com vistas ao conforto térmico do ambiente. Sob esta cobertura translúcida, que delimita volumetricamente o espaço destinado à cerimônia religiosa, será instalada uma chapa metálica artística, com desenhos que remetem à simbologia do Bembé do Mercado, com o duplo objetivo de criar um elemento estético artístico e promover um sombreamento parcial da área.⁷⁵

⁷⁵ Extraído do Memorial Descritivo da DOMO, Arquitetura, Engenharia e Projetos Culturais Ltda, p. 13.

Como em 2016 a presidente Dilma Rousseff foi deposta por um golpe parlamentar, tal projeto caiu em esquecimento. Nos anos seguintes, ainda no governo Michel Temer, tiveram início as execuções das obras de restauração da Igreja Matriz, da Igreja do Amparo, da Casa de Câmara e Cadeia e do Arquivo Público. As obras do Mercado/Feira Livre e da siderúrgica Tarzan não foram adiante.

Encontramos no ano de 2022, as estruturas dos largos bastante deterioradas: o piso de concreto repleto de buracos, fruto do desgaste pelo uso constante da população; as estruturas metálicas das coberturas colapsadas em diversos pontos, devido à ação do tempo e da corrosão; o sistema de drenagem pluvial com diversas avarias, calhas destruídas, muitas delas “remendadas”; iluminação pública ineficiente e pontuada por diversos “gatos”. O prédio do Mercado Municipal apresentava um colapso da estrutura da fachada em uma das quinas, sobre o cais do rio Subaé. Este problema ainda existe, com o risco constante de solapamento da base do cais que, em caso de rompimento, poderá causar sérios transtornos e, num limite, uma tragédia.

Aqui, faz-se necessária uma crítica à falha da administração pública, nas diversas gestões ao longo do tempo, em cuidar desde bens. A falta de manutenções preventivas fez com que, no prazo de quinze anos (!), uma estrutura que deveria durar ao menos uns trinta anos, tivesse que passar por uma reforma que justificasse a sua demolição e consequente descarte. Nossa equipe de servidores municipais da SEINFRA, que naquele momento era composta por mais uma arquiteta, uma engenheira eletricista e cinco engenheiros civis, optou pela demolição das três estruturas e a elaboração de um novo projeto que as substituíssem. Tal ideia foi apresentada à gestora municipal, Prefeita Alessandra Gomes (PSD), que concordou com a nossa decisão.

Tais tratativas deram-se no início do ano de 2022, coincidindo com a retomada pós-pandemia do Covid-19. A prefeitura municipal de Santo Amaro estava sem recursos para obras e com dívidas em aberto relacionadas a tributos federais, o que a impedia de firmar determinados financiamentos ou convênios. Aquele projeto da DOMO, contratado pelo IPHAN em 2016, estava adormecido, pois o governo municipal não estava alinhado ao federal, chefiado por Jair Bolsonaro (PL). Optou-se então, por projetos menos dispendiosos, no intuito de facilitar a busca por recursos financeiros, através de emendas parlamentares ou de convênios que escapassesem às limitações impostas pela situação fiscal/financeira do município.

Propusemos então, uma intervenção de reforma no Mercado Municipal, onde prevíamos uma mudança parcial do layout interno e a substituição da cobertura, criando um

lanternim que permitisse a ventilação cruzada no interior da edificação; recuperação de estrutura colapsada do prédio, a alvenaria de tijolos existente sobre o cais do Rio Subaé; e uma intervenção externa, naqueles três largos, substituindo as coberturas e refazendo todo o piso. A gestão municipal não conseguiu lograr êxito na busca por recursos para executar a obra de reforma do prédio do Mercado, de maneira que ainda hoje, no momento em que finalizo esta dissertação, a edificação ainda apresenta os mesmos problemas de antes, agravados.

Para a intervenção externa (os três largos ao redor do Mercado), firmou-se uma parceria com o CTR (Consórcio do Território do Recôncavo)⁷⁶, que se responsabilizou por licitar a obra e contratar a empresa para executá-la. Ao contrário do projeto contratado pelo IPHAN, tínhamos um horizonte de gastos limitado a cerca de R\$ 1,5 milhões, pois esse seria o valor destinado ao município via emenda parlamentar. No acerto com o CTR, a prefeitura apresentou contrapartida financeira para garantir os recursos necessários à realização da obra, visto que o valor orçado extrapolou aquele previsto inicialmente. Coube à Prefeitura Municipal desenvolver e apresentar o projeto arquitetônico e os projetos complementares, bem como as planilhas de custos, que teve valor final orçado em R\$ 1.798.095,50. A fiscalização e medição da obra ficou por conta de equipe técnica do CTR, mas era de interesse da gestão acompanhar a execução, devido à data da Festa do Bembé que se aproximava, o que foi acordado com o CTR. E era do meu interesse, acompanhá-la também, tanto como autor do projeto, quanto pelo fato do espaço público ser vinculado à Festa do Bembé do Mercado.

Considerando-se que isolar os três largos iria impactar negativamente no funcionamento da Feira Livre, prejudicando muitos comerciantes; considerando-se a proximidade da Festa do Bembé e a necessidade de ter aquele espaço liberado para a celebração religiosa, a gestora municipal optou por dividir a obra em duas etapas: a primeira etapa correspondeu à execução do Largo do Bembé do Mercado e, a segunda etapa (que não foi executada, por motivos expostos mais adiante), aos outros dois largos, situados do lado esquerdo e direito do Mercado Municipal.

Tal conjuntura institucional, onde havia desalinhamento entre os entes municipal e federal, afastou a possibilidade de acesso aos fartos recursos oriundos dos programas federais, ainda que no governo Bolsonaro isto tenha sido algo fora da realidade, inclusive tratando-se

⁷⁶ O Consórcio do Território do Recôncavo (CTR) foi criado em 2014 pelo Governo do Estado do Bahia, dentro da sua política de descentralização, para os consórcios públicos, sendo composto por 19 municípios: Aratuípe, Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Governador Mangabeira, Jaguaripe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Salinas da Margarida, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, Sapeaçu e Varzedo.

de investimentos em obras via IPHAN. Isso abriu uma oportunidade, além do interesse da gestão municipal, para que pudéssemos projetar e executar uma obra de tamanha importância. A partir daqui trato apenas da obra do Largo do Bembé, que foi executada conforme o projeto arquitetônico elaborado pela nossa equipe da Prefeitura Municipal.

5.2 – Participação popular e elaboração projetual

O Bembé do Mercado referenciou-se de algumas maneiras na cidade de Santo Amaro, tanto para os seus moradores e adeptos da festa, quanto para os visitantes: na memória social do seu povo; pela oralidade dos mais antigos e daqueles que se foram antes dos mais antigos se tornarem o que são; por eventos recentes já registrados na historiografia municipal; no espaço público, pelo nome popular que cunhou o lugar, “Largo do Bembé”; pelos antigos pilares pintados de vermelho e com pinturas do *Oxé* de Xangô (foto abaixo, Imagem 69).



Imagen 69. Largo do Bembé, anterior à reforma de 2022/23. No centro, ao fundo, roda de Capoeira. No canto direito, embaixo, é possível notar uma mancha no piso de concreto (indicada pela seta amarela). É o local onde todos os anos é feito o ritual de renovação do Axé, da Festa do Bembé do Mercado. Foto do autor, ano de 2022.

Uma outra referência, que certamente escapava aos olhos menos atentos, era a marca no chão de concreto remexido e diferente do piso como um todo (ver indicação na Imagem 69). Quem não conhece a Festa, ou seus fundamentos, não sabe que, naquele ponto, ano após ano, abre-se o chão para que seja plantado o Axé do Bembé do Mercado. O visitante, ou o santamarense desavisado, vê aquele piso remexido e acha que houve um simples reparo no concreto ou coisa do tipo. Não tem consciência de que ali é um lugar sagrado pela religião do Candomblé, mas que não lhe era dado um destaque merecido.

Apresentou-se uma oportunidade, naqueles projetos, de sublinhar, através de elementos arquitetônicos e estéticos, o sentido de que o Largo do Mercado é um lugar sagrado para os candomblecistas santamarenses. Vale ressaltar, contudo, que, naqueles espaços públicos, acontece diariamente as atividades da Feira Livre, de maneira que seria necessário aliar a função comercial que ali se desenvolve à sacralidade que o espaço adquiriu ao longo do tempo. De início, percebi alguma resistência, ou desdém, de alguns quadros da SEINFRA. Mas revelei tais intenções à gestora municipal, expliquei-lhe a importância de inscrever nos espaços públicos urbanos, elementos que valorizem ou realcem o patrimônio cultural afrobrasileiro, como é o caso da Festa do Bembé. A prefeita Alessandra Gomes deu-me total liberdade, apenas ressalvando o fato de que eu deveria estar alinhado com os sacerdotes responsáveis pela celebração do Bembé. Houve ainda, o cuidado com o fato de que a Festa do Bembé havia sido registrada pelo IPHAN como Patrimônio Nacional Imaterial, de maneira que os sacerdotes deveriam participar não só informalmente, mas também através de audiências públicas onde eles pudessem registrar suas demandas e opiniões.

Aos sacerdotes, às suas ancestralidades e às ancestralidades do Mercado, foi pedido licença para projetar e intervir naquele espaço. Não fiz uma consulta espiritual sobre as intenções do projeto, mas houve o acompanhamento e consentimento dos sacerdotes que regem o Bembé. Nossa principal interlocutor foi Pai Pote, ele como representante da Associação do Bembé do Mercado. Apresentei-lhe a ideia do projeto e a intenção de reforçar a sacralidade daquele pedaço de chão, o que foi recebido com grande alacridade. Solicitei-lhe que intermediasse o contato com os demais sacerdotes. Eles próprios nos orientaram a tratar o Largo do Bembé como um lugar da Feira Livre, do comércio, das diversas possibilidades de trocas e de relações sociais, o Mercado como a casa de Exu, afastando a ideia de tornar o Largo um espaço de uso exclusivo da festa, ou das atividades das manifestações culturais e religiosas afrobrasileiras. Sugerí cercar o espaço onde é montado o barracão com uma grade removível, a ser desenhada com motivos dos Orixás, o que gerou aceitação por parte de alguns, mas acabou sendo descartada pelos próprios sacerdotes porque poderia acirrar alguma disputa com pessoas de outros segmentos religiosos, ou com os próprios feirantes. Optou-se por deixar o espaço onde é montado o barracão aberto, mas que a Prefeitura Municipal controlasse o seu uso, restrito a apresentações culturais ou à venda de produtos relacionados às culturas de matrizes africanas.

Outra solicitação feita pelos sacerdotes, foi referente à operacionalização do espaço durante as festas do Bembé. Todo ano é montado e desmontado o barracão de pindoba, de maneira que eram feitos buracos no piso para que fossem fincadas as peças de madeira, além

do ritual de alimentação do Axé. Teríamos que buscar soluções que facilitassem a realização destes trabalhos, sem trazer prejuízo ao acabamento e à paginação do piso a ser construído. Pai Pote nos pediu que reservássemos um espaço destinado à apresentação das manifestações culturais que acompanham o Bembé desde sempre: a Capoeira e o Maculelê.

No projeto de requalificação do Largo do Mercado, buscamos referenciar tais locais e dar alguma praticidade na execução do próprio ritual. Mantivemos a lógica de uma grande estrutura coberta, garantindo a proteção dos feirantes e consumidores durante os dias de Feira Livre, contra a chuva e contra os raios solares. O largo tem um formato trapezoidal, que segue o formato da quadra e que foi mantido. Quisemos também dar maior amplitude visual ao largo, através de uma grande cobertura central, com abas laterais em planos de alturas distintas, o que permitiu uma melhora da iluminação e da ventilação naturais. Como havia um limite de recursos bastante apertado, trabalhamos com materiais básicos e uma resolução corriqueira dos problemas estruturais. Ainda assim, conseguimos propor balanços nas estruturas da cobertura, otimizando o trabalho do conjunto estrutural. Quisemos colocar vitrais nos dois frontões da faixa central do telhado, o que nos levou a propor a Baba Geri fazer os desenhos dos mesmos. Iniciamos alguma tratativa a respeito, mas não houve recursos para construir os vitrais, nem para remunerar o artista, de maneira esta ideia foi abortada.

Para a paginação do piso, tomamos como ponto de referência o local onde é plantado o Axé e montado o barracão do Bembé, a partir do qual traçamos uma cruz até as extremidades do Largo, onde foram previstas rampas de acesso, visto que o piso do largo está situado um pouco acima das vias de tráfego, cerca de 14 centímetros. Tal cruz, trata-se de uma referência ao Orixá Exu, às encruzilhadas que levam ao mercado e aos pontos cardeais: frente do barracão para a nascente, fundo para o poente, lados direito e esquerdo, seguindo a cosmo-percepção iorubá. Diferenciamos estas linhas da cruz, que tem 80 centímetros de largura, com o piso na cor preta, feito a partir do concreto usinado pigmentado. Porém, elas não se cruzam fisicamente, limitam-se às linhas que demarcam os quatro lados do espaço do barracão do Bembé. Sobre esta cruz, que serviu como ponto de partida para a paginação do piso, rebatemos a planta central do telhado e cruzamos as linhas da estrutura das duas águas. Isto deu um efeito interessante, mas eu confesso que não percebi que dalí surgiu o desenho do Oxé⁷⁷ de Xangô. Foi uma colega de trabalho, Taise, quem chamou a minha atenção.

Observa-se na Imagem 70, que a linha preta da cruz de Exu, casa justamente como o cabo do Oxé, o machado sagrado de Xangô, que é o patrono da Festa do Bembé. O Oxé, com

⁷⁷ Oxé é o machado sagrado de Xangô, seu principal símbolo. Com duas lâminas iguais e opostas, representam o equilíbrio e a dualidade da justiça.

duas lâminas iguais e simétricas, simboliza a justiça do rei, julgada com equilíbrio independentemente de quem esteja diante do seu trono. Tal sentido de igualdade, do rei que olha e julga a todos sob o mesmo prisma, também reflete o sentido de coletividade, de todos aqueles da grande *egbé* santamarense que pisam naquele chão para dançar e comemorar o Bembé. Para se chegar ao vermelho do piso, propusemos pigmentar o concreto, mantendo-o perene, apenas necessitando de manutenção ao longo do tempo. Descartamos pintura, pois poderia desbotar e sumir com o alto tráfego de pessoas e equipamentos que acontece ali durante os dias de feira.

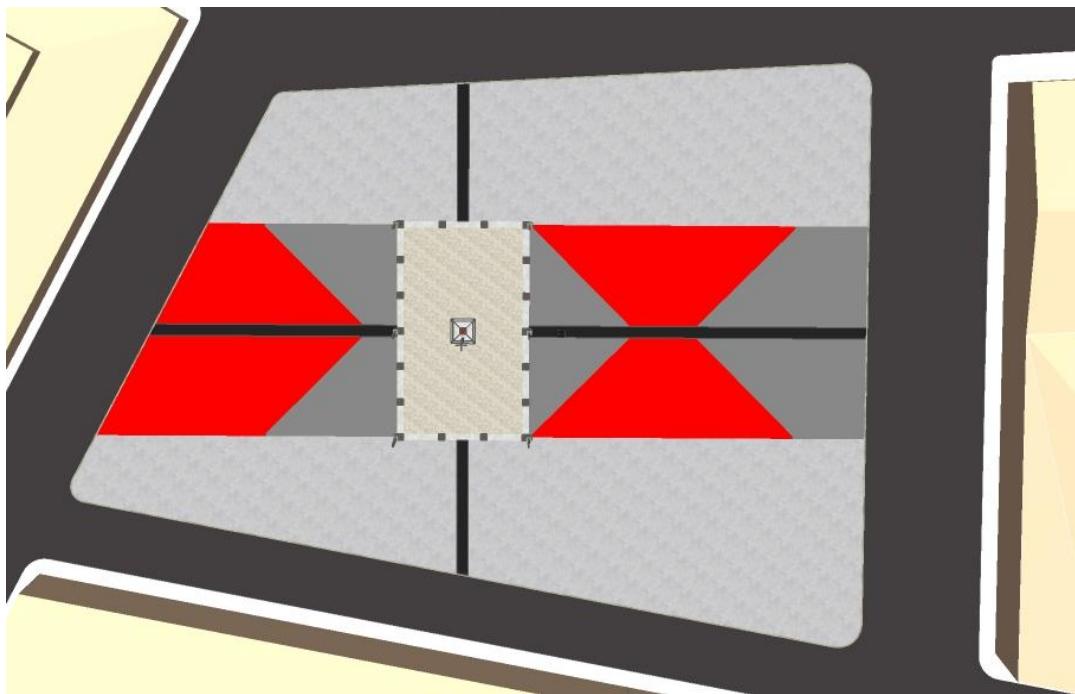


Imagen 70. Vista de topo do Largo do Bembé – layout de paginação de piso. Imagem sem escala definida, gerada pelo autor, através do software Sketchup, ano de 2022.

Delimitamos o barracão com um piso distinto, e uma linha de peças em granito. Como solução para a colocação e retirada da estrutura de madeira do barracão, propusemos colocar tubos metálicos com quatro polegadas de diâmetro, enterrados no solo, profundidade de cinquenta centímetros. Marcamos estes pontos com pedras de granito vermelho, com uma moldura preta e uma tampa removível sobre a abertura do tubo. Estava resolvida essa questão. Após a festa, basta recolocar a tampa e fazer o rejunte da mesma com uma massa plástica. Entre estes pontos, pedras de granito cinza completam o retângulo que forma o espaço ocupado pelo barracão. Tomei como referência para desenhar estes pontos que envolvem o barracão, elementos pictóricos presentes na tela “Padê de Exu”, de Abdias do Nascimento (Imagen 71). O círculo central é justamente o local onde se fixa a estrutura do barracão.



Imagen 71. Abdias do Nascimento, Padê de Exu. Acrílico sobre tela, 100 x 150 cm. Rio de Janeiro, 1988. Disponível em http://www.abdias.com.br/obra_artistica/pintura/pint13.htm

Para o espaço do Barracão, onde é tocado o Bembé e se dança o *Xirê*, inicialmente pensamos num piso com uma pedra decorativa. Mas aí pesou o custo, ou o possível desconforto para as pessoas idosas que ali dançam com os pés descalços. Optou-se então por um piso de concreto de alta resistência com pigmentação branca, levemente polido, para que não ficasse escorregadio. O centro daquele espaço, onde se planta o Axé, foi definido com uma tampa em granito vermelho, também removível. Colocamos uma manilha com oitenta centímetros de diâmetro e sobre ela, uma laje, onde apoiamos a tampa e a moldura com peças de granito cinza e preto. Aqui, abra-se um parêntese para dizer que, antes se iniciar a obra, Pai Pote esteve no local junto com filhos de santo do seu terreiro e removeu o solo e o Axé que havia sido enterrado ali nos anos anteriores, reservando-o em local apropriado, para depois ser devolvido ao lugar de origem, na feitura do ritual seguinte, após a entrega da obra.

Os pilares que envolvem o barracão são diferentes dos demais que sustentam a estrutura metálica do telhado. Todos eles têm a base em concreto aparente, que diferem em altura (a base) porque existe um desnível entre as extremidades do largo, que acompanha o sistema viário local. Se decidíssemos nivelar o piso do largo, criariamos degraus nas extremidades mais baixas, o que seria bastante desconfortável para a atividade dos feirantes e dos consumidores que ali circulam. Os pilares tipo da estrutura, foram projetados em perfis metálicos, duplos e soldados um no outro, a serem pintados na cor branca. Mas os seis pilares que circundam o barracão, projetamos em trilhos de trem, também dois a dois, soldados um no outro. É uma referência ao Orixá Ogum, senhor da metalurgia e do ferro, de maneira que os trilhos não deverão ser tratados ou pintados. Uma outra irmã de santo, Cristina, filha de Pai

Pote, quando viu alguns rabiscos do projeto, chamou-me a atenção para o fato de que o número de Ogum é o 7, mas que havia apenas 6 pilares.

Este foi um problema que não resolvi de imediato e ficou pendente, pois a estrutura estava fechada com os seis pilares. Durante a execução da obra, cobertura já montada com os 6 pilares dos trilhos (na verdade são 12 trilhos, soldados dois a dois), Pai Pote sugeriu que colocássemos um trilho no centro do barracão, simbolizando o mastro da cumeeira que liga o Orum ao Ayê. Sobre ele, chumbamos uma peça de Xangô. Pronto, Ogum apontou o caminho (Pai Pote é filho de Ogum), e o sétimo pilar de trilho de trem foi fincado naquele pedaço de chão. Anteriormente, o mastro era de madeira e removia-se o mesmo sempre ao final da Festa do Bembé, ficando aquela mancha de concreto no piso. Agora, o mastro é de ferro, chumbado no concreto, e o centro do barracão, definido com materiais nobres, eliminando-se o quebra-quebra do piso que era feito ano após ano (Imagens 72 e 73).

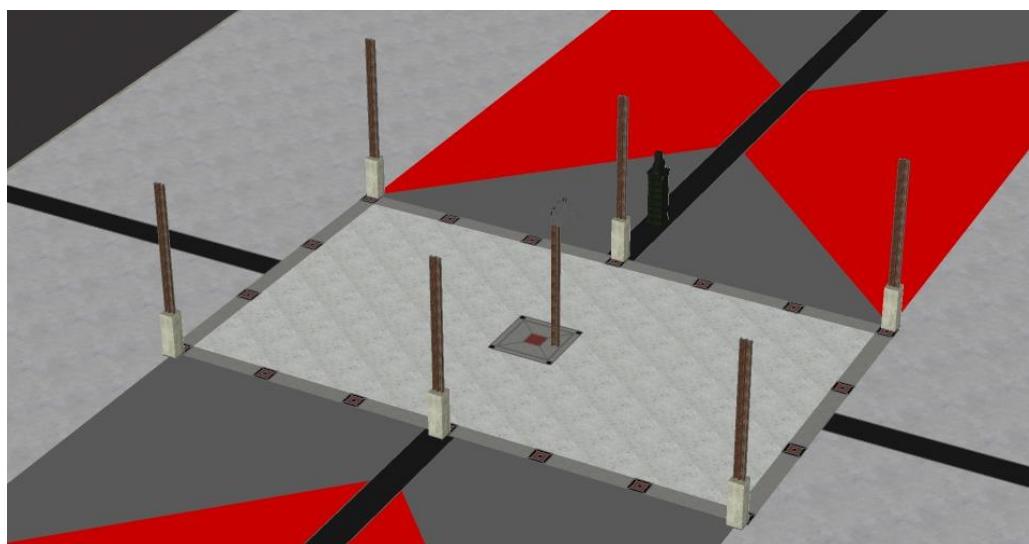


Imagen 72. Vista em detalhe do Largo do Bembé – espaço do Barracão. Destacam-se os 6 pilares em trilho de trem, que sustentam a cobertura (suprimida da imagem). No centro, o pilar que representa o mastro que sustenta a cumeeira do barracão. Imagem sem escala definida, gerada pelo autor, através do software Sketchup, ano de 2022.

Houve ainda, boatos de que a Prefeitura desapropriaria um imóvel no Largo do Mercado para abrigar a “Casa de Iemanjá”, mas isso não teve fundamento. Talvez, distraído por este conto, não nos ativemos a uma referência concreta à Orixá Iemanjá, que é a principal homenageada da festa. Mas o fato é que, a Casa de Iemanjá, tradicionalmente é montada no Largo do Mercado todos os anos, durante a Festa do Bembé.

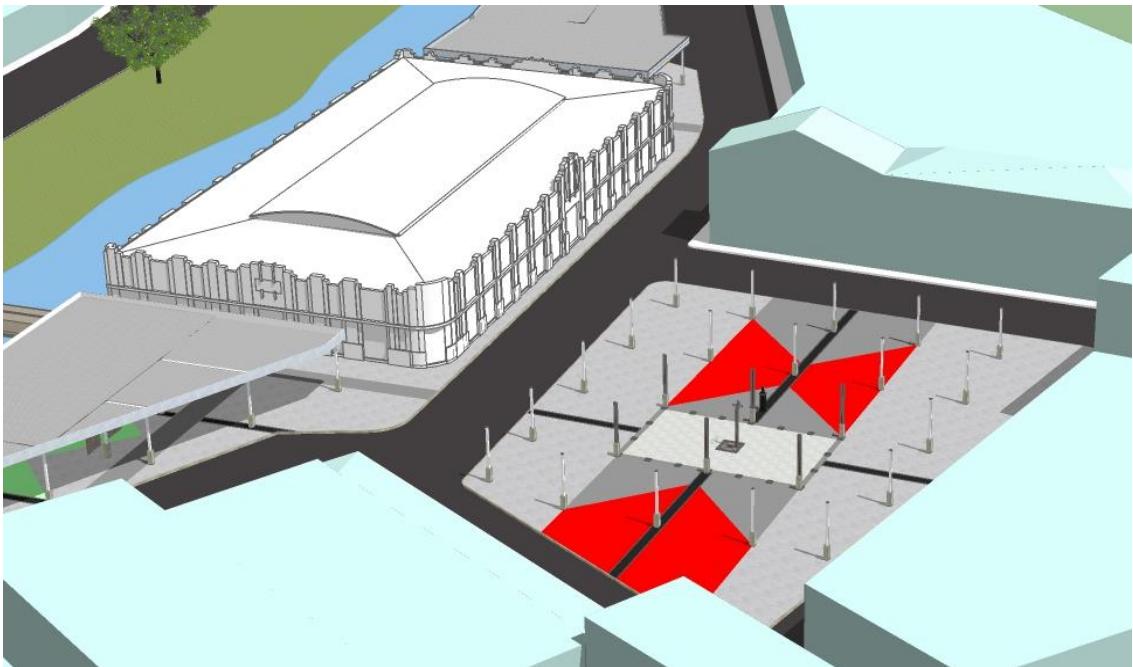


Imagen 73. Vista aérea do Largo do Bembé sem a cobertura, com a paginação de piso e pilares propostos. Imagem gerada pelo autor, através do software Sketchup, ano de 2022.

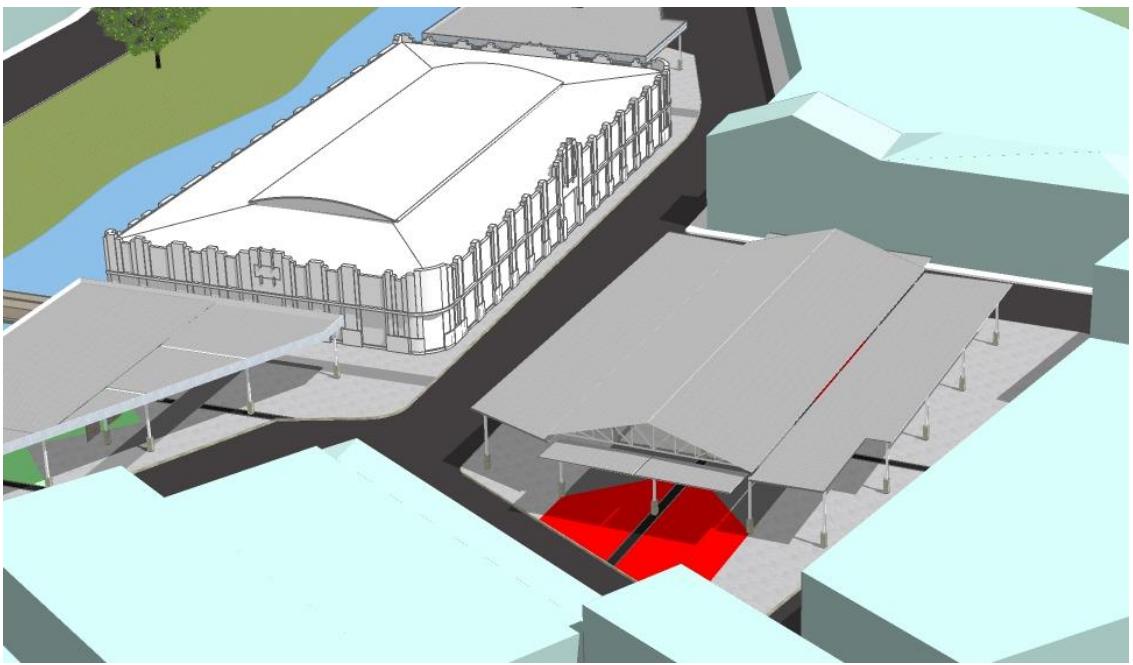


Imagen 74. Vista aérea do Largo do Bembé com a cobertura projetada, no centro. Do lado esquerdo, acima, o Mercado Municipal e o Rio Subaé. Imagem gerada pelo autor, através do software Sketchup, ano de 2022.

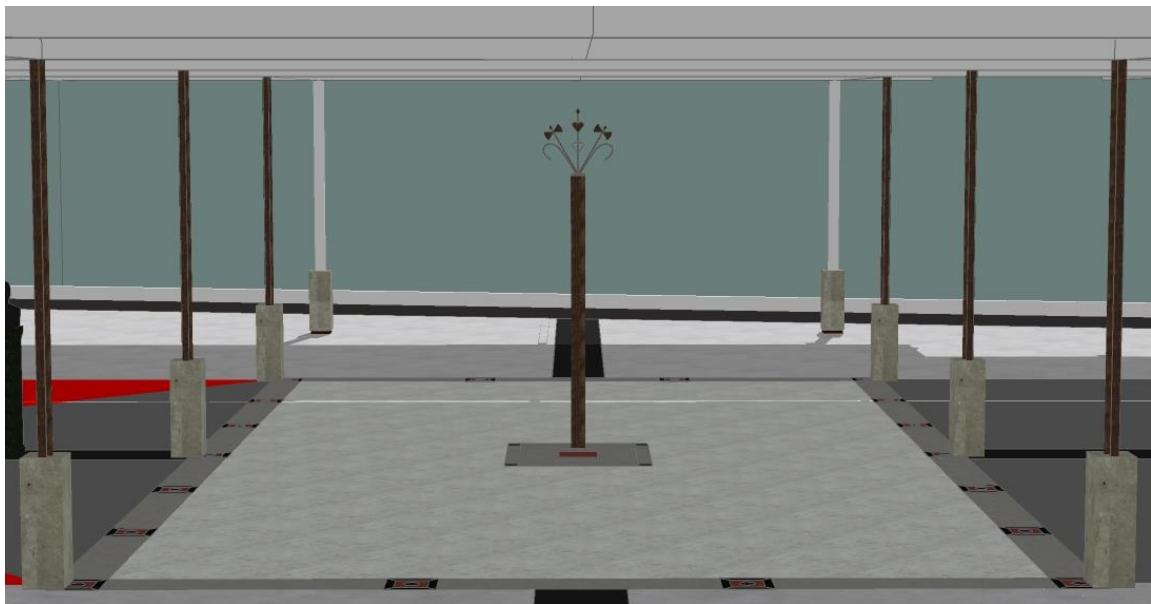


Imagen 75. Vista em detalhe do Largo do Bembé, com o pilar e a peça de Xangô.
Imagen gerada pelo autor, através do software Sketchup, ano de 2022.

Tais propostas foram debatidas com alguns sacerdotes e filhos de santo, tendo sido levadas a uma audiência pública, que aconteceu no auditório do Arquivo Público Municipal, no dia 27 de julho de 2022 (Imagens 76 e 77). Uma outra audiência pública foi feita no pátio interno do Mercado Municipal, quando os projetos de reforma do Mercado e dos largos, na área externa, foram apresentados aos feirantes, de uma maneira geral. Porém, como foi dito anteriormente, a reforma da edificação do Mercado não logrou êxito por falta de recursos financeiros.

O fato de tornar pública a intenção do projeto de intervenção no Largo do Mercado, trazendo para a discussão do mesmo as pessoas responsáveis pela festa do Bembé, os detentores da celebração religiosa, deu-nos credibilidade para a execução da obra. Não foi um projeto e nem uma obra que “caiu de paraquedas”, imposto de cima para baixo, sem o debate e o envolvimento das partes interessadas. Vencida mais uma etapa, deu-se seguimento às tratativas com o CTR para a contratação e execução dos serviços.

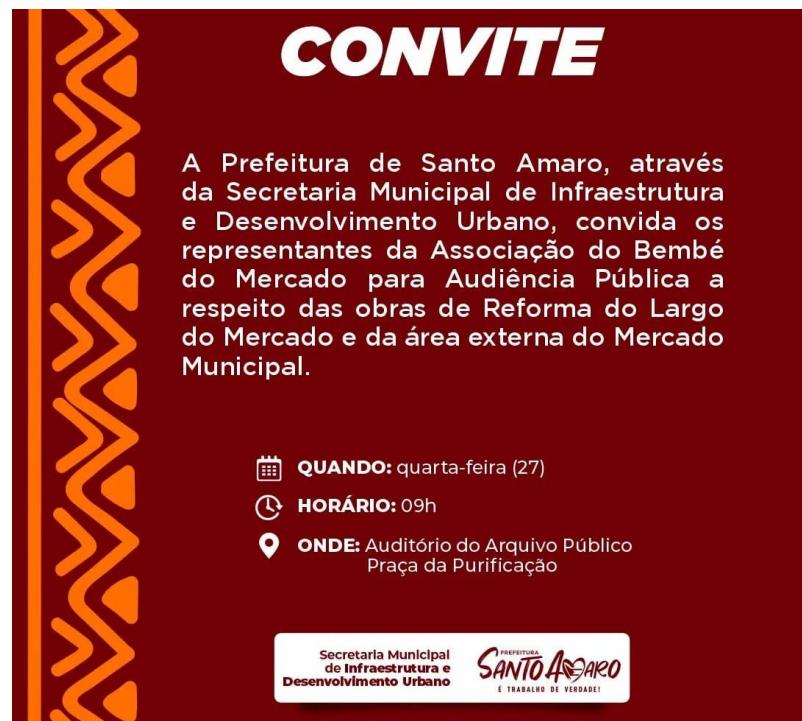


Imagen 76 Convite - Audiência Pública. Fonte: Gabinete da Prefeita, gestão 2021/2024.



Imagen 77. Registro de Audiência Pública para apresentação do Projeto de Requalificação do Largo do Bembé do Mercado. Arquivo do autor, Julho de 2022.

5.3 – Execução da obra do Largo do Bembé

A execução da obra teve início no mês de dezembro de 2022, com o deslocamento dos feirantes que ocupavam o Largo do Mercado e o seu entorno próximo, em seguida o isolamento do Largo com tapumes. Os feirantes removidos foram realocados ao longo da Avenida Getúlio Vargas e adjacências, o que gerou algum ruído entre eles e os fiscais, prepostos da municipalidade, mas logo todos se acomodaram, tanto os que foram realocados, quanto aqueles que já estavam em seus pontos originais. Prevaleceu a máxima de que toda obra gera transtornos, mas que trazem benefícios permanentes.

Imaginávamos que, por ser uma obra em um largo que basicamente se resumiria à construção de um novo piso e de uma cobertura em estrutura metálica, transcorreria de forma rápida. Ledo engano. Houve contratemplos devido à necessidade de se fazer contingenciamentos financeiros por parte da Prefeitura Municipal, o que gerou uma certa morosidade por parte da empresa executora, e ao período chuvoso, entre os meses de fevereiro e maio, que naquele ano foi bastante severo. Tais fatores somados, principalmente os transtornos causados pelas chuvas, atrasaram sobremaneira o serviço, de forma que a obra foi entregue no dia 09 de maio de 2023, exatamente no dia anterior ao início das celebrações do Bembé daquele ano.

O atraso da obra carregou o último mês de trabalho, justamente às vésperas do início da festa. Isso deixou a todos nós apreensivos e preocupados. Recebíamos ligações e mensagens constantes da gestora municipal, através da rede social *Whatsapp*, questionando se conseguiríamos entregar a obra a tempo da Festa do Bembé. Nas ruas, sempre que eu encontrava um membro do Candomblé, a pergunta era certa: “vai dar tempo?”. Foi uma responsabilidade grande sobre nossos ombros porque, se não tivesse dado certo, onde teria sido realizada a Festa do Bembé? Sacralizar um novo chão? Realizar a festa dentro de um terreiro, quebrando a lógica de um espaço que agrupa diferentes *egbés*? Em épocas passadas, de perseguições, vimos que o Bembé foi tocado em outras localidades, a ancestralidade providencia caminhos a serem percorridos. Mas iniciamos um intento num lugar de Exu, o Mercado, era necessário finalizar a obrigação, de maneira que aqueles foram momentos angustiantes.

Nos últimos dias, um grande mutirão da empresa responsável pela obra conseguiu finalizar os serviços, mas isso penalizou o acabamento da construção, principalmente no que se refere ao piso. Como havia diferentes tonalidades de concreto no piso, para que tivéssemos um resultado ideal, seriam necessários alguns dias para a secagem e polimento de cada uma daquelas cores. Por exemplo, a execução do Oxé de Xangô na tonalidade vermelha: o ideal

teria sido a espera da secagem, em seguida o polimento, depois remoção do gabarito, proteção do piso acabado e o início da concretagem do piso na tonalidade cinza, com a mesma sequência. Atropelou-se esta sequência e o polimento não foi o melhor; nas junções entre as tonalidades diferentes, ficaram rebarbas de uma tonalidade sobre a outra. Acertamos com a empresa que, após Festa do Bembé e iniciada a segunda etapa da obra (as intervenções nos outros dois largos do Mercado), retornaríamos ao Largo do Bembé para corrigir os defeitos. O fato é que a Prefeitura Municipal decidiu não executar a segunda etapa, cancelando o contrato com a CTR e a empresa executora.

Durante a fase final de execução, na última semana, surgiu a informação de que o Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira (Muncab), sediado na cidade de Salvador, doaria um busto em homenagem a João de Obá, em parceria com o IPAC, para ser incorporado ao espaço, como lembrança da passagem dos 134 anos do Bembé do Mercado, naquele 13 de maio de 2023 (Imagem 78). O busto foi produzido pela artista plástica Annia Rízia, confeccionado em resina revestida com pó de mármore e granito. Tem 56 centímetros de altura por 40 centímetros de comprimento, e foi instalado sobre um toten de granito preto. De última hora, tivemos que projetar o totem e providenciar a construção do mesmo com um fornecedor da própria cidade, bem como a sua instalação. Está situado do lado direito do espaço onde é montado o barracão, estando o busto voltado para o Leste, a nascente do sol. Tal localização coaduna com a cosmopercepção Iorubá, o lado direito relacionado à potência masculina.



Imagem 78. Inauguração do busto de João de Obá, Largo do Bembé do Mercado, com chamada ao vivo da TV Bahia/Rede Globo. Foto do autor, Maio de 2023.

Transtornos e imprevistos fazem parte dos empreendimentos da construção civil, principalmente quando envolve o fator chuva. Poderíamos ter planejado melhor a execução da obra, poder público e empresa executora, de maneira a chegar nas últimas semanas com tempo para finalizar os serviços com melhor acabamento, mas houve contingenciamento de recursos, e isso escapou do nosso controle. Contudo, de fato, conseguimos cravar no chão de Santo Amaro elementos do Candomblé, sacralizando e significando aquele território há tempos consagrado pelo Bembé do Mercado. Sinto-me orgulhoso de ter feito parte da equipe que propôs um projeto de intervenção urbana num espaço público de grande importância e sociabilidade para a cidade de Santo Amaro, tendo elementos do Candomblé como definidores do partido arquitetônico. Sou consumidor e frequentador da Feira Livre, e observo com alegria sempre que passo pelo Largo do Mercado e vejo em destaque o mastro com a insígnia do Orixá Xangô, patrono do Bembé, reinando absoluto. Isso mostra que é possível disputar e ocupar espaços públicos das nossas cidades, dialogando com matrizes afrodispóricas, mesmo que haja resistências de pessoas ou setores da sociedade.

As imagens a seguir ilustram o processo de execução da obra, desde o seu início.



Imagen 79. Obra do Largo do Mercado - Início da construção dos pilares de concreto armado, base para os pilares metálicos que sustentam a cobertura. Arquivo do autor, março de 2023.



Imagen 80. Montagem da estrutura do telhado com cobertura com telhas metálicas, e instalação do sistema de drenagem. Arquivo do autor, abril de 2023.



Imagen 81. Construção do piso, Oxé de Xangô. Arquivo do autor, maio de 2023.



Imagen 82. Montagem do pilar de sustentação da cumeeira e detalhe do acabamento da moldura em granito, no centro do Barracão. Arquivo do autor, maio de 2023.



Imagen 83. Instalação do pilar que sustenta a cumeeira e da ferramenta de Xangô. Arquivo do autor, maio de 2023.



Imagen 84. Vista interna do Largo do Mercado, após obra de requalificação. À direita, o mastro da cumeeira com a ferramenta de Xangô no topo. No piso, em destaque nas peças de granito de diferentes tonalidades, o local onde é plantado o Axé que nunca dorme. Arquivo do autor, julho de 2023.



Imagen 85. Vista geral do Largo do Mercado, após obra de requalificação. Arquivo do autor, maio de 2023.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só atirou hoje”.
(Provérbio Iorubá).

Quando iniciei os estudos para a montagem do projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação de mestrado, eu tinha em mente duas premissas: 1. a relação da festa do Bembé do Mercado com a cidade de Santo Amaro, a partir da ocupação dos seus espaços públicos e das suas arquiteturas, em diferentes escalas de percepção do território; 2. a leitura daquela celebração religiosa a partir de uma bibliografia afrocentrada, comprometida com a vivência de saberes e práticas de matrizes africanas afrodiáspóricas. Daí é que surge a questão central deste trabalho: como a Festa do Bembé, a partir de uma perspectiva afrocentrada, nos seus processos de disputas por narrativas, territórios, espaços públicos, arquiteturas e políticos engendrados por seus detentores e atores, relaciona-se com a cidade de Santo Amaro?

Para mim, desenvolver esta dissertação foi um grande desafio, porque eu não tive vivência no mundo do candomblé e tudo aquilo era novidade, inclusive a festa, visto que eu havia me tornado um frequentador muito recentemente. Eu não tinha conhecimento a respeito dos rituais das religiões de matrizes africanas, muito menos havia lido trabalhos sobre o tema. Mas eis que, paralelo a tudo isto, ao interesse pelo tema, às pesquisas, estudos e leituras afrodiáspóricas, e à aprovação no curso do mestrado, eu me vi suspenso num terreiro de candomblé da nação Ketu, terreiro este, filho do *Oju Onirê*. O fato de ter sido confirmado ogã de um terreiro de candomblé, permitiu-me adentrar espaços e experiências antes impensáveis, vivi e continuo vivendo no dia a dia do terreiro, as liturgias que fundamentam o próprio Bembé do Mercado, claro que guardada as situações próprias de cada culto ou momento ritualístico. Tudo isso me ajudou na elaboração da pesquisa e na construção desta dissertação de mestrado.

É neste sentido que as entrevistas transcorreram principalmente como vivência, participação em situações diversas, desde reuniões preparatórias da festa (das quais continuo participando, às vezes representando o meu Babalorixá), envolvendo as comunidades dos terreiros ou técnicos e gestores dos órgãos oficiais do Município (Secretarias diversas), Estado (IPAC, Secretaria de Cultura) e União (IPHAN), até a presença em rituais litúrgicos do Bembé. Os fatos de residir em Santo Amaro e poder estar próximo das figuras que conduzem a celebração religiosa, e de ter obtido contato com pesquisadoras e pesquisadores que foram

pioneiros nos estudos acadêmicos do próprio Bembé, contribuíram sobremaneira para que eu pudesse encaminhar a construção deste trabalho.

A primeira premissa para a montagem desta dissertação, e que se tornou o grande mote deste trabalho, partiu da leitura de trecho de entrevista do sacerdote santamarense, Baba Géri – Babaquerê (pai pequeno, segunda pessoa da casa de Axé) do Terreiro *Ilê Axé Oju Oniré*, na cidade de Santo Amaro, casa esta, responsável atualmente pela condução da Festa do Bembé do Mercado. Baba Geri fala da forma como o Bembé envolve a cidade a partir de dimensões distintas do território, dimensões físicas (terreiros, espaços públicos da cidade, paisagens do entorno urbano) e espirituais (o *orun*, o próprio corpo humano enquanto território ancestral). A cartografia da festa passa então, pela busca da espacialização destas dimensões físicas (as diferentes escalas do território) e espirituais.

No processo de construção da dissertação, no exercício didático de encadear e cartografar os ritos celebratórios do Bembé, descobri-me também como parte deste processo nas diferentes formas de escalas de atuação: enquanto discente e pesquisador do programa de pós graduação; enquanto arquiteto e servidor público; enquanto residente da cidade de Santo Amaro, e parte da população que vivencia o Bembé do Mercado; enquanto Ogã e candomblecista de um terreiro que está diretamente ligado àquela celebração religiosa, enquanto ser que carrega uma parte da ancestralidade que me constituiu e me permitiu chegar até aqui. O resultado desta auto cartografia espiritual, derrama-se na leitura do texto desta dissertação. Penso que, no encadear das palavras, as diversas escalas que me compõem se expressaram, cada qual com a sua particularidade.

A segunda premissa, a leitura a partir de uma bibliografia afrocentrada, tornou-se uma condição essencial para executar a primeira. Não tive acesso a tal bibliografia quando estudante da graduação do curso de Arquitetura, ou antes disso, no ensino médio, de maneira que este foi, e continua sendo, um desafio a ser superado. Foi necessário buscar e pesquisar referências, e aqui ressalto a importância dos caminhos apontados pelos meus orientadores. No Brasil, foi implementada a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino das histórias e culturas afrobrasileira e indígena, nas escolas de ensino fundamental e médio, tanto no ensino público quanto no privado. Um avanço que ainda carece de esforços e também de braços e de mentes, que permitam colocar tal lei em prática em todas as salas de aulas do país. Este trabalho é prova de que é possível ter avanços neste sentido.

Assim como a afrocentricidade, o Bembé do Mercado, desde os seus primórdios, surge ao largo das festividades oficiais do ocaso imperial, como vimos ao longo dessa dissertação, como uma “resposta à supremacia branca”, parafraseando Ama Mazama, que assim se referiu

àquele conceito filosófico (Mazama, 2009, pg. 111). As festas oficiais do 13 de maio de 1889, comemoradas nos paços municipais e nas suntuosas catedrais e matrizes católicas, buscaram tutelar a população negra recém liberta, sublinhavam o aspecto civilizatório da Lei Áurea e a benevolência da família real, na figura da Princesa Isabel. Mas os negros liderados por João de Obá ali, na beira do Rio Subaé, festejaram a sua própria realidade, com sua fé, suas músicas e danças, seus mitos e simbolismos religiosos, a sua existência enquanto seres humanos repletos de desejos, afetos, saberes e tradições.

Pensar o Bembé a partir de uma perspectiva afrocentrada, e das abordagens teóricas que a definem, não apenas o valoriza enquanto celebração religiosa e estética, fruto de um processo contínuo que vem pautando conquistas ao longo dos anos, a cargo das diversas gerações dos seus detentores e participantes, e que tem sido fruto de intensa negociação com os poderes públicos e a sociedade santamarense. Indo além, tal perspectiva situa-o como expressão de um projeto político de reconstrução epistemológica e de reterritorialização das práticas e saberes ancestrais afro diaspóricos.

Reproduzo aqui, o que diz o filósofo norte americano Molefi Kete Asante, a respeito da postura dos africanos, estando eles situados em África ou em diáspora, que devem se colocar e serem percebidos, “como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (Asante, 2009, p. 93). É como tem se colocado e percebidos os detentores do Bembé do Mercado desde o ano de 1889, daí o tamanho da sua importância, da sua referência para a população negra nos cenários regional e nacional.

Neste trabalho de dissertação, buscamos ressaltar aspectos históricos que reforçam tal papel político da festa, de disputa por espaços social, simbólico e territorial. Neste sentido, julgamos importante lançar mão de um poema escrito e publicado na década de 1920, analisando pormenores que o mesmo trás em relação à espacialidade de um determinado local e os cultos de uma festividade, ali cantada em forma de prosa. Importante também é ressaltar o papel dos agentes históricos neste processo de construção da festa. Esta disputa política, firmada na manutenção das tradições das religiões de matrizes africanas e nas práticas e saberes das manifestações culturais que a acompanham, contribuiu para manter o Bembé enquanto uma celebração religiosa de matriz africana. Isto é muito diferente de uma manifestação folclórica do povo negro, como se tentou firmar a festa em determinado período da sua história, entre os anos de 1970 e início dos anos 1980.

O compromisso político com a afirmação e restituição do sujeito africano e das suas ancestralidades no lugar histórico e cultural, a defesa e manutenção incondicional das culturas

de matrizes africanas, o compromisso com a defesa das narrativas históricas que situam os fatos em contraposição aos discursos coloniais e racistas, o respeito à tradição e aos valores comunitários, a valorização e o respeito à natureza, a matrilineidade como base social, são características centrais do afrocentrismo. Encontramos todas elas descritas ao longo desta dissertação, de forma genuína, cultivadas ao longo da existência do Bembé pelos seus detentores e detentoras.

A percepção recente de tal conjunto de características, certamente, influenciou na forma como os movimentos políticos negros brasileiros passaram a enxergar o Bembé do Mercado. Se até pouco tempo atrás, o Bembé era visto em determinados círculos destes movimentos de maneira desconfiada, como uma celebração folclórica que lembrava o fim do período da escravidão e a benevolência da Princesa Isabel, com ativismo político desinteressado para as causas das populações negras, hoje em dia eles atestam que se trata de um patrimônio afro diaspórico de grande valor, que preserva os cultos e a identidade das religiões de matrizes africanas em nosso país, contribuindo sobremaneira na luta pelas bandeiras da negritude brasileira.

No processo de desterritorialização dos terreiros de candomblé, como acontece na Festa do Bembé do Mercado, na Caminhada da Pedra de Xangô, em Salvador, ou na Festa da Bandeira, na Ilha de Itaparica, vimos que os terreiros onde se originam tais rituais, entram em movimento e extrapolam os seus muros (ou as suas paredes, nos casos dos chamados terreiros de laje, situados em imóveis sem áreas verdes ou livres de construção). Trata-se de uma rede que envolve outros terreiros, seja num bairro, numa cidade, ou numa comunhão que extrapola tais limites.

Nestas celebrações que se dão fora do terreiro, a sua ritualística, o seu Axé, deixa a porteira e espraia-se pelos espaços públicos e ruas da cidade. O fluxo de axé cria e molda espaços fora dos terreiros, como é o caso do Largo do Bembé do Mercado, no Centro Histórico de Santo Amaro. Cartografar tais espaços, espacializar e temporalizar as celebrações do Bembé do Mercado permitiu-nos compreender e ter uma visão distinta da relação dos mesmos com a cidade de Santo Amaro. Por outro lado, esta visão da cidade como um grande terreiro expandido, onde o Axé em movimento se apropria e sacraliza espaços públicos, tensiona, ou contrapõe-se à forma como muitos técnicos dos órgãos de conservação do patrimônio veem os terreiros, “da porteira para dentro”.

No caso do registro do Bembé do Mercado, existe uma relação profunda da celebração com os lugares de culto. Registrhou-se a celebração religiosa, mas não foi feito o tombamento destes espaços públicos, como se faria no caso de um terreiro de candomblé. No nosso caso,

por exemplo, se tivesse sido feito o tombamento do Largo do Bembé, como teria sido a intervenção arquitetônica que nele foi feita? Sabemos que o IPHAN adota regras a serem obedecidas em possíveis intervenções em bens tombados. No caso dos terreiros, existe o fator Ancestralidade, se o Orixá dono daquele chão deseja ou permite a intervenção. Em muitos casos, é a própria Ancestralidade quem determina a sua realização. É um tema recente, que exige estudos aprofundados e considerações, debates com os detentores das celebrações religiosas do candomblé, técnicos da área da conservação e restauro e dos órgãos oficiais do patrimônio. O próprio Bembé, foi a primeira celebração religiosa no Brasil a receber o título de Patrimônio Cultural Imaterial, pelo IPHAN, isto no ano de 2019, alguns anos atrás. Realmente há muito o que se debater a respeito, quem sabe eu mesmo possa dar continuidade aos estudos nesta seara.

Por fim, ressalto o fato de ter participado no processo de requalificação urbana do Largo do Bembé do Mercado. Registre-se aqui que foi um trabalho de tremenda ousadia e responsabilidade. Demolir todo aquele chão sagrado, remover cobertura, escavar buracos onde a terra vinha sendo fecundada ano após ano pelo “Axé que nunca dorme”, ver aquilo acontecer, para meses depois, com todas as dificuldades inerentes ao processo, tudo estar novamente de pé, com uma “cara” afrocentrada, pronto e acabado para o uso do público e para a continuidade da festa, realmente foi de grande orgulho e satisfação para mim. Poderia ter dado errado, algum atraso que inviabilizasse ou interditasse a obra. Se isso tivesse ocorrido, o Bembé teria sido inviabilizado no seu local tradicional. Teríamos que providenciar um outro para fazer a celebração, um enorme transtorno seria causado. Contudo, conseguimos inaugurar a obra na véspera do início da festa. Fomos abençoados pelos orixás naquele empreendimento, sei que fomos.

Desejo que outros estudos possam avançar na temática das festividades afrobrasileiras, na forma como elas se apropriam dos espaços públicos urbanos e das suas arquiteturas, principalmente em cidades de pequeno e de médio porte, a exemplo de Santo Amaro. São estas cidades menores (em tamanho, população) que, nos seus conjuntos regionais, como Santo Amaro está para o Recôncavo Baiano, formam espessos e valiosos caldos culturais que inundam as grandes metrópoles e capitais brasileiras. Daí a importância de estudar, dar maior atenção aos fenômenos sociais, às festas, às particularidades destas cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar.** In: Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora. Coleção Sankofa, v. 4. Elisa Narkin Nascimento (org), p. 93-110. São Paulo: Editora Selo Negro, 2009.
- BAHIA. Secretaria de Cultura. IPAC. **Bembé do Mercado.** Coordenação de Antônio Roberto Pellegrino Filho; textos de Ana Rita de Araújo Machado et. al. Salvador: Fundação Pedro Calmon; IPAC, 2011.
- BASTIDE, Roger. **Contribuição ao estudo sociológico dos mercados nagôs do Baixo Daomé.** In: BASTIDE, Roger & VERGER, Pierre. **Verger-Bastide: dimensões de uma amizade.** Angela Luhning (org.); Rejane Janowitz (trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 161-191.
- BASTIDE, Roger & VERGER, Pierre. **Verger-Bastide: dimensões de uma amizade.** Angela Luhning (org.); Rejane Janowitz (trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BARATA, Danilo; BRITO, Thais Fernanda Salves de. **Instrução Registro Bembé do Mercado - IPHAN.** Brasília, 2019.
- BRAGA, Júlio. **Ancestralidade afrobrasileira; o culto de Babá Egum.** Salvador: EDUFBA/Ianamá, 1995.
- BONNEMAISON, Joel. **Viagem em torno do território.** In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Geografia cultural: um século (3).** Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. P. 83-131.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- CASTILLO, Lisa Earl; PARÉS, Luis Nicolau. **Marcelina da Silva e seu mundo: Novos dados para uma historiografia do Candomblé Ketu.** Revista Afro-Ásia, n° 36, 2007. p. 111-151.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. **Bairros Negros: A forma urbana das populações negras no Brasil: Disciplina das Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.** Crítica e Sociedade: revista de cultura política. Uberlândia, v.10, n. 1, 2020 - A.

 . **Urbanismo Africano: 6000 anos de construindo cidades (uma introdução ao tema).** UERJ/Rio de Janeiro. Revista Teias. v.21, n. 62, jun/set 2020 - B.
- DAVID, Onildo Reis. **O inimigo invisível:** a epidemia do cólera na Bahia (1855-1856).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia.** Tradução: Suely Rolnik, V. 4, São Paulo: Editora 34, 1997.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** Tradução de Rogério Fernandes. 4^a ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2018.

- FRAGA FILHO, Walter. **Na Encruzilhada da Liberdade: história de escravos e libertos na Bahia (1870 – 1910)**. Campinas: UNICAMP, 2006.
- LEAL, Herondino Costa. **Vida e Passado de Santo Amaro**. Imprensa Oficial da Bahia, 1950.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOLANDA, Frederico de. **O Espaço de Exceção**. 2^a Edição. Brasília: FRBH, 2018.
- KARENZA, Maulana. *Afrocentricity and multicultural edication*. In: MAZAMA, Ama (org.). *The Afrocentric paradigm*. Trenton, NJ: Africa World Press, 2003, p. 73-94.
- JESUS, Murillo Pereira de. **Bembé do Mercado em Santo Amaro: política, gestão cultural e a economia da cultura e criativa nas festas das religiões de matriz africana**. (Mestrado – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Orientador Profº. Dr. Paulo Miguez. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia). Salvador: 2021.
- LEAL, Herundino Costa. **Vida e Passado de Santo Amaro**. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1950.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Tradução: Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edição 70, 1960.
- MACHADO, Ana Rita de Araújo. **Bembé do Largo do Mercado: Memória sobre o 13 de Maio**. Dissertação (Mestrado – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Orientador Profº. Dr. Jocélio Teles dos Santos. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia). Salvador: Biblioteca CEAO, 2009.
- _____. **O Bembé e suas especificidades**. In: BAHIA. Secretaria de Cultura. IPAC. **Bembé do Mercado**. Coordenação de Antônio Roberto Pellegrino Filho; textos de Ana Rita de Araújo Machado et. al. Salvador: Fundação Pedro Calmon; IPAC, 2011. p. 41-102.
- MARTINS, Leda Maria. **Afrografia da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. 2 ed. rev. e atual. São Paulo: Perpectiva; Belo Horizonte (MG): Mazza Edições, 2021.
- MAZAMA, Ama. **A afrocentricidade como um novo paradigma**. In: NASCIMENTO, Elisa Narkin (org.). Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora. Coleção Sankofa, v. 4. São Paulo: Editora Selo Negro, 2009. p. 111-127.
- NASCIMENTO, Abdias do. **Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira**. In: NASCIMENTO, Elisa Narkin (Org.). Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora. Coleção Sankofa, v. 4. São Paulo: Editora Selo Negro, 2009. São Paulo: Editora Selo Negro, 2009. p. 197-218.

- NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Olojá: Entre encontros, - Exu, o senhor do mercado.** Revista DasQuestões, n° 4, ago/set 2016.
- NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa.** In Feminismos Plurais. Djamila Ribeiro (coordenadora). São Paulo, Editora Jandaíra, 2020.
- PAIM, Zilda. **Isto é Santo Amaro.** Imprensa Oficial, 1951.
- PEDREIRA, Pedro Tomás. **Memória Histórico-Geográfico de Santo Amaro.** Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1977.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- RÊGO, Jussara. **Territórios do candomblé: a desterritorialização dos terreiros na Região Metropolitana de Salvador, Bahia.** In: GeoTextos: Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFBA – V. 2, N. 2, pg. 31-85. Salvador, EDUFBA, 2006.
- REIS, João José. **Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão.** Revista Tempo. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1996 p. 7-33.
- REIS, Nestor Goulart. **Evolução Urbana do Brasil: 1500/1720.** São Paulo: Editora Pini, 2000.
- ROSA, Allan Santos da. **Águas de Homens Pretos – Imaginário, Cisma e Cotidiano Ancestral (São Paulo, séculos XIX ao XXI).** Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação Cultura, Filosofia e História da Educação; Orientador Profº. Dr. Marcos Ferreira Santos. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo). São Paulo: USP, 2021.
- ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade.** Tradução: Eduardo Brandão. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Módula Editorial, 2019.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. Mapeamento dos Terreiros. **Os candomblés da Bahia no século XXI.** In: SANTOS, Jocélio Teles dos (Org.) Mapeamentos dos Terreiros de Salvador. Salvador: UFBA, Ceao, 2008. p. 14-32.
- _____. **Geografia Religiosa Afro-Baiana no Século XIX.** Revista VeraCidade, Ano IV - n° 5, Outubro de 2009.
- SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagôs e a morte: Pàde, Ásèṣè e o culto Égun na Bahia.** 14. Ed. Petrópolis, Vozes, 2012.
- SANTOS, Micênio. 13 de Maio, 20 de novembro: **Uma descrição da construção de símbolos raciais e nacionais.** Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia; Orientador Profº. Dr. Marcos Ferreira Santos. Instituto de Filosofia e

- Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Record, 2001.
- SILVA, Maria Alice Pereira da. **Pedra de Xangô: um lugar sagrado afrobrasileiro na cidade de Salvador**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Orientador Profº. Dr. Fábio Velame. Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia). Salvador, 2017.
- SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- _____. **O Terreiro e a Cidade: a Forma Social Negro-brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **O conceito de território da Geografia**. GeoTextos, vol. 20 n. 1, Julho 2024.
- VELAME, Fábio Macêdo. **A Arquitetura do Terreiro de Candomblé de culto aos Egum: O Omo Ilê Aboulá. Um Templo da Ancestralidade Afro-brasileira**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Orientador Profº. Drº. Odete Dourado. Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia). Salvador, 2007.
- VELHO, Gilberto. **Patrimônio, Negociação e Conflito**. Rio de Janeiro, Revista Mana, Volume: 12, Nº: 1, 2006. p. 237-248.
- QUERINO, Manuel. **O colono preto como fator da civilização brasileira**. (Memoria apresentada ao 6º Congresso Brazileiro de Geographia, reunido em Belo Horizonte). Bahia: Imprensa Official do Estado, 1918.

FILME/CURTA METRAGEM

- LIMA, Lais. **Yabás: Mulheres do Bembé do Mercado**. Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – CECULT, UFRB. Santo Amaro, 2020.

GLOSSÁRIO

Abiã – O neófito no Candomblé, que frequenta o terreiro, mas sem ser iniciado no culto.

Adupé - Termo Iorubá que significa obrigado, agradecimento.

Ajeun – Termo Iorubá que significa comer junto, refeição.

Amalá – Comida votiva do Orixá Xangô.

Arramunha – Toque ou ritmo do Candomblé.

Atabaque – Instrumento de percussão. No Candomblé, são três: rum (o maior, que faz os solos), rumpi (o do meio, faz a base do ritmo), e o lê (o menor, acompanha o rumpi).

Axé – Força vital.

Axoxô – Termo Iorubá, comida ritual do Orixá Oxóssi, feita com milho cozido, raspas de coco seco e melaço.

Ayiê – Termo iorubá que quer dizer, plano físico, local em que vivemos, Terra.

Babaláwo – Termo Iorubá, o mesmo que Babalaô. Sacerdote que se dedica ao culto de Ifá.

Babalorixá – Líder sacerdotal de um terreiro de Candomblé, o mesmo que Pai de Santo.

Babaquequerê – Segunda pessoa na hierarquia de um terreiro de Candomblé, o mesmo que Pai Pequeno.

Caboclo – Nas religiões afro-brasileiras, espíritos de ancestrais indígenas.

Candomblé – Religião afrobrasileira que cultua entidades espirituais ligadas à natureza e às forças vitais.

Deká – Termo Iorubá que designa ao iniciado no Candomblé o direito de exercer o sacerdócio.

Ebó – Oferenda ritualística.

Ebô – Termo Iorubá, comida ritual do Orixá Oxalá, feita de milho branco cozido sem tempero.

Egbé – Termo Iorubá que significa comunidade.

Egun – Ancestral, espírito de pessoal falecida.

Ekédi – Cargo ritualístico do Candomblé.

Esè - Termo Iorubá que significa pé.

Exu – Orixá central na cosmologia Iorubá, princípio existencial, mensageiro, aquele que come primeiro, que tudo move, embaralha e organiza.

Funfun – Termo Iorubá que significa branco.

Gira de Caboclo – Ritual umbandista.

Ialorixá – Líder sacerdotal de um terreiro de Candomblé, o mesmo que Mãe de Santo.

- Iemanjá** – Divindade dos mares, ligada à fertilidade, à maternidade, ao equilíbrio emocional.
- Ifá** – Sistema divinatório e religioso de origem Iorubá.
- Igbá** – Termo Iorubá, recipiente sagrado que guarda objetos de culto a um Orixá.
- Igbá Odú** – Na cosmologia Iorubá, refere-se a uma cabaça sagrada, que simboliza o *Ayiê* (a terra, metade inferior) e o *Orun* (o céu, metade superior);
- Ilê** – Termo Iorubá que significa casa.
- Inquice** – Divindade do candomblé dos ritos Congo/Angola.
- Itam** – Contos mitológicos da cosmologia Iorubá.
- Laroyê** – Saudação ao Orixá Exu, que quer dizer “Salve, Mensageiro！”, ou “olhe por mim”.
- Maculelê** – Manifestação cultural afrobrasileira em forma de dança, que simula uma luta de bastões, originária da cidade de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano.
- Mojubá** – Saudação aos Orixás, que pode ser traduzida como “meu respeito”.
- Nanã** – Divindade dos mangues, ligada à transformação, guardiã da vida e da morte.
- Obi** – Um fruto, noz-de-cola, utilizado na consulta espiritual nas religiões afrobrasileiras.
- Odoiyá** – Termo Iorubá que significa Mãe das Águas.
- Ogã** – Título e cargo do Candomblé.
- Ogum** – Divindade dos caminhos, associada ao ferro, ao trabalho, à tecnologia, à guerra, no sentido do agir, da transformação.
- Olorum** - Ser Supremo na cosmologia Iorubá.
- Ori** – Termo em iorubá que significa cabeça.
- Orixá** – Divindade sagrada do panteão Iorubá.
- Orô** – Ritual do Candomblé.
- Orum** – Plano espiritual, o além.
- Òsì** - Termo Iorubá que significa esquerdo, ou lado esquerdo.
- Orunmilá** – Divindade, Senhor de Ifá, da sabedoria, das práticas de adivinhação.
- Oxé** – Machado de dois gumes idênticos, simbolizando a justiça, ferramenta do Orixá Xangô.
- Oxóssi** – Divindade associada às matas, à caça e à fartura.
- Oxum** – Divindade das águas doces, dos rios e cachoeiras, associada ao amor, à beleza, à fertilidade.
- Òtún** – Termo Iorubá que significa direito, ou lado direito.
- Padê** – Ritual das religiões afro-brasileiras em favor de Exu, que antecede outros rituais (*xirê*s, ebós, orôs, etc).
- Pemba** – Giz ou pó calcário, utilizado em rituais do Candomblé ou da Umbanda.
- Quartinha** – Pequeno recipiente de cerâmica, utilizado para armazenar água.

Terreiro – Espaço físico que engloba uma comunidade religiosa afrobrasileira, Casa do Axé.

Umbanda - Religião afrobrasileira que combina elementos dos cultos do candomblé, do cristianismo e do espiritismo.

Voduns – Divindades do Candomblé Jeje, originários do antigo Daomé, atual Benim, na África.

Xangô - Divindade associada à justiça, ao fogo, aos raios e ao trovão.

Xirê – Termo iorubá que significa roda, refere-se à dança sagrada dos Orixás.

Yá – Termo iorubá que significa mãe.

Yabá – Mãe Rainha, utilizado nas religiões afrobrasileiras para se referir às Orixás femininas.